MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

THAÍSA RAPHAELA DE FREITAS REVORÊDO CARDOSO

NARRATIVAS VIVAS: TRADIÇÃO ORAL E LETRAMENTO LITERÁRIO NO CHÃO DE UMA ESCOLA QUILOMBOLA

NATAL – RN
2025

THAÍSA RAPHAELA DE FREITAS REVORÊDO CARDOSO

NARRATIVAS VIVAS: TRADIÇÃO ORAL E LETRAMENTO LITERÁRIO NO CHÃO DE UMA ESCOLA QUILOMBOLA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área Linguagens e Letramentos e linha de Pesquisa em Teorias da Linguagem e Ensino, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Pós-Doutor Derivaldo dos Santos.

NATAL – RN

2025

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Cardoso, Thaisa Raphaela de Freitas Revoredo.
Narrativas vivas: tradição oral e letramento literário no chão de uma escola quilombola / Thaisa Raphaela de Freitas Revoredo Cardoso. - Natal, 2025.
189 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras. Natal, RN, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Derivaldo dos Santos.

1. Tradição oral - Dissertação. 2. Narrativas - Dissertação. 3. Quilombola - Dissertação. I. Santos, Derivaldo dos. II. Título.

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/710

THAÍSA RAPHAELA DE FREITAS REVORÊDO CARDOSO

NARRATIVAS VIVAS: TRADIÇÃO ORAL E LETRAMENTO LITERÁRIO NO CHÃO DE UMA ESCOLA QUILOMBOLA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área Linguagens e Letramentos e linha de Pesquisa em Teorias da Linguagem e Ensino, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Natal, 07 de novembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Pós-Doutor Derivaldo dos Santos
Presidente da banca (UFRN)

Profa. Dra. Edna Maria Rangel de Sá
Membro interno (UFRN)

Profa. Dra. Gabriella Kelmer de Menezes Silva
Membro externo (IFRN)

AGRADECIMENTOS

A realização desta pesquisa não teria sido possível sem a colaboração generosa de tantas pessoas que, de diferentes formas, contribuíram para que este trabalho se tornasse real.

A cada um que dedicou seu tempo, apoio e atenção, registro minha mais profunda gratidão, pois este trabalho se enriqueceu com valiosas partilhas de saberes.

Expresso minha sincera gratidão a todos que compartilharam suas memórias e, de forma generosa, acolheram a proposta de construção deste caderno, em especial aos colaboradores Elineide, José Baracho e Thiago Câmara.

Agradeço à minha família - mãe, padrasto e esposo - pelo apoio constante e, sobretudo, pelo amparo oferecido ao longo do caminho que escolhi trilhar. De modo especial, agradeço ao meu filho Arthur, fonte de inspiração, porto seguro, cuja presença alegra minha vida e por quem caminhei até aqui.

Estendo meus agradecimentos também à Direção da escola que, com toda paciência e generosidade abraçou esta proposta de trabalho. Aos colegas docentes que gentilmente cederam parte de seus horários e contribuíram com valiosas ideias para a realização das atividades.

Aos colegas de turma 9 do PROFLETRAS pelas contribuições, carinho, trocas e atenção. E à comunidade escolar, que apoiou e incentivou esta iniciativa.

Aos colegas Emerson e Ewerton que, de forma especial, ajudaram e acalmaram meu coração quando eu mais precisava.

Ao colega Emerson, mais uma vez, gratidão pela correção deste trabalho.

Agradeço à coordenadora, Dra. Alana Drizie, pela forma exemplar com que conduziu tão bem o programa, e aos professores do PROFLETRAS, que nortearam caminhos e enriquecerem a minha aprendizagem. De modo especial, registro minha gratidão aos professores de literatura que, com sua dedicação e sensibilidade, despertaram em mim um amor duradouro pela arte literária, em particular, à professora Dra. Edna Rangel, ao professor Dr. Fábio Marcolino e professor pós-doutor Derivaldo dos Santos por tantas contribuições valiosas ao longo desta trajetória.

Expresso minha gratidão especial ao meu orientador, professor pós-doutor Derivaldo dos Santos, cuja competência acadêmica, dedicação e confiança foram fundamentais para a realização deste trabalho. Sua escuta atenta, suas orientações precisas e a santa paciência não apenas enriqueceram este trabalho, como também fortaleceram

minha caminhada acadêmica e pessoal.

Registro minha gratidão aos meus alunos do 9º ano do CERU, cuja colaboração foi essencial e deu vida às narrativas aqui reunidas. Sem a dedicação de cada um, este trabalho seria real. Estendo também meu agradecimento às pessoas da comunidade que colaboraram com as narrativas locais.

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora pela luz, força e proteção ao longo desta caminhada, que tornaram possível a realização deste trabalho.

A literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos, ajudando-nos a tomar posição em face deles.

Antonio Candido

RESUMO

A oralidade, desenvolvida naturalmente desde a primeira idade, é um importante elemento de preservação da identidade cultural nas comunidades quilombolas, mostrando sua ligação com o letramento literário no chão da sala de aula. Este trabalho partiu do pressuposto de que a fala e a cultura oral são essenciais para a transmissão dos saberes populares, valores, crenças e narrativas que atravessam gerações. Assim, para promover a formação de leitor reflexivo, a pesquisa valorizou a bagagem cultural do estudante, desenvolvendo atividades que integrassem a tradição oral na literatura. Diante disso, a metodologia utilizada foi a pesquisa-ação de vertente etnográfica, realizada com alunos do 9º ano da Escola Municipal Professor José Tito Júnior (CERU), localizada na comunidade quilombola Coqueiros, em Ceará-Mirim. O presente trabalho justifica-se pela necessidade de valorizar a identidade cultural de grupos historicamente marginalizados, destacando a tradição oral como meio de transmissão de saberes, valores e experiências coletivas. Por meio de práticas de letramento contextualizadas e significativas, busca-se fortalecer a compreensão dos estudantes sobre sua própria cultura, promover reflexão crítica e reconhecer a diversidade sociocultural, consolidando a educação como instrumento de preservação cultural e de promoção da memória coletiva. Assim, o objetivo geral foi contribuir para resguardar a cultura e a tradição oral negra desse círculo social, integrando tais práticas no desenvolvimento do letramento literário, de modo a reforçar a herança cultural e formar leitores reflexivos no ambiente escolar. A fim de atingir os objetivos propostos deste trabalho, adotou-se como embasamento teórico a concepção de leitor reflexivo, segundo Rouxel (2012), bem como a função social e a pertinência da literatura, conforme Candido (2004), Jouve (2012) e Compagnon (2009), além das reflexões de Todorov (2010). No tocante à cultura, fundamentamo-nos em Bosi (1987, 1992, 2002) e Certeau (2005). No que concerne à literatura oral e suas principais características, recorreremos a Cascudo (2006).). No âmbito da poesia oral, consideramos os aportes de Andrade (1971) e Zumthor (1997;1993), a fim de refletirmos acerca da tradição e da oralidade. Sob a ótica da identidade, utilizamos Castells (2018), enquanto a perspectiva da literatura africana, foi analisada a partir de Leite (2012). Por fim, no âmbito do estudo da leitura e do letramento literário, o presente trabalho fundamenta-se nas contribuições de Cosson (2022; 2023), Em síntese, as ações desenvolvidas ao longo das sequências didáticas revelaram-se de grande relevância, proporcionando uma experiência formativa significativa para os discentes da escola pública, especialmente para aqueles pertencentes à comunidade quilombola Coqueiros. Mais do que ampliar o repertório cultural, essas atividades promoveram o reconhecimento da tradição oral como patrimônio imaterial. Esse processo de ensino-aprendizagem possibilitou aos participantes a percepção de pertencimento ao seu lugar na história e na memória da comunidade, representando uma oportunidade de aprendizado e reflexão também para a docente, consolidando a importância do trabalho coletivo voltado à preservação da memória e da identidade cultural.

Palavras-chave: Tradição oral. Narrativas. Cultura. Identidade. Quilombola.

ABSTRACT

Orality, developed naturally from an early age, is an important element in preserving cultural identity in quilombola communities, demonstrating its connection with literary literacy in the classroom. This study was based on the assumption that speech and oral culture are essential for the transmission of popular knowledge, values, beliefs, and narratives that span generations. Thus, to promote the formation of reflective readers, the research valued the cultural background of students, developing activities that integrated oral tradition into literature. Given this, the methodology used was ethnographic action research, carried out with 9th-grade students at the Professor José Tito Júnior Municipal School (CERU), located in the quilombola community of Coqueiros, in Ceará-Mirim. This work is justified by the need to value the cultural identity of historically marginalized groups, highlighting oral tradition as a means of transmitting knowledge, values, and collective experiences. Through contextualized and meaningful literacy practices, it seeks to strengthen students' understanding of their own culture, promote critical reflection, and recognize sociocultural diversity, consolidating education as an instrument for cultural preservation and the promotion of collective memory. Thus, the overall objective was to contribute to safeguarding the culture and oral tradition of Black people within this social circle, integrating such practices into the development of literary literacy, in order to reinforce cultural heritage and form reflective readers in the school environment. In order to achieve the proposed objectives of this work, the theoretical basis adopted was the concept of the reflective reader, according to Rouxel (2012), as well as the social function and relevance of literature, according to Candido (2004), Jouve (2012), and Compagnon (2009), in addition to the reflections of Todorov (2010). With regard to culture, we base our work on Bosi (1987, 1992, 2002) and Certeau (2005). With regard to oral literature and its main characteristics, we refer to Cascudo (2006). In the context of oral poetry, we consider the contributions of Andrade (1971) and Zumthor (1997; 1993), the latter of which also concerns oral culture and tradition. From the perspective of identity, we use Castells (2018), while the perspective of African literature was analyzed based on Leite (2012). Finally, in the context of reading and literary literacy, we rely on Cosson (2022; 2023). In summary, the actions developed throughout the teaching sequences contributed significantly and provided a transformative experience for public school students, especially those from the Coqueiros quilombo community. More than just expanding their cultural repertoire, these activities promoted the recognition of oral tradition as intangible heritage. Whe believe that teaching-learning process enabled participants to perceive their place in the history and memory of the community, representing an opportunity for learning and reflection for the teacher as well, consolidating the importance of collective work aimed at preserving memory and cultural identity.

Keywords: Oral tradition. Narratives. Culture. Identity. Quilombola.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CERU - Centro de Educação Rural

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

IFRN - Instituto Federal do Rio Grande do Norte

CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Registro fotográfico da comunidade quilombola Coqueiros..... 75
Figura 02 Registro fotográfico da comunidade quilombola Coqueiros..... 75
Figura 03 Registro fotográfico da escola de Ensino Fundamental II – CERU..... 76
Figura 04 Registro fotográfico da escola de Ensino Fundamental II – CERU..... 76
Figura 05 Registro da 1ª sequência didática na escola CERU..... 80
Figura 06 Registro da 1ª sequência didática na escola CERU..... 80
Figura 07 Registro da 1ª sequência didática na escola CERU..... 81
Figura 08 Registro da 1ª sequência didática na escola CERU..... 81
Figura 09 Registro do "Mapa da Memória" 82
Figura 10 Registro da entrevista com Thiago Januário 83
Figura 11 Registro da entrevista com José Baracho..... 83
Figura 12 Registro da entrevista com Elineide Nascimento..... 84
Figura 13 Registro do local de uma narrativa oral por Elineide Nascimento..... 84
Figura 14 Desenvolvimento da atividade proposta na sequência didática 2 97
Figura 15 Desenvolvimento da atividade proposta na sequência didática 2 97
Figura 16 Apresentação da proposta da atividade da sequência didática 3..... 98
Figura 17 Apresentação da proposta da atividade da sequência didática 3..... 98
Figura 18 Apresentação da proposta da atividade da sequência didática 4..... 120
Figura 19 Apresentação da proposta da atividade da sequência didática 4. 120
Figura 20 Apresentação do poema da literatura negra da sequência didática 4..... 121
Figura 21 Poema desenvolvido pelos alunos na sequência didática 4..... 121

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA 20
2.1 Contextualização das comunidades quilombolas no Brasil 20
2.2 Uma visão panorâmica das comunidades quilombolas 22
2.3 Desafios e resistências históricas e atuais 24
3 CULTURA BRASILEIRA E DIVERSIDADE CULTURAL 26
3.1 Conceito de cultura 26
3.2 Cultura brasileira e identidade nacional 28
3.3 Políticas públicas para a diversidade cultural 31
3.4 Gêneros da tradição oral 32
3.5 Griots e contadores de histórias 35
4 IDENTIDADE BRASILEIRA E SUA DIVERSIDADE 37
4.1 Formação da identidade nacional 37
4.2 Oralidade e representações sociais 39
5 LETRAMENTO LITERÁRIO NO ESPAÇO ESCOLAR 42
5.1 A literatura e o ensino 42
5.2 Letramento literário e práticas escolares 46
5.3 Cultura oral e letramento literário 48
5.4 Letramento literário e a literatura oral na escola 50
6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS 52
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 69
REFERÊNCIAS 72
APÊNDICES 75
Apêndice A – Registro fotográfico da comunidade Coqueiros 75
Apêndice B – Registro fotográfico da escola CERU 76
Apêndice C – Cronograma de atividades 77
Apêndice D – Roteiro de entrevista da sequência didática 2 79
Apêndice E – Aplicação da sequência didática 1 80
Apêndice F – Mapa da Memória da sequência didática 1 82
Apêndice G – Entrevista com os moradores da comunidade quilombola Coqueiros 83

Apêndice H – Produção dos alunos na sequência didática 2.....85
Apêndice I – Apresentação da atividade da sequência didática 3 98
Apêndice J – Proposta de atividade da sequência didática 3 99
Apêndice K – Atividades realizadas pelos alunos na sequência didática 4.....120
Apêndice L – Parecer da Plataforma Brasil..... 122
Apêndice M – Termos de autorização para gravação de voz e registro de imagens (fotos e/ou vídeos) 129
Apêndice N – Produto da dissertação: Caderno de Memórias.....135
ANEXOS..... 170
Anexo A – Contos locais de Câmara Cascudo trabalhados em sala de aula 167
Anexo B – Poemas e conto de Conceição Evaristo.....180
Anexo C – Letras das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.....186
Anexo D – Certidão de autodefinição quilombola..... 188
Anexo E – Tabela 21 – Índice de envelhecimento da população residente, total e Quilombola, por localização em Territórios Quilombolas.....189

1 INTRODUÇÃO

A comunicação é essencial para a vida em sociedade, pois permite a troca de informações, ideias e sentimentos entre as pessoas. A palavra, como forma principal de comunicação verbal, é fundamental para a interação social, construção de vínculos, resolução de problemas e transmissão de valores culturais, contribuindo para o desenvolvimento da identidade individual e coletiva.

Nesse contexto, a literatura também se apresenta como uma forma significativa de comunicação, possibilitando o relato de experiências, emoções e tradições, e fortalecendo a transmissão de saberes e valores culturais. Assim, temos a literatura brasileira oral, descrita por Cascudo (2006), como a junção de elementos culturais herdados das raízes étnicas do país, preservando a memória e a cultura de um povo.

Dentre as suas várias modalidades de transmissão de conteúdo ou conhecimento e valores entre os indivíduos, encontra-se a oralidade, que ocorre desde a primeira idade, constituindo a cultura oral. Essa transmissão oral de saberes preserva um conjunto de valores não materiais advindo do povo e produzido por ele, transmitido como conhecimento de geração a geração, podendo ser divulgada através de narrativas como mitos, lendas, canções, poemas, versos e entre outros.

Percebemos que a voz carrega uma identidade própria, já que ressoa memórias e significados. Essa vocalidade, apontada por Zumthor (1997), não se trata apenas do som, mas criação, pois reúne vida e silêncio, conflito e paz, mostrando o poder criador da palavra falada.

É justamente nessa dimensão da voz e da sua capacidade de transmitir sentidos que se insere a tradição oral, prática coletiva presente em comunidades quilombolas, onde o legado é deixado pelos mais velhos, constituindo a herança cultural desses grupos. Em vista disso, é possível encontrar resquícios históricos que formam a identidade desse povo, através dessa tradição oral, transformando os estudantes em leitores reflexivos. Tais leitores são aqueles que não leem um texto passivamente, mas se envolvem com ele, interpretando, compreendendo e pensando criticamente sobre o assunto, seu objetivo é a reflexão do mundo, com uma leitura crítica e aprofundada.

Para esse leitor reflexivo, é possível perceber o texto de forma mais pensativa, aprofundada, não ficando preso àquilo que está somente escrito, ou seja, não é apenas um processo de decodificação de palavras, mas uma relação com o outro e consigo mesmo.

Além disso, também existe a necessidade de considerar a subjetividade do leitor o processo de ensino da literatura, não como uma ação cognitiva, mas é preciso que o leitor seja envolvido de forma subjetiva, em que o aluno possa se expressar de maneira pessoal, trazer suas próprias reflexões no ato de ler.

Nessa perspectiva, há conceitos relevantes sobre a leitura cursiva e a analítica. Para Rouxel (2012, p. 275), “a leitura analítica pretende formar um leitor capaz de responder às injunções do texto, e esse leitor não tem nenhuma voz enquanto sujeito sobre o assunto.” Em outras palavras, essa leitura analítica é mais escolarizada, com uma interpretação voltada ao que o texto determina, com pouco espaço para a interpretação pessoal, ou seja, o sujeito que lê não tem a oportunidade de se expressar subjetivamente, com suas reflexões e seus pontos de vista. Fundamentando-se nesse conceito, observa-se a leitura cursiva, que, de acordo com Rouxel (2012, p. 276), “a leitura é autônoma e pessoal, ela autoriza o fenômeno da identificação e convida a uma apropriação singular das obras, favorecendo outra relação com o texto, significa um desejo de levar em conta os leitores reais.”

Nesse sentido, o ato da leitura é centrado no sujeito, podendo ser livre para expor suas reflexões, histórias, pontos de vista e experiência, fora das exigências escolares. Esse tipo de leitor consegue se reconhecer no texto, se identifica permitindo uma leitura mais agradável e significativa, pois é valorizado de forma singular, ou seja, como ele é, além de suas bagagens culturais, assim como deverão ser valorizadas em uma comunidade quilombola.

Nesse sentido, o ato da leitura deve ser centrado no sujeito, permitindo-lhe expressar livremente suas reflexões, histórias, pontos de vista e experiências, independentemente das exigências escolares. Esse tipo de leitor consegue se reconhecer no texto e estabelecer identificação, tornando a leitura mais significativa e prazerosa, ao ser valorizado de forma singular, considerando tanto sua bagagem cultural quanto sua individualidade, aspectos que devem ser igualmente valorizados em comunidades quilombolas.

Nesse contexto, a prática de uma leitura pessoal, que respeita essas experiências e saberes, contribui para a formação de leitores mais sensíveis e críticos, capazes de perceber prazer na leitura e de relacionar essa vivência literária à sua própria experiência.

Diante desse quadro, configura-se o leitor subjetivo, compreendido como aquele que constrói sentidos a partir de sua própria experiência, mobilizando sua sensibilidade, memória e bagagem cultural no encontro com o texto.

Consequentemente, enquanto agente ativo desse processo, esse leitor percebe na sua própria experiência que essa leitura é mais significativa. Desse modo, conforme evidencia Rouxel (2012), é na relação estabelecida entre o mundo da obra e a vivência do leitor que dessa leitura surge o significado e passa a ser um fragmento do percurso pessoal desse sujeito. Isto é, para o leitor reflexivo, a leitura só adquire sentido à medida que ele reflete, se reconhece e se emociona, de modo que seja uma experiência significativa e afetiva. Assim, a leitura se desenvolve de maneira mais ativa e profunda, levando o leitor a se envolver com as palavras, emocionar-se ao interagir com o texto e, consequentemente, tornar-se mais experiente e capaz de reconhecer vários sentidos

do mundo que o cerca.

Com base nisso, o leitor reflexivo compreende que o ato de ler ultrapassa o que está escrito no papel: envolve um ensino de leitura literária que possibilita uma abordagem significativa e crítica do texto, indo além da simples decodificação de palavras para alcançar a interpretação de seus múltiplos sentidos.

Em vista disso, o objeto desta pesquisa - a literatura oral — insere-se no letramento literário e nele se configura como expressão da cultura popular. A esse respeito, Cosson (2022) afirma que a leitura realizada na escola difere daquela feita por prazer, embora ambas estejam relacionadas. É ideal que a leitura escolar seja planejada de acordo com os objetivos formativos dos alunos, reconhecendo a sua função específica no contexto educativo. Desse modo, destaca-se que a escola deve ensinar literatura porque, muitas vezes, constitui o único contato dos alunos com a leitura literária, o que reforça a importância de formar leitores capazes de compreender seu papel social.

O papel social da literatura vai além de sua função estética, de entretenimento ou do conhecimento contido nas obras, pois fomenta reflexões e questionamentos na sociedade. Ela possibilita ao leitor aprofundar-se em outras culturas, ampliando suas perspectivas, desenvolvendo novas reflexões e experiências humanas.

Nessa perspectiva, a justificativa deste trabalho surgiu pela necessidade de valorizar a identidade cultural de grupos historicamente marginalizados, destacando a tradição oral como meio de transmissão de saberes, valores e experiências coletivas. Por meio de práticas de letramento contextualizadas e significativas, busca-se fortalecer a compreensão dos estudantes sobre sua própria cultura, promover reflexão crítica e reconhecer a diversidade sociocultural, consolidando a educação como instrumento de preservação cultural e de promoção da memória coletiva. Nesse contexto, como observa Bosi (1987), a identidade cultural representa um legado de tradições e valores que, ao ser recriado continuamente, possibilita a afirmação da identidade de um grupo em meio às transformações históricas e sociais. Diante das ações desenvolvidas, procuramos contribuir para a formação cidadã do aluno de escolas públicas e de comunidades carentes social e economicamente, a fim de refletir acerca do reconhecimento cultural, do fortalecimento da identidade desses povos e da formação de leitores reflexivos, críticos e conscientes, capazes de trazer suas próprias reflexões no ato de ler, além se suas bagagens culturais, assim como deverão ser valorizadas em uma comunidade quilombola.

Nessa discussão, é fundamental a compreensão de que há, no espaço cultural brasileiro, diferentes culturas, de modo que se pode falar em diversidade cultural no país, resultado da pluralidade de grupos e etnias que marcaram fortemente a identidade nacional. O conceito de cultura, segundo Bosi (1992), surge na transmissão da herança de valores e objetos compartilhada por um grupo social relativamente unido. Ela sempre será uma herança coletiva, com valores e crenças compartilhados socialmente.

A motivação para a escrita deste trabalho surgiu da preocupação e da necessidade de pensar sobre o papel da oralidade e da leitura no fortalecimento da identidade cultural, principalmente em comunidades quilombolas, onde a tradição oral resiste como herança coletiva e preservação de memórias. Com isso, reconhecendo que o espaço escolar, muitas vezes, é o único espaço de acesso dos estudantes à literatura, surgiu a necessidade de repensar as práticas pedagógicas que valorizem o traço cultural local, além de favorecer um letramento literário mais significativo.

Com base nas discussões apresentadas acima, esta dissertação tem como objetivo principal contribuir para a valorização e o reconhecimento da tradição oral da comunidade quilombola Coqueiros, promovendo o aprendizado do letramento literário, com o propósito de fortalecer a indetidade sociocultural dos estudantes e formar leitores críticos e reflexivos.

Delimitou-se, ainda, o objetivo geral de contribuir para resguardar a cultura e a tradição oral negra desse círculo social, integrando tais práticas no desenvolvimento do letramento literário, de modo a reforçar a herança cultural e formar leitores reflexivos no ambiente escolar. Já os específicos foram organizados da seguinte forma: incentivar o reconhecimento e a transmissão das narrativas e saberes tradicionais da comunidade por meio da tradição oral; desenvolver práticas de leitura e escrita em diálogo com a cultura local, de modo a aproximar o letramento literário das vivências e conhecimentos comunitários; promover sequências didáticas integrando rodas de conversa, músicas, contação de histórias, produção poética, apresentação de dança, com vistas a sensibilizar os participantes acerca da relevância da preservação do patrimônio cultural imaterial quilombola; e, por fim, elaborar coletivamente um Caderno de Memórias da comunidade e a gravação das narrativas no Spotify.

Nesse contexto, a cultura oral foi analisada na comunidade quilombola Coqueiros, localizada em Ceará-Mirim, com os estudantes do 9º ano, Ensino Fundamental II, da Escola Municipal Professor José Tito Júnior – CERU[1]. Tal comunidade é reconhecida como quilombola desde 2017. Aqui, tratamos a tradição oral como um importante traço cultural e histórico desse local, visto que contribui para a conservação da identidade cultural.

Para alcançar os objetivos mencionados, a partir da pesquisa-ação de vertente etnográfica, os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos em etapas, divididas em quatro sequências didáticas, da seguinte maneira: a primeira, consistiu em um mapeamento das tradições orais na comunidade, estimulando a escuta atenta dos alunos, trabalhando o letramento literário para formar leitores críticos e reflexivos, além de criar

[1]A Escola Professor José Tito Júnior passará a ser chamada de Professora Neuma Ferreira Januário, em homenagem à diretora falecida em dezembro de 2024.

o sentimento de pertencimento à comunidade através das memórias dos contos populares, vinculando a escola à comunidade. Também foi desenvolvida a contação de histórias locais e a produção de um Mapa da Memória da comunidade. A segunda sequência didática consistiu no registro e na documentação das narrativas orais, por meio da realização de entrevistas com moradores da comunidade, acompanhadas da gravação dessas histórias e da sua socialização entre os discentes. Essa etapa teve como finalidade fundamentar narrativas pelos estudantes, posteriormente complementadas com produções ilustrativas.

Para a terceira atividade, foram realizadas leitura de um conto e de poemas de Conceição Evaristo, seguidas de reflexões críticas a respeito dessa produção para a literatura negra. Posteriormente, desenvolveu-se uma atividade de análise desses textos, a qual possibilitou ampliar a compreensão acerca das temáticas centrais. Na etapa seguinte, os participantes ouviram músicas de Luiz Gonzaga e Emicida, de modo a promover reflexões mais aprofundadas sobre a importância do reconhecimento do sujeito como leitor reflexivo, crítico e participativo, bem como a respeito do papel da literatura negra na valorização da identidade do grupo.

A quarta sequência didática teve como propósito promover a valorização da cultura popular nordestina e da literatura negra por meio da dança, oralidade e leitura crítica que possibilitou aos alunos o contato com a arte como exercício de valorização cultural, fortalecimento da identidade, resistência e memória coletiva do grupo, através da dança "ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga e da produção de poema da literatura negra, utilizando a oralidade como recurso de expressão e instrumento de resistência cultural.

A fim de atingir os objetivos propostos deste trabalho, foi adotada para o embasamento teórico a concepção de leitor reflexivo, segundo Rouxel (2012), bem como a função social e a pertinência da literatura, conforme Candido (2004), Jouve (2012) e Compagnon (2009), além das reflexões de Todorov (2010). No tocante à cultura, fundamentamo-nos em Bosi (1987, 1992, 2002) e Certeau (2005). No que concerne à literatura oral e suas principais características, recorreremos a Cascudo (2006). No âmbito da poesia oral, consideramos os aportes de Andrade (1971) e Zumthor (1997;1993), a fim de refletirmos acerca da tradição e da oralidade. Sob a ótica da identidade, utilizamos Castells (2018), enquanto a perspectiva da literatura africana, foi nalisada a partir de Leite (2012). Por fim, no âmbito do estudo da leitura e do letramento literário, o presente trabalho fundamenta-se nas contribuições de Cosson (2022; 2023).

Diante dessas considerações, observa-se que a oralidade na cultura negra representa um fator substancial para a preservação, resistência e transmissão dos saberes e identidades, como exemplo os Griots, que eram contadores de histórias e memórias que perpassavam gerações. Isso reafirma a identidade desses povos e mantém viva essa

sabedoria.

Ademais, temos a cultura popular transmitida pelo povo porque é produzida e aceita por eles mesmos, como a música e a dança (Maculelê). Essa dança constitui um registro significativo da cultura afro-brasileira e indígena, cuja letra remete à memória dos negros escravizados e integra diversos elementos culturais, como crenças, costumes, contos populares, lendas, músicas e danças.

Diante desses conceitos, temos a tradição oral que desempenha um papel de grande relevância em comunidades quilombolas no que se refere ao poder cultural, já que há mudanças sociais, culturais e históricas, que possibilitam a preservação das suas tradições de maneira resistente à essas mudanças. Essa tradição é importante, pois é um dos principais meios de preservação, transmissão e resistência cultural.

A tradição oral africana apresenta uma fonte histórica rica, sendo de suma importância no âmbito das experiências de vida desses povos, expressando o que se pretende alcançar, seja através de música, dança, contos, lendas ou poemas. Com isso, a título de exemplo, destacamos o trecho da canção do Maculelê apresentada por Mestre Popó em entrevista cedida a Mutti (1968):

> Vamos todos louvar
> A nossa nação brasileira
> Viva a dona Isabel
> Ai meu Deus
> Que nos livrou do cativeiro!
> (Mutti, 1968)

Embora não tenha sido possível localizar a letra completa da canção atribuída a Mestre Popó, o trecho disponível já permite perceber a presença de ironia. A palavra "louvor", empregada na referência à Princesa Isabel e à abolição da escravidão, constitui, na verdade, uma crítica à liberdade incompleta concedida aos negros, evidenciando a permanência das desigualdades e da exclusão social no período.

Mesmo diante desse marco em nosso país, ainda hoje, a população negra continua na luta pelos direitos básicos – educação, igualdade, moradia, saúde e valorização cultural - e sua inclusão na sociedade, considerando que a influência das questões sociais e raciais permanece significativa.

Nesse contexto, destacam-se os griots, tradicionais contadores de histórias e guardiões da memória oral africana, cuja função é de preservar histórias, mitos e valores culturais de suas comunidades.

Com base no referencial teórico adotado, a presente dissertação está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentamos a introdução, que contempla o tema e a justificativa de sua relevância no contexto escolar e na comunidade, bem como a contextualização, os objetivos, a metodologia empregada e o referencial teórico que

fundamenta o estudo. No segundo capítulo, abordamos a contextualização da problemática da pesquisa, discutindo a trajetória histórica das comunidades quilombolas no Brasil, discorremos acerca da visão panorâmica: a Constituição de 1988 ao contexto contemporâneo e os desafios e resistências das comunidades quilombolas no contexto histórico e atual, destacando os desafios enfrentados até hoje. No terceiro capítulo, tratamos da cultura brasileira e diversidade cultural que, a partir disso, surgiu a discussão sobre as reflexões acerca do conceito de cultura; a diversidade e a identidade nacional da cultura brasileira; as políticas públicas para a valorização da diversidade cultural do país, os gêneros da tradição oral - contos, cantigas, provérbios, lendas -, além do papel dos Griots e contadores de histórias como guardiões da memória coletiva. No quarto capítulo, dedicamo-nos à análise da identidade do Brasil e sua diversidade na unidade, que abordou a discussão acerca da formação da identidade nacional: cultura oral, lendas, mitos e folclores; as contribuições africanas na construção da identidade brasileira e a oralidade e representações sociais de identidades marginalizadas no país. No quinto capítulo, abordamos o letramento literário e função da literatura no espaço escolar, discutindo a literatura e o ensino, a leitura e letramento literário como prática no cotidiano escolar, a relação entre cultura e o letramento literário e letramento literário e literatura oral na escola. No sexto capítulo, apresentamos a proposta de intervenção pedagógica, estruturada em quatro sequências didáticas, nas quais serão contemplados, também, contos e poemas pertencentes à cultura negra. Por fim, no sétimo capítulo, apresentamos as considerações finais, sintetizando os resultados e as contribuições do estudo.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

2.1 Contextualização das comunidades quilombolas no Brasil

Sabemos que as comunidades quilombolas no Brasil são resultados de resistência de povos negros escravizados. Esses povos vinham fugidos das fazendas à procura de sobrevivência, longe da vida escravizada, por isso também em busca de liberdade.

O quilombo, no Brasil, para Moura (2010, p. 87) "era incontestavelmente, a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região em que existia a escravidão." Em outras palavras, o quilombo não era apenas uma comunidade isolada, mas uma forma de resistência dos povos escravizados. Independente do seu tamanho, de sua forma, de lugar, é sempre uma forma de manifestar as lutas existentes e até mesmo a opressão, buscando sempre a liberdade.

De acordo com Moura (2010, p. 87):

> O quilombo aparecia onde quer que a escravidão surgisse. Não era simples manifestação tópica. Muitas vezes surpreende pela capacidade de organização, pela resistência que oferece; destruído parcialmente dezenas de vezes e novamente aparecendo, em outros locais, plantando a sua roça, constituindo suas casas, reorganizando a sua vida social e estabelecendo novos sistemas de defesa. O quilombo não foi, portanto, apenas um fenômeno esporádico, constituía-se em fato normal dentro da sociedade escravista, Era reação organizada de combate a uma forma de trabalho contra a qual se voltava o próprio sujeito que a sustentava. (Moura, 2010, p. 87)

Nesse sentido, os quilombos surgiam da luta pela liberdade, de forma coletiva e presente em todo o Brasil escravista, reestruturando-se continuamente e reorganizando sua vida social em busca de expressar a resistência, a dignidade e a autonomia dos povos negros.

Nesse contexto, segundo Moura (2010, p. 88):

> As fugas sucessivas que decorriam da própria situação do escravo, exigiam que se organizassem núcleos capazes de receber o elemento rebelde que necessitava, como é natural, de conviver com semelhantes para sobreviver. (Moura, 2010, p. 88)

As fugas não representavam apenas uma forma de sobreviver, de escapar fisicamente, significavam, sobretudo, refazer sua trajetória em comunidade. Assim, os quilombos surgem dessa necessidade de se apoiar coletivamente, de ser livre, preservando sua identidade e a sua dignidade.

A partir do exposto, apresentamos a comunidade quilombola Coqueiros, local de pesquisa-ação desta dissertação. Historicamente, seus moradores sempre tiveram uma boa relação com a terra e está situado às margens do vale de Ceará-Mirim, que representa um lugar de sobrevivência, já que muitas famílias tiram seu sustento de lá.

A comunidade Coqueiros está localizada em Ceará-Mirim, próxima à região litorânea da Costa leste do Rio Grande do Norte, perto das praias de Muriú, Porto Mirim e Jacumã. De acordo com o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2022, divulgado em dezembro de 2023, a população do município contava com 79.115 habitantes, incluindo aproximadamente 2.071 pessoas declaradas quilombolas, distribuídas em diversas comunidades, entre elas Coqueiros (IBGE, 2023). Ainda sobre esse Censo, há apenas uma tabela com o índice de envelhecimento da população residente total e quilombola, por localização em Territórios Quilombolas. Até setembro de 2025, os dados atualizados de Coqueiros ainda não estavam disponíveis no Censo.

Essa comunidade é composta por pessoas que vivem em comunidades rurais, suburbanas e urbanas caracterizadas pela agricultura de subsistência, pesca, pecuária, além da cultura da produção de produtos oriundos da mandioca, como beiju, tapioca e por manifestações culturais que têm forte vínculo com o passado africano, como a dança do Maculelê. A população é composta por pardos e negros. Nesse local, conforme mostram as figuras 1 e 2 do Apêndice A, encontram-se granjas, sítios, bares, restaurantes, escolas, centros comunitários, mercadinhos, igrejas e pracinhas. A estrada também mostra os antigos casarões, engenhos e as praias do litoral norte do estado.

Segundo relatos da presidente do conselho local, Coqueiros é citado na historiografia potiguar pela forte presença negra de descendentes de escravos.

A estrada que leva a Coqueiros, no sentido de quem sai de Ceará-Mirim, mostra seus antigos engenhos, casarões e a região canavieira que dividem espaço com construções mais atuais.

Seu nome, segundo relatos de moradores, surgiu a partir de um coqueiro existente no início da comunidade, onde os negros fugidos se escondiam, embora existam fatos históricos que marcam a identidade da comunidade.

Coqueiros é uma comunidade que foi reconhecida como quilombola a partir de sua questão histórica, em 2017, de origem dos primeiros moradores, por causa dos primeiros habitantes que trabalhavam como mão de obra escrava nos engenhos de Ceará-Mirim, vindos fugidos da cidade e permaneceram escondidos em Coqueiros.

2.2 Comunidades quilombolas no Brasil à luz de uma visão panorâmica

As discussões e pesquisas sobre a chegada dos africanos no Brasil foram relevantes aos estudos acerca da identidade cultural, social e política do país. Eles trouxeram a memória, a dança, a língua, a culinária, a música, valores e crenças, além da oralidade, de suma importância para a historicidade brasileira. O reconhecimento disso traz mudança significativa para a sociedade, em se tratando de inclusão e diversidade, esta, por sua vez, permite que os diversos aspectos da cultura africana sejam símbolos de grande relevância para a identidade brasileira.

Consoante Campos (2024), a formação do povo brasileiro é marcada pela mistura de diferentes grupos étnicos em um mesmo espaço social, cultural e histórico, como as culturas europeias, africanas e indígenas, que se misturaram ao longo dos séculos para formar a identidade nacional.

Sob essa ótica, temos a noção de que a identidade nacional não foi criada por apenas uma cultura ou por um único povo, mas da mistura de diversas etnias e culturas, principalmente as europeias, africanas e indígenas. Isso, ao longo do tempo, fez surgir diferentes trocas culturais, surgindo assim a identidade do povo brasileiro.

Sobre o papel dos africanos, trazidos como escravizados, tiveram uma influência profunda na sociedade brasileira. Para Campos (2024), isso quer dizer que contribuíram com tradições religiosas, ritmos musicais e culinária, enriquecendo a cultura e moldando aspectos fundamentais da identidade brasileira.

Isso deixa claro que, de acordo com Campos (2024), os africanos trouxeram consigo suas tradições religiosas, como o candomblé e a umbanda, que se misturaram com o catolicismo e outras crenças, criando uma rica tapeçaria religiosa. Desse modo, ressalta-se que eles trouxeram uma diversidade cultura e também a expressão religiosa.

Permanece, ainda, a questão da miscigenação como um dos aspectos mais distintivos da sociedade brasileira, formando a identidade nacional. Campos (2024) aponta os primeiros contatos entre europeus e indígenas e, posteriormente, com a chegada de africanos, o Brasil se tornou um caldeirão de etnias e culturas. Nesse sentido, esse caldeirão de etnias e culturas está ligado a diversas tradições, línguas e maneiras de vida e a junção desses elementos formam a nossa identidade brasileira.

Partindo dessas contribuições na construção da identidade brasileira, temos, na educação do país, recentemente, uma lei que tornou obrigatório o estudo em escolas de redes públicas e privadas o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, a Lei nº

10.639/2003. Consoante essa lei, torna-se obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as séries do ensino fundamental e médio (BRASIL, 2003).

Esse avanço visa combater qualquer forma de racismo, trata o negro como agente da sua própria história, sem discriminação, a presença da diversidade cultural do nosso país em um componente curricular e que minimize a exclusão de uma pessoa apenas pela sua etnia.

Há, ainda, outras contribuições que reafirmam a nossa identidade brasileira, como a comemoração do Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, e o Artigo 26-A da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que versa sobre o estudo da história da África, da escravidão, da cultura afro-brasileira e do negro na formação da sociedade nacional. Todo esse conjunto evidencia um grande avanço rumo a uma educação plural, distante dos preconceitos, principalmente o racismo estrutural.

Nesse mesmo movimento de reconhecimento e valorização, a Constituição Federal de 1988 confirma os direitos das comunidades quilombolas no Artigo 68. Esse artigo, criado há 37 anos, foi um marco histórico na luta dos quilombolas no Brasil.

No que concerne ao Artigo 68, Brasil (1988, p. 100) “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos." Isso garante aos quilombolas o direito à propriedade das terras que ocupam, isto é, uma forma de compensar todos os problemas causados a esses grupos que foram vítimas de opressões e injustiças.

Essas terras garantem aos quilombolas o direito de preservar a cultura existente e, sobretudo, a identidade, garantindo a busca dos seus direitos, a exigência de ações e projetos do próprio Estado para garantir direitos e serviços, além da melhoria da qualidade de vida desses grupos. Esse panorama só foi possível depois de muitas lutas e movimentos por um país democrático.

De acordo com o Decreto nº 4.887/2003, Brasil (2003):

> Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada à resistência à opressão histórica sofrida. (Brasil, 2003)

O supracitado decreto regulamenta o Artigo 68 da Constituição de 1988, informando que as comunidades quilombolas têm o direito de reconhecimento de suas terras. Declara também a autoidentificação que define os quilombolas, sendo isso um passo decisivo para a valorização da identidade e história de resistência desses povos no Brasil.

Em face dessa medida governamental e do artigo citado, temos um grande avanço histórico. Esse artigo é significativo, pois para Moura (2010, p. 87), “essa norma representou um avanço significativo no reconhecimento da identidade e da luta histórica dessas populações, que por séculos resistiram à escravidão e à exclusão social”. De outro modo, esses grupos enfrentaram muita opressão e escravidão e esse artigo representa um passo decisivo para esse reconhecimento, mas ainda há dificuldades para a efetivação disso.

Não obstante as conquistas já obtidas, no contexto contemporâneo de reconhecimento jurídico dos territórios, persistem desafios significativos. Conforme Siqueira (2006, p. 78), “as comunidades quilombolas continuam a reivindicar não apenas a terra, mas também o reconhecimento de sua identidade étnica, cultural e o direito a políticas públicas adequadas.” Nesse cenário, as comunidades quilombolas querem algo maior que a posse de terras, ou seja, elas afirmam a necessidade de serem reconhecidas como participantes da história do Brasil, que suas tradições e culturas fizeram parte desse contexto histórico. À luz do que foi apresentado, todos esses aspectos, lei e artigo, contribuem para a valorização das raízes africanas para a identidade do Brasil, assim como uma forma de combater o racismo estrutural e ter o seu devido reconhecimento histórico.

2.3 Desafios e resistências das comunidades quilombolas no contexto histórico e atual

Mesmo diante das conquistas de terras, reconhecimento e resistência, ainda há desafios nas comunidades quilombolas do Brasil. Tais desafios, tanto no contexto histórico quanto no atual, dizem respeito à luta pelo território, pela valorização cultural, garantia dos direitos e à liberdade.

Nesse cenário de desafios e resistências, ressalta-se ainda a relevância de preservar a memória desses povos, assegurando sua transmissão às próximas gerações, assim como aponta Siqueira (2006, p. 82) “o território quilombola é mais do que espaço físico: é o espaço de construção da memória, da história e da identidade coletiva, onde se manifestam práticas culturais ancestrais e a resistência contínua." Não é apenas um espaço físico, uma área geográfica, mas simbólico e profundo para os quilombolas que lutam para que as tradições, as memórias e as experiências sejam preservadas. É um lugar vivo que ainda traz a sua identidade.

Ainda conforme Siqueira (2006, p. 95), “o reconhecimento das terras quilombolas ultrapassa a dimensão jurídica e passa a ser um reconhecimento político e cultural,

essencial para a preservação dos modos de vida e da autonomia dos povos quilombolas." Dessa maneira, esse reconhecimento legal não serve apenas para garantir a sobrevivência das comunidades quilombolas, ou seja, vai além, pois é o direito de ser, existir e de ter sua identidade própria.

Cabe também apresentarmos nesse contexto a CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – organização de movimento social. Segundo a CONAC (2019), um dos grandes desafios das comunidades quilombolas no contexto atual é a falta de acesso a políticas públicas, como a saúde precária, falta de saneamento, transporte, desenvolvimento sustentável e a falta de infraestrutura nas escolas. Ou seja, esse movimento social chama a atenção para um dos principais problemas enfrentados por esses grupos, isto é, a pouca importância do Estado na garantia dos direitos básicos, gerando assim a exclusão desses povos na sociedade.

Esses grupos também precisam dos direitos básicos garantidos, assim como o direito à cidadania, saúde, educação, assim como os grupos sociais do Brasil.

Portanto, o Artigo 68 da Constituição de 1988, ainda é um instrumento essencial na luta das comunidades quilombolas, já que representam a resistência e a sua busca de independência, memória, identidade, dignidade e a valorização da cultura.

3 CULTURA BRASILEIRA E DIVERSIDADE CULTURAL

3.1 Reflexões acerca do conceito de cultura

Partindo do pressuposto de que não existe uma cultura única ou homogênea, mas diferentes culturas, a cultura de um povo não se restringe à linguagem escrita, pois vai muito além. Nesse sentido, Bosi (1992) destaca que a ideia de uma "cultura brasileira" única é uma simplificação, pois a realidade cultural do país é marcada pela diversidade e pela pluralidade de manifestações materiais e espirituais, que não podem ser reduzidas a uma unidade homogênea. Ela constitui uma herança social oral, valorizada por sua riqueza histórica e cultural, desempenhando papel central na manutenção da identidade sociocultural da comunidade.

Nessa discussão, a linguagem oral desempenha papel essencial na expressão e preservação da identidade e da cultura de um povo. No tocante à cultura, Certeau (2005, p. 140), ao analisar o contexto francês – período em que estudava como a cultura se manifesta no dia a dia das pessoas, fora das instituições oficiais - afirma que "assiste-se a uma multiplicação da cultura." Torna-se possível manter vários tipos de referências culturais.

Diante disso, percebe-se que a sociedade é marcada por diferentes formas de cultura. De um lado, encontra-se a cultura elitizada ou erudita, estruturada e mantida pelos grupos socialmente dominantes, frequentemente associada a produções formais, institucionalizadas e valorizadas por critérios de prestígio. De outro, há a cultura popular, que emerge das vivências coletivas e das práticas sociais do cotidiano. Essa cultura popular não se limita ao que é transmitido entre gerações. Inclui, também, os modos de fazer, falar e agir presentes na vida cotidiana, constituindo, assim, um patrimônio cultural vivo e dinâmico.

A cultura para Certeau:

> Com certeza, se é verdade que qualquer atividade humana possa ser cultura, ela não é necessariamente ou não é ainda forçosamente reconhecida como tal. Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significados para aqueles que as realiza. (Certeau, 2005, p. 141)

Sobre as atividades humanas, como as práticas diárias (trabalhar, estudar, se comunicar, cozinhar, andar, entre outras) ainda não são consideradas como cultura, já que precisam de significados para as pessoas que realizam tais atividades. Isto é, não basta praticar apenas essas ações, mas para ser, de fato, reconhecido como cultura, é necessário que represente um valor, um significado, que transmita uma memória para quem esteja praticando.

Consideramos pertinentes as reflexões de Bosi (1987, p. 35) para quem a cultura é " alguma coisa que a gente tem, como se possui uma casa, um automóvel, enfim, um bem, um bem de consumo, em bem de circulação, alguma coisa que se pode obter, que se pode comprar e, finalmente, ser proprietário dela."

Assim, a cultura é considerada um bem, algo que se pode adquirir com o passar do tempo, de acordo com o processo perpassado por gerações. Isto é, não existe uma cultura homogênea.

Sobre essa cultura, Bosi:

> Entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna. (Bosi, 1992, p. 308)

Em conformidade com essas perspectivas, em suas manifestações, se destacam a cultura erudita e a popular, integrantes da diversidade cultural brasileira. Esta é criada por um grupo, uma comunidade que surge na tradição desse grupo como forma de mostrar sua identidade cultural, através das gerações. Já a erudita, implantada no sistema educacional, já que tem relação com um nível mais elevado de conhecimento, de formalidade e, por esse motivo, é mais usada em universidades, visto que é relacionada a atividades de um alto nível intelectual.

Nessa compreensão, ganha relevo o caráter plural da cultura brasileira, com uma vasta diversidade, marcada por saberes, memórias e costumes, além do modo de vida, construído através das interações dos grupos, em diferentes tempos e espaços. Não pode ser considerada pronta, acabada e imutável, mas algo que está em constante processo de mudança, a partir das relações com os outros grupos, surgindo a resistência e a pluralidade cultural desses povos. Até mesmo o modo de viver dos quilombolas reflete nisso, a partir de suas crenças comuns e religiosas, seus saberes que vão perpassando gerações e, por isso, são chamados de plural.

É inegável que a cultura é plural e necessária, como afirma Bosi (1987), mas por causa do modo como a sociedade passa informações, cria um espetáculo cheio de ilusões e repetições. Isso mostra que a sociedade passa as informações de modo repetido e vago, causando a disseminação de conteúdos rasos que podem desconstruir essa pluralidade.

Portanto, a cultura é uma manifestação complexa, que ultrapassa gerações e pode ser manifestada de formas diversas e, por isso, pode ser popular e erudita evidenciando as diversidades culturais do Brasil, constituindo o que ficou conhecido como tradição cultural.

3.2 Cultura brasileira: diversidade e identidade nacional

A cultura brasileira é rica e tem uma diversidade imensa, visto que pode ser manifestada de formas diversas de acordo com os lugares, o tempo e de geração a geração. Para Bosi (1992, p. 308) "estamos acostumados a falar em cultura brasileira, assim, no singular, como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro." Isto é, como se todos os brasileiros tivessem a mesma manifestação cultural, os mesmos valores, as mesmas crenças, mas o Brasil é formado por uma vasta diversidade de povos, tradições e crenças.

Levando em conta essas ideias, Cascudo (2006, p. 29) diz que "não há povo que possua uma só cultura, entendendo-se por ela uma sobrevivência de conhecimentos gerais." A herança cultural de um povo não se baseia, apenas, na linguagem escrita. Ela pode ser uma herança social, transmitida oralmente para aqueles que não sabiam ler. E, sobretudo, não existe, apenas um traço cultural, pois cada um conhecia um pouco de cada coisa à sua maneira. Nessa perspectiva, registramos, através de Andrade (1971, p. 125), o poema "Pronominais", a fim de ilustrar a questão aqui pensada:

> Dê-me um cigarro
> Diz a gramática
> Do professor e do aluno
> E do mulato sabido
> Mas o bom negro e o bom
> branco
> Da Nação Brasileira
> Dizem todos os dias
> Deixa disso camarada
> Me dá um cigarro.
> (Andrade, 1971, p. 125)

No poema, percebemos que o poeta tenta estreitar os laços entre a oralidade e a escrita. Nele, o autor defende o uso da oralidade, da linguagem informal que usamos no dia a dia, diferentemente da norma padrão exigida pela gramática, valorizando as regras gramaticais, através do uso da ênclise, como é exigido na regra de colocação pronominal "Dê-me um cigarro". A próclise é mais usada pela maioria dos falantes "Me dá um cigarro", sendo assim um traço cultural brasileiro de caráter plural e híbrido.

A partir dessa variação linguística, entendida como retrato de uma cultura popular, é possível aumentar a discussão sobre a identidade brasileira. Bosi (1987, p. 7) "de cultura brasileira já houve quem a julgasse ou a quisesse unitária, coesa, cabalmente definida

por esta ou aquela qualidade mestra. E há também quem a pretenda extrair dessa hipotética unidade a expressão de uma identidade nacional". Mais precisamente, observamos a crítica dirigida à percepção da cultura brasileira como algo homogêneo e dotado de uma única característica. Compreende-se, nesse contexto, que a identidade nacional se constitui justamente na diversidade, isto é, na pluralidade de expressões culturais que compõem o país. É essa multiplicidade que, de fato, fortalece a identidade nacional.

Esse caráter da cultura plural, para Bosi (1987), é resultado de múltiplas interações no tempo e no espaço. A expressão cultural brasileira não existe de maneira isolada, mas em seu caráter plural, ela se desenvolve a partir da interação entre diferentes povos, de variadas etnias que estão em constante processo de transformação com o passar do tempo.

Ao compreendermos o caráter múltiplo da nossa cultura, a intenção neste trabalho é discorrer sobre a tradição oral que também dá identidade à cultura popular brasileira, isto é, não existe uma unidade cultural no país e a variedade linguística reflete o que queremos mostrar. É importante reconhecer que essa variedade linguística reflete um dos traços da diversidade cultural brasileira: de um lado, a cultura de erudição - representada pelo uso da linguagem sistematizada pela norma gramatical (dê-me) - do outro, a linguagem que se estabelece fora da norma gramatical, representada pela linguagem espontânea do cotidiano, em que o eu lírico inicia a frase contrariando a norma culta: começa com um pronome oblíquo átono. Como se vê, não se trata em si de uma expressão de cultura oral, mas de uma exposição do que é a vida cultural brasileira, marcada por repertórios linguísticos cultos e populares, e este último se associa à cultura oral.

A manifestação cultural popular apresenta maior difusão entre a população em geral, uma vez que se aproxima dos grupos pertencentes a distintas classes sociais e níveis de conhecimento. Tal característica é ressaltada por Bosi (1987), ao conceituar a cultura popular como expressão viva e dinâmica da coletividade. Ela é ainda muito presente, tem festas, como São João, lendas e mitos relatados no nosso cotidiano por pessoas mais velhas. Por outro lado, a manifestação erudita, é a parte mais formal, geralmente, relacionada à literatura clássica, à classe social e maior prestígio e, por isso, é diferente da popular. Essa diversidade não é única e, por esse motivo, não podemos falar em cultura no singular.

Por apresentar um papel relevante na construção da identidade cultural coletiva, a cultura popular permanece viva em variadas formas: música, literatura, contos, vestuário, dança e celebrações regionais.

Sobre a cultura popular, Bosi esclarece:

> A cultura popular pertence, tradicionalmente, aos estratos mais pobres, o que não impede o fato de seu aproveitamento pela cultura de massa e pela cultura erudita, as quais podem assumir ares populares cos ou populistas

> em virtude da sua flexibilidade e da sua carência de raízes. (Bosi, 1992, p. 308)

Como a cultura popular é mais acessível, sendo divulgada de maneira significativa às massas, permite que pertença, tipicamente, à camada mais pobre e, mesmo assim pode ser aproveitada pela cultura de alto nível de conhecimento, ou seja, a erudita. A origem dela é devido às expressões culturais que são passadas de geração a geração como as festas populares, danças e a própria literatura de cordel. Essa forma de cultura é mais ligada às tradições locais.

A cultura popular nasce das experiências do povo, principalmente das classes mais simples, e se perpetua pela oralidade, marcada pela simplicidade e riqueza simbólica. Embora ela seja ligada às camadas populares, a erudita frequentemente se apropria dos elementos do povo, incluindo música, teatro e dança, para tornar-se mais acessível.

Nesse sentido, a cultura popular cumpre o papel de fortalecer a identidade das classes menos favorecidas, respondendo às suas necessidades materiais e espirituais, como a fé, a arte, as comemorações e as memórias coletivas.

Essa cultura popular tem um tempo, considerado cíclico por Bosi (1987, p. 11):

> O tempo da cultura popular é cíclico. Assim é vivido em áreas rurais mais antigas, em pequenas cidades marginais e em algumas zonas pobres, mas socialmente estáveis, de cidades maiores. O seu fundamento é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valores." (Bosi, 1987, p. 11):

O tempo na cultura popular, especialmente em comunidades rurais, quilombolas ou periféricas é considerado cíclico porque há ações que se repetem, como as festas tradicionais, as crenças culturais e religiosas e é isso que mantém viva a memória de um grupo intensificando ainda mais seus valores. Isso se torna parte da história desses povos que, um dia, foi considerado apenas no passado, mas que hoje permanece viva no presente.

Para Bosi (1987, p. 7) "a cultura das classes populares, por exemplo, encontra-se, em certas situações, com a cultura de massa; esta, com a cultura erudita; e vice-versa." Essas culturas se encontram, acabam se influenciando e se transformando com o passar do tempo. Elas se relacionam, pois a cultura de massa pode estar relacionada à popular por causa das festas, das crenças e das tradições e esses elementos também podem influenciar a erudita, que é mais formal, ligada à academia.

Por fim, segundo Bosi (1987, p. 10), "a cultura erudita é conquistada, via de regra, pela escolaridade média e superior". Diferentemente da cultura popular, que se aprende de forma rápida e espontânea no convívio comunitário, a cultura erudita é assimilada por

meio da escolarização, tanto na escola formal quanto nas instituições de ensino superior. Dessa forma, torna-se mais restrita aos grupos que frequentam ambientes acadêmicos, enquanto a cultura popular é vivida e transmitida diariamente nas comunidades rurais e quilombolas.

3.3 Políticas públicas para a valorização da diversidade cultural do país

As políticas públicas são ações que o governo desenvolve para atender as principais necessidades existentes em um país e são compostas por leis que devem garantir os direitos legais aos grupos sociais.

Desse modo, para a criação dessas políticas públicas para a valorização da diversidade cultural do Brasil, temos os PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasil (1997) que desenvolvem os objetivos, diretrizes, estratégias, ações e metas que orientam o poder público na formulação de políticas culturais.

Para o início destes estudos sobre os conceitos de cultura no plural, considerando a diversidade de manifestações culturais presentes no país, afirma-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 121):

> Culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo das suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social. (Brasil, 1997, p. 121).

As culturas, assim mesmo no plural, não nascem sozinhas, mas através de grupos, de povos que produzem conhecimentos ao longo da vida, interagindo com os outros e com o ambiente. Desse processo é que temos a diversidade cultural nacional. Quanto a isso, a Constituição Federal do Brasil versa sobre os direitos culturais e da responsabilidade do Estado em garantir o acesso à cultura e proteger as manifestações culturais brasileiras. (BRASIL, 1988)

Segundo esse artigo, o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Em outras palavras, o Estado tem o dever de garantir a todas as pessoas o acesso aos bens culturais existentes no país e às fontes da cultura como museus, manifestações culturais, patrimônios materiais e imateriais, além de incentivar a disseminação dessas manifestações.

Conforme institui o artigo 215, §1º da Constituição Federal do Brasil de 1988, o Estado deve proteger as manifestações das culturas populares, indígenas e afro- brasileiras (BRASIL, 1988). Dito de outro modo, o Estado tem a obrigação de garantir a valorização e a promoção das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras. Das comunidades afro-brasileiras, temos os quilombolas que trazem os contos, as lendas, os mitos, as memórias de um grupo social como marca cultural e histórica, marcada por resistência e luta. Isso torna o nosso país plural e o Estado deve proteger e valorizar essa diversidade.

Ainda sobre isso, o §2º do artigo 215 da Constituição Federal do Brasil de 1988 estabelece o plano nacional de cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzam à:

> I – Defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;
> II – Produção, promoção e difusão de bens culturais;
> III – Formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;
> IV – Democratização do acesso aos bens de cultura;
> V – Valorização da diversidade étnica e regional. (Brasil, 1988, art. 215, §2º)

Nesse sentido, esse parágrafo estabelece que a lei deve ter um plano nacional de cultura plurianual com o objetivo de desenvolver a cultura em nosso país, a fim de valorizar o patrimônio cultural brasileiro, formar as pessoas para que possam gerir as diversas dimensões da cultura, tornando livre a todos os grupos sociais o acesso aos bens culturais materiais (museus, monumentos, obras) e imateriais (contos, lendas, expressões musicais, danças, celebrações religiosas) e preservar a pluralidade étnica e territorial.

Com isso, todos os objetivos, políticas públicas, leis e artigos, criados para preservar a identidade cultural brasileira são importantes, pois garantem os direitos legais aos grupos sociais, valorizando a cultura do nosso país e preservando a nossa diversidade de origens culturais e geográficas de um grupo social.

3.4 Gêneros da tradição oral: contos, cantigas, provérbios, lendas

Os gêneros da tradição oral são manifestações culturais e literárias que são transmitidas através da oralidade de geração a geração, preservando as memórias coletivas, culturais, os valores e os saberes de povos. Na comunidade quilombola

Coqueiros, essa tradição é preservada através de contos populares, crenças religiosas e lendas que permanecem vivas desde os mais velhos aos mais novos.

A respeito dessa tradição oral, Cascudo (2018) compartilha a ideia de que o conto popular é um documento vivo, que menciona os costumes, valores, ideias e formas de julgamento presentes em uma determinada cultura. Esse formato de texto preserva a identidade dessa comunidade, já que é um fator dominante para manter viva a história desse povo, além disseminar ensinamentos como lição de vida e a coragem, estimulando o pensamento criativo de quem ouve essas narrativas. Como características desse gênero da tradição oral, ainda a respeito do conceito de Cascudo (2018), evidenciam-se o caráter antigo, sem mencionar o autor, além da divulgação e repetição oral que ultrapassa gerações.

Os contos são histórias que podem ser de animais, religiosos, de adivinhação, morte, encantamento, exemplo e de tradição. Os que são caracterizados de tradição, para Cascudo (2018, p. 13) "mantém persistente citação nas narrativas tradicionais. O japim imita todos os pássaros, exceto o tamurupurá. Onde há nisso de japim (o xexéu nordestino) há uma formiga chamada tapiucaba. São tradições". Esses elementos citados fazem parte da tradição oral, principalmente, no Nordeste, já que cita o pássaro conhecido como Xexéu, e mantém vivo o conto de animais, que podem ser considerados como fábulas. Há também a presença de lendas que misturam narrativas reais e fantásticas, transmitidas oralmente e comuns nesses tipos de comunidades, assim como as cantigas e os provérbios. Estes, representam narrativas populares, geralmente de caráter curto e mais fácil para decorar, exercendo a função de divulgar os ditados perpassados pelos mais antigos, fortalecendo os laços culturais dessas comunidades. As cantigas também são comuns, principalmente religiosas e em datas comemorativas, já que preservam o traço cultural e das tradições orais nesses grupos.

Dessa forma, as tradições orais são de suma importância à nossa história. Para Zumthor[2] (1997, p. 10) "ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm, graças a elas." Desde os textos antigos orais, que narram essas histórias, ou que marcam as manifestações populares criadas pelos povos fora da elite, até os textos contemporâneos comprovam a existência da fala em nossa sociedade.

---

[2] Zumthor é uma grande referência nos estudos sobre oralidade e literatura oral. Em seu livro *Introdução à poesia oral* (1997) aborda de forma aprofundada a função social da voz e a relevância da memória das culturas orais.

Até a maneira como a oralidade é utilizada para narrar as histórias apresenta uma grande importância e um grande valor simbólico para a linguagem. Para Zumthor (1997, p. 11) "anterior a toda a diferenciação, indizibilidade, apta a se revestir de linguagem, a voz é uma coisa: descrevem-se suas qualidades materiais, o tom, o timbre, o alcance, a altura, o registro... e a cada uma delas o costume liga um valor simbólico." Isto é, a leitura de um texto em voz alta permite que o leitor perceba, através da entonação, os traços culturais, históricos e sociais de um povo, trazendo para si uma recordação de um determinado tempo. Em sala de aula, a leitura oral de narrativas da tradição oral ou de canções afro-brasileiras possibilita que os estudantes percebam, pela entonação e pelo ritmo, marcas da cultura e da história de um povo. Em razão disso, a voz torna-se um instrumento de reconhecimento identitário e de valorização da memória coletiva. A título de exemplo, conforme mencionado no Caderno de Memórias, no Apêndice N, temos a narrativa contada por moradores: "O povo dizia, antigamente, que, à noite, quando fazia bastante silêncio, no meio do mato, era possível perceber um brilho nos troncos das árvores. Por causa disso, chamavam de "cobra de fogo". Os mais antigos diziam que essa cobra protegia a floresta dos espíritos malfazejos e queimava a alma das pessoas que mentiam. Outros afirmavam que era a alma de algum quilombola. Conta-se que a floresta tem olhos e pega fogo."

Em eventos do município de Ceará-Mirim, os estudantes ensaiam a dança, pintam seus corpos e usam os bastões para a apresentação.

Uma outra dança da tradição oral africana e indígena é o Coco, que assim como o Maculelê, também traz influências do negro quando trabalhava nas casas dos senhores de engenho e na cana-de-açúcar.

Para Zumthor (1997, p. 12) "a voz apresenta relevância "ao falar, ela ressoa em sua concha o eco deste deserto antes da ruptura, onde, em surdina, estão a vida e a paz, a morte e a loucura. O sopro da voz é criador." Por outra forma, o sopro é que carrega o sentido nas palavras, aquele que apesenta sua profunda delicadeza ao mencionar a voz.

Por conseguinte, percebemos a importância da oralidade e, sobretudo, na cultura africana, que como forma de preservação dessa cultura, temos a história, a música e a dança. Na história, temos a identidade de um indivíduo, cujo precisa compreender suas raízes, seus ancestrais para poder se conhecer. Na música e na dança, temos as manifestações em memória aos negros escravizados, utilizando os bastões, de acordo com o ritmo da música, representando as lutas enfrentadas por eles, já as vestimentas eram feitas de sisal e as pinturas no corpo apresentavam traços indígenas. A música está ligada à dança: o Maculelê e o Coco. Nessas representações de dança, os gritos são frequentes, visto que representam as lutas entre os negros, quando tocavam os bastões.

3.5 Griots e contadores de histórias: guardiões da memória coletiva

Os griots são conhecidos por serem contadores de histórias de memórias coletivas africanas, além dos mitos e de canções de seus povos. Essas histórias eram narradas através da oralidade, preservando assim as histórias de seus povos, mantendo viva essa cultura. Eles transmitiam conhecimentos para a sociedade, através dessas memórias coletivas.

Essas narrativas de memória, perpassadas por pessoas que guardavam a cultura e a história de um grupo, remetendo a fatos arcaicos, utilizando a voz do passado para manter viver as memórias coletivas de uma sociedade.

Para Delgado (2010, p. 15-16):

> A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e intepretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um comportamento da história vivida, mas sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. [...] a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para produção de conhecimento histórico. Traz em si duplo ensinamento sobre a época enfocada pelo depoimento [...] (Delgado, 2010, p. 15-16)

A história oral contada pelos griots é uma metodologia usada para documentar, interpretar e registrar as narrativas de pessoas, através de testemunhos, diversas versões de uma história, interpretações variadas. São narradas através da experiência de povos que presenciaram acontecimentos e que guardam memórias. É o registro vivo dessas histórias, é a fala de geração a geração que traz a riqueza cultural de um grupo. Ela é um meio de produção de conhecimento da história e de reproduzi-lo, mostrando perspectivas distintas.

Os griots representavam os intermediários das histórias das sociedades africanas. Isso mostra a preservação dos valores, dos costumes, das danças e ritmos da cultura africana. São símbolos da resistência, identidade, persistência e, principalmente, o pertencimento, ou seja, o sentimento de fazer parte da história de um grupo, se reconhecendo como integrante e fazendo ser reconhecido como tal.

De acordo com os estudos de Riche et al (2012, p. 234):

> [...] o Griô é um contador de história profissional, tem uma casta para ser griô, porque vai acompanhando os pais e vai aprendendo de cor. É um profissional da palavra. [...] É um especialista, sabe a história, a genealogia dos reis, canta, toca instrumento. Os griôs eram poupados em guerra, não eram mortos. O que ganhava ficava com o griô e aproveitava. No interior da África, os griôs são atuantes até hoje, fazem parte da corte dos pequenos reinados que ainda persistem. Não é o contador tradicional que conta ao redor da fogueira, à noite, porque é a hora que voltam do trabalho (são os mais velhos, têm mais tempo, vivem mais, têm mais histórias para contar). (Riche et al, 2012, p. 234)

Com isso, o griô não é apenas um contador de histórias populares, mas um profissional da voz, da memória de um povo, conhecedor das narrativas de reis, rainhas, toca e canta instrumento. Na sociedade africana, a casta era porque herdava, ou seja, uma espécie de herança do conhecimento, perpassada por geração de pai para filho, não podendo ser qualquer pessoa, além de ser "herdado" desde criança. O griô tem uma particularidade que é memorizar essas histórias oralmente, como mito, contos, provérbios, danças, passando a ser reconhecido como guardião dessas memórias. Enquanto profissional, seu meio de trabalho é sempre a oralidade e, pelo fato se guardar essas memórias, eram sempre poupados da morte porque carregavam as narrativas, histórias, sobretudo, a identidade do seu povo.

O griô representa um elemento-chave para a cultura desse povo, pois guardava as crenças, valores, costumes, memória coletiva e a identidade cultural de uma comunidade.

Na comunidade quilombola Coqueiros, essa tradição de contador tradicional de histórias sobrevive há tempos, passando de geração a geração, em que os mais velhos costumam ditar essas narrativas aos mais novos, mantendo vivas as histórias orais locais e revelando a importância da retextualização como possibilidade de preservar, em diferentes suportes, a memória, os ensinamentos e as experiências, assim como faziam os griôs.

Nesse sentido, o processo de retextualização pode ser compreendido como a transformação de um texto de uma modalidade para outra — por exemplo, da oralidade para a escrita —, implicando adaptações linguísti- cas, discursivas e contextuais. Conforme destaca Marcuschi (2010) em Da fala para a escrita: atividades de retextualização, tal processo não se configura como uma ação mecânica, uma vez que a transposição da modalidade oral para a escrita não ocorre de forma natural nos diferentes níveis dos processos de textualização. Essa discussão, contudo, poderá ser retomada e aprofundada em investigações futuras, considerando os limites estabelecidos para o presente estudo.

No que se refere à prátca cultural, os narradores orais desempenham papel fundamental na construção da identidade comunitária. A título de ilustração, temos a fala de um morador local que, através de uma entrevista, narrou uma narrativa transmitida por sua bisavó sobre a origem de Coqueiros: "Um coqueiro e o povo dizia "você vai passar por um coqueiro", então descia. Assim nasceu o nome daqui, ou seja, por causa desse coqueiro. Daqui do CERU até onde eu moro, era terra de usinas, aonde as famílias que podiam, eram donos disso aqui tudinho, tá entendendo? E aqui, além da escravidão, foi aboluída, né? Como é que se diz? Dois anos antes, já tinham libertado os escravos daqui, segundo contam-se essas histórias. E eles nem eram judiados e nem escondidos."

4 IDENTIDADE BRASILEIRA E SUA DIVERSIDADE NA UNIDADE

4.1 Formação da identidade nacional: lendas, mitos, folclores, tradição oral e cultura oral

Os quilombolas vivem da resistência, isto é, vivem do legado deixado pelos mais velhos, ou seja, pela herança cultural, dos saberes, práticas, valores e comportamentos e, a partir disso, é possível encontrar resquícios históricos que formam a identidade desse povo, através da tradição oral.

Essa tradição oral exerce um papel importante na preservação da identidade de um povo, pois permite mostrar que, através dela, acontece a socialização da herança cultural e identitária do grupo. Em outras palavras, ela transmite valores e crenças de um povo, enriquecendo os traços culturais e permitindo que a nova geração conheça essa identidade tão rica.

Acerca do conceito de identidade, segundo Castells (2018, p. 22), "[...] o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto desses atributos inter-relacionados." Sob essa perspectiva, é a partir do traço cultural que surge a identidade, ao pertencimento à comunidade, ao passado, às histórias dos seus ancestrais, ou seja, características próprias do grupo.

Diante disso, a tradição oral é entendida, não apenas como meio de comunicação entre os povos quilombolas, mas como meio de preservação dos traços ancestrais, da cultura e da história que passam de geração a geração. Ela valoriza a voz, a escuta, a memória, a trajetória histórica de um povo que continua viva e é narrada, unicamente, através da oralidade. Aqui, observa-se uma voz singular, que se distingue por sua própria força, ecoando memórias e transmitindo significados. Essa vocalidade, segundo observa Zumthor (1997), vai muito além do simples som: é a criação viva, em que coexistem silêncio e vida, paz e conflito, mostrando o poder mágico e esclarecedor da palavra falada.

Essa força da vocalidade e do poder esclarecedor da palavra falada não está ligada apenas à esfera individual, mas também coletiva, valorizando as identidades culturais. Nesse sentido, segundo Castells (2018, p. 18):

> [...] vivenciamos no último quarto do século o avanço de expressões poderosas de identidade coletiva que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes. (Castells, 2018, p. 18)

Dessa maneira, o que estamos vivenciando é, justamente, o crescimento das expressões de identidade - já que se caracteriza como fundamento de significado e

experiência dos povos – que desafiam princípios por causa da herança cultural dos povos de certas comunidades.

Nessa perspectiva de herança cultural transmitida através da oralidade como forma de comunicação desses povos, desde pequenos, é utilizada como forma de interagir no meio em que vivem. A respeito disso, temos cantigas, lendas, mitos, folclore e contos populares que valorizam e preservam esses saberes e crenças da comunidade. Como ilustração, duas histórias destacam-se nesse contexto. A primeira é a lenda da Mula-sem-Cabeça: segundo os moradores de Coqueiros, uma moça apaixonou-se por um jovem padre, e o amor entre os dois desencadeou a maldição que transformou a moça em mula. Somente quando o padre retirou os freios da mula, enfrentando o desafio com coragem, a jovem retornou à sua forma humana. A segunda história refere-se à Lagoa do Caixão, também em Coqueiros, onde se diz que repousa um caixão cheio de ouro no centro das águas. A tradição relata que quem consegue avistar o caixão fica enfeitiçado e que, mesmo quando a lagoa seca, a água nunca baixa exatamente nesse ponto; tentativas de retirar o caixão resultam em fracasso, reforçando o caráter misterioso e simbólico da narrativa.

Conforme ainda Cascudo (2006, p. 21-22):

> A literatura oral mantém-se viva através de estória, no canto popular e tradicional, nas danças de roda, danças cantadas, danças de divertimento coletivo, roda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos), nas estrofes das velhas xácaras e romances portugueses com solfas, nas músicas anônimas, nos aboios, anedotas, adivinhações, lendas etc. (Cascudo, 2006, p. 21-22)

Como o próprio nome já diz, a literatura oral pode ser pensada como a passagem de histórias na forma de palavras para a fala, de maneira coletiva, marcando a história de um povo. Tal literatura expandiu-se e foi além do que se esperava e se mantém viva por causa dessas histórias contadas, nas cantigas populares, danças tradicionais, nas adivinhas e lendas que são preservadas na memória coletiva. A fala é predominante nesse tipo de literatura, indo cada vez mais além e expandindo horizontes.

Para Cascudo (2006, p. 26), “ainda hoje; nas fazendas de gado do Nordeste, nas vilas e cidades brasileiras, em todo o território, há uma assistência obstinada para essa literatura, em voz alta, lenta, ou arrebatada e tatalante nas passagens emocionais ou belicosas.” Em outros termos, a literatura oral é cantada, falada, sem nome de autor, que perpassa de geração a geração, era praticada para aqueles que se interessavam pelas histórias, pelas marcas que elas deixavam. Em diversos locais, independente de autor, a literatura oral era contada às pessoas que não sabiam ler, de maneira que prendia a atenção dos ouvintes. A cultural simplesmente resiste, mostrando a sua força no transcorrer do tempo e da história da humanidade.

Os quilombolas continuam suas lutas pela preservação dos seus traços identitários, culturais, sociais e históricos, partindo do pressuposto de alcançar uma sociedade mais justa, igualitária e, sobretudo, mantendo suas tradições orais como herança das suas raízes culturais e significativas no meio social. É desse pertencimento que esse grupo social traz suas identidades, valores, suas lutas pelo reconhecimento, suas experiências de vida e valorização dos traços culturais, a resistência por seus direitos em meio ao avanço da sociedade.

4.2 Oralidade e representações sociais de identidades marginalizadas no Brasil

Sabemos que há uma negação no fato de que exista uma identidade cultural única fixa, pois possui uma pluralidade entre diferentes povos, resistência, historicidade, identidade construída ao longo do tempo.

Nesse sentido, percebe-se que a cultura brasileira é marcada por uma complexidade intrínseca, caracterizada por uma multiplicidade de vozes, estilos de vida e manifestações, o que lhe confere legitimidade e relevância. Essa riqueza cultural resulta da interação de diversas influências, incluindo expressões indígenas, africanas, afro-brasileiras, eruditas, assim como mitos, lendas e tradições populares, todas em constante transformação ao longo do tempo.

Entre essas manifestações, destaca-se a cultura indígena, que se desenvolve predominantemente de forma coletiva, a partir da memória ancestral e das experiências compartilhadas em grupo[3]. A cultura africana e afro-brasileira, por sua vez, remete a religiões, danças, contos, mitos e memórias de resistência. Acrescenta-se ainda a cultura popular, fortemente presente em comunidades quilombolas, e a cultura erudita, associada às formas mais formais e institucionalizadas de expressão cultural.

A tradição, conforme estamos discutindo aqui, exerce um papel importante na preservação da identidade de um povo, pois permite mostrar que, através dela, acontece a socialização da herança cultural e identitária do grupo, ou seja, o que é transmitido ao longo do tempo. Com base nisso, ela transmite valores e crenças, seja religiosa ou cultural, enriquecendo os traços culturais e possibilitando que a nova geração reconheça a profundidade e o valor dessa identidade.

Nesse sentido, a oralidade, presença marcante em comunidades quilombolas, tem grande importância, já que se refere ao modo de transmitir as memórias, crenças, os saberes, as histórias, valores e memória de um povo sem a presença da escrita. É o modo

[3] No que se refere à autoria coletiva indígena, Dorrico e Negro, em *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena* (2023), apresentam uma abordagem que valoriza as memórias ancestrais e a experiência comunitária. Esse aspecto, no entanto, poderá ser aprofundado em pesquisas futuras, em razão dos limites estabelecidos nesta dissertação.

de comunicação de grupos que vivem, sobretudo, em comunidades populares, indígenas e quilombolas.

Essa oralidade é importante, pois é através dessa memória, crenças, valores e saberes, que são construídos por esses grupos, que configuram suas representações sociais, consolidando sua identidade, mesmo diante da forma opressora imposta pela sociedade. São elas que dão notoriedade a esses povos para que sejam vistos e entendidos pelos grupos sociais.

Por essa razão, falar sobre oralidade é tratar de resistência, memória, identidade cultural e reafirmar que, através dela, esses grupos que foram historicamente colocados à margem da sociedade, sem reconhecimento social, usam-na como forma de luta pela exclusão.

Sobre isso, acerca dessa necessidade de afirmação social, detemos também da herança africana sociocultural que, para Leite (1998, p. 12) "os africanos e africanistas enveredaram pelos complexos e inúmeros caminhos da tradição oral africana [...]" Esses estudiosos começaram a entender a importância disso e dedicaram seus estudos aos caminhos da tradição oral africana na perspectiva de entender e valorizar a diversidade cultural e identitária.

Desse modo, ao percebermos a importância da oralidade para esses grupos, mesmo na escrita de textos africanos, podemos identificar os valores da oralidade cultural. Conforme Leite (1998, p. 12), "o uso da 'oralidade' como instrumento de detecção de africanidade textual é um dele", isto é, dos africanos e africanistas que se dedicaram a compreender a importância da tradição oral. Logo, mesmo que a literatura africana seja escrita, carrega em si os traços da oralidade, reforçando sua identidade.

Consoante Leite (1998, p. 14):

> Esta ideia de herança oral, radicada nos "Mestres" africanos, os "griots", vai levar a criar uma noção de "continuidade" entre a tradição oral e a literatura. Criadores e críticos inferem essa relação como uma procura dos traços reveladores da passagem da oralidade para a escrita. E, entre outros, um dos instrumentos da procura radicou e radica nos temas, e nas especificidades dos gêneros orais, existentes na sociedade pré-colonial e ainda actualmente nas áreas rurais, menos alteradas pelas inevitáveis mudanças pós-coloniais. Oralidade. (Leite, 1998, p. 14)

Os griots são conhecidos por contadores de histórias, já que guardavam a memória coletiva de um grupo, essa oralidade surgiu através deles e essa herança perpetua uma ideia de continuidade entre tradição oral e literatura, visto que, embora fossem escritos livros, a oralidade mantém-se viva nas narrativas e na linguagem. Mesmo que essa oralidade passe por processo de transformação, ainda é viva na literatura.

Dessa forma, na concepção de Leite (1998), a importância da oralidade africana já existia bem antes do contato dos europeus com a escrita. Logo, reafirma que a oralidade já existia por características próprias, em outras palavras, já se consolidava como meio autônomo de difusão de conhecimentos antes mesmo da influência europeia.

Para Leite (1998, p. 17) “a predominância da oralidade em África é resultante de condições materiais e históricas e não uma resultante da "natureza" africana”’. Isso não quer dizer que essa cultura oral é inferior porque não havia escrita, mas porque surgiu a partir de contextos históricos, sociais e de muitas lutas, de resistência, já que foram negados direitos às populações africanas e, com isso, ela é vista como riqueza de valores, memória coletiva e forma de produzir e disseminar conhecimentos.

Por conseguinte, a oralidade constitui um resultado coletivo da cultura, possuindo a mesma relevância que a escrita. Trata-se de uma manifestação rica e viva, portadora de valores, histórias, lutas e memórias que representam um legado fundamental para africanos, indígenas, populações rurais, comunidades populares e quilombolas. Essa tradição marca profundamente a identidade desses povos no Brasil e revela uma dimensão cultural e social que enriquece a própria história do país.

Essa configuração identitária é formada através das relações sociais, a partir de vivências, transmissão de valores e crenças, ou seja, tradições que vão sendo construídas ao longo da coletividade. E esse conhecimento que é transmitido de geração em geração, através da fala, é chamado de cultura oral. A manifestação cultural é transmitida, sem o uso da escrita, apenas baseada na memória de um povo, através de contos populares e histórias que remetem à vida das pessoas.

5 LETRAMENTO LITERÁRIO E FUNÇÃO DA LITERATURA NO ESPAÇO ESCOLAR

5.1 A literatura e o ensino

A literatura exerce um papel de suma importância na escola e na vida, pois vai além dos muros escolares, já que desenvolve a capacidade humana de fazer uma série de reflexões sobre a vida, sobre o mundo, propiciando um pensamento crítico diante da sociedade. Isso acontece porque podemos expandir nosso olhar diante dos grupos sociais, possibilitando a construção da nossa própria identidade, criando memórias, saberes, culturas, humanizando e transformando os seres humanos.

Segundo Compagnon (2009, p. 42), a literatura tem "(...) o poder de nos fazer escapar "das forças de alienação ou de opressão". Ela estreita a relação com a sociedade, permite formar opiniões críticas, livres de autoritarismo e consentindo a participação na vida coletiva. Não é opressora, mas libertadora, pois traz as condições de pensar, agir e transformar o mundo.

À vista disso, para Todorov (2010, p. 23), "a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo". Dessa forma, pensaremos a literatura de forma ativa, diante da obra e das coisas do mundo, buscando uma melhor maneira de organizá-lo, conduzindo o leitor a buscá-lo de maneira mais subjetiva, descobrindo novos prazeres e novos sentidos.

Sobre isso, Todorov (2010, p.24) destaca que "[...] a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente". Ou seja, nossa relação com o outro, através da literatura abrange novas chances de compartilhar conhecimentos com os outros, aumentando ainda mais nossas experiências de vida.

Consoante essa abordagem, percebemos a importância da literatura em nossas vidas, já que permite que o homem reflita sobre si e sobre o mundo, reconheça seus pontos de vista e opine, de forma crítica, quando necessário.

Ainda, conforme o pensamento de Compagnon (2009, p. 59), como "fonte de inspiração, a literatura auxilia no desenvolvimento de nossa personalidade ou em nossa "educação sentimental", como as leituras devotas o faziam para nossos ancestrais". Em outras palavras, nos faz compreender a nossa existência, o nosso papel no mundo e o reconhecimento da nossa personalidade, sempre com o olhar crítico, de modo que não vejamos o mundo de qualquer maneira. Ela possibilita o nosso crescimento pessoal e intelectual para agir no e para o mundo, que se dá nos seus mais variados gêneros, nas

suas mais distintas formas de composição, seja através de certos hermetismos de linguagem, seja na sua composição de linguagem do cotidiano, mais simples e espontânea despida de erudição, que é a oralidade.

Nessa discussão, é importante a designação dada a literatura por Candido (2004, p. 174), em que chama "de literatura da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade". Assim, a literatura é vista como uma manifestação universal de todos os homens e em todos os tempos, já que não existe o homem sem a literatura, nem a cultura de um povo. Por isso, a literatura mantém – se na sociedade. Não existe uma sociedade sem literatura.

A literatura tem o poder de humanizar, assim como esclarecido por Candido (2004, p. 177) "toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção [...]". Desse modo, a literatura é direito de todos, pois ela enriquece o ser humano, humanizando-o e produzindo conhecimento a cada leitura.

Dessa maneira, a literatura tem o poder de permitir que o ser humano conheça a si mesmo. Dá sentido à própria realidade, podendo ser moldada. Não há quem passe por ela e não traga algo enriquecedor para a sua vida. Sob essa ótica, conforme Candido (2004, p. 179), "as produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidade básicas do ser humano." Ou seja, independente de nível de conhecimento, ela é acessível a todos, presente em tudo, desde cantiga a cordel. Muda a consciência, a forma de organizar o pensamento, tornando-se uma ferramenta de poder.

Ainda de acordo com Candido (2004, p. 180), "[...] a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos, ajudando-nos a tomar posição em face deles." É dessa necessidade de compreender os diversos pensamentos e sentimentos espalhados na sociedade atual que a literatura assume sua pertinência. Ela é feita para todos, independente de classe social, pois traz sentido à vida, enriquecendo os pensamentos, permitindo a imposição diante de opiniões diversas e, sobretudo, a visão de mundo.

Conforme Jouve (2012, p. 11):

> Se a arte não existe mais para os teóricos, ela ainda existe para a maioria dos indivíduos e, sobretudo, para uma série de instituições (ensino, imprensa, mídias) que pesam fortemente sobre nossa existência cotidiana. Assim, talvez não seja inútil se interrogar sobre uma "realidade" que, mesmo mal definida, "informa" – através de uma série de engrenagens – o mundo em que vivemos e nossa existência no interior desse mundo. (Jouve, 2012, p. 11)

Pensar em arte é pensar em um sentido amplo de conhecimento de mundo. É pensar sobre nós e sobre nossa existência. A arte nos permite pensar, refletir e agir sobre o nosso mundo interior, sobre nossos pensamentos e nossa importância.

Além disso, diversos questionamentos têm sido levantados a respeito da relevância de estudar literatura e da necessidade de ensiná-la. Sobre isso, para Jouve (2012, p. 133), "a pergunta parece ser brutal, mas precisa ser feita. Diante dos currículos de ensino sobrecarregados, é legítimo reservar tempo ao estudo de textos de natureza incerta e cuja função não está clara?" Nessa perspectiva, embora estejamos em tempos diferentes, os currículos escolares cobram conteúdos maçantes, formais e carregados de incerteza, falta de objetividade e justificativas para o seu ensino. Em um planejamento são necessários os objetivos gerais e específicos para o estudo de determinado conteúdo e, por isso, o questionamento do autor. Os estudos de literatura podem ser incertos e sem objetivos definidos.

Ainda nesse contexto, conforme Jouve (2012, p. 133), "a dimensão estética do texto, nessa hipótese, o papel do professor seria formar o gosto, ensinar a apreciar o que faz a "beleza" das obras literárias". Nesse sentido, o professor apresenta o papel primordial para o ensino, visto que ele é o formador de reflexões, atitudes e influenciador. Influenciar no sentido de despertar o interesse dos alunos pelo gosto de estudar literatura, entender e apreciar o valor das obras literárias.

Jouve (2012, p. 136) afirma que "a vantagem é que a informação transmitida pela literatura tem uma força de impacto que o discurso racional não pode ter: ela é "sentida" antes de ser entendida, portanto, sem ser compreendida". Em outras palavras, a literatura leva o leitor a perceber a imensidão de sentidos que está por trás de um texto literário. Ela desperta o prazer aos sentidos de um texto e a transformação da sociedade.

Ainda de acordo Jouve (2012), os estudos literários só podem ser legítimos se resultarem em algo eficaz à sociedade. E é assim, trazendo essa utilidade à sociedade que o papel da literatura continua vivo nos dias de hoje, como instrumento de comunicação e, até mesmo, de interação social, com o propósito de transmitir conhecimento histórico e cultural de uma comunidade.

Em decorrência disso, para a melhor compreensão, segundo Jouve (2012, p. 139), "os estudos literários, só podem ter legitimidade se resultarem em algo útil para a sociedade". Portanto, não basta "provar" (supondo-se que seja possível) que esse poema é belo: é preciso mostrar que ele enriquece nossa compreensão do mundo, esclarecendo-nos sobre o que somos e sobre a realidade em que vivemos. Dito de outro modo, o aluno deve conhecer diversas obras literárias de diferentes épocas, pois trazem em si, conhecimentos culturais variados da sociedade, e esses conhecimentos tornam a literatura legítima, fazendo entender a compreensão do mundo, de nós mesmos e da sociedade que

nos cerca a provar o valor estético de um poema.

Além disso, o ensino da literatura, em sala de aula, para trabalhar o desenvolvimento dos estudantes no que se refere às práticas de leitura, interpretação, compreensão textual de gêneros como contos, provérbios e entre outros.

A esse respeito, consoante Cascudo (2006, p. 21), "essa literatura seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade." Em outras palavras, a oralidade ganhou notoriedade e se expandiu além de textos comuns como os provérbios e as canções, ganhando espaço por sua popularidade nas sociedades despertando a criticidade do aluno.

É essa literatura que desperta o pensamento crítico, o modo de pensar a vida, compreender o mundo, enriquecer o vocabulário, ser criativo e, sobretudo, um leitor reflexivo que dialoga com o autor de um texto, a fim de gerar o seu próprio sentido.

Em face desses aspectos, alguns fatores na escola precisam ser revistos, como mencionado por Zilberman (1991, p. 120), "encarregada do ensino da literatura e da difusão de um saber cultural, a escola reproduz literalmente o que a Poética no passado e a Teoria da Literatura no presente escolheram". De maneira mais clara, a escola é encarregada de, somente, divulgar um saber cultural reproduzindo tão-somente os cânones de livros literários do passado ao presente.

Para Zilberman (1991, p. 120-121), "a escola não elabora um conceito próprio e diferenciado de literatura, responsabilizando-se tão-somente pelo aumento do círculo de consumidores da antologia". Nesse sentido, para a escola, a literatura não apresenta um conceito diferenciado, mas sim o acúmulo de leitores de textos em prosa ou verso, de autores consagrados que, independentemente do objetivo da literatura, eles serão sempre utilizados em sala de aula.

Segundo Zilberman (1991, p. 128), "a Teoria da Literatura reflete sobre o ato individual da leitura, o que pode ter, e vem tendo, repercussões significativas no âmbito da sala de aula". À luz disso, o ato individual da leitura proporcionar experiências mais profundas e pessoal, possibilitando o desenvolvimento da construção da identidade e, até mesmo, do conhecimento amplo do mundo, já que a literatura permite isso, sendo feita para todos.

Nessa perspectiva, a análise literária para Cosson (2022, p. 29), "toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos". De maneira mais clara, temos a comprovação de que a literatura, enquanto processo de comunicação, possibilita que o leitor não seja passivo, já que ele é construtor do seu próprio sentido, reflexivo e crítico. Esse tipo de leitor não se limita à decodificação do texto, mas busca compreendê-lo também em sua dimensão cultural, podendo

interpretar e até questionar os elementos culturais presentes.

À luz disso, para que a literatura seja trabalhada em sala de aula de forma significativa e consistente, seria necessária uma boa preparação no que se refere à escolha textual — a leitura adequada à turma, e não uma escolha aleatória; leituras em grupo — para um melhor envolvimento e compreensão do sentido do texto; e o envolvimento dos textos literários como atividades interdisciplinares, para mostrar a relevância da literatura não só na disciplina de Literatura, mas também em outros componentes curriculares e seus respectivos contexto

Nesse processo, é necessário acrescentar também as manifestações da literatura oral, como mencionados anteriormente, contos, lendas e narrativas populares existentes na comunidade, visto que representam a riqueza de um povo e, sobretudo, ampliar a bagagem cultural dos estudantes.

Considerando o exposto, o trabalho com a literatura e seu ensino, por meio de estratégias que envolvem atividades individuais e coletivas, bem como a articulação com outras disciplinas, contribui significativamente para o desenvolvimento intelectual do estudante, favorecendo a formação do pensamento crítico e reflexivo.

5.2 Leitura e letramento literário como prática no cotidiano escolar

O letramento, enquanto uso social da escrita, vai além da simples ação de ler e escrever e está muito presente na literatura. Isso quer dizer que não é só ler e escrever, mas saber utilizar a escrita de forma consciente e significativa nas diversas situações socioculturais.

Nas práticas da comunidade quilombola Coqueiros, por exemplo, ela se manifesta na preservação e registro das narrativas orais, demonstrando que escrever e ler de forma significativa envolve não apenas habilidades técnicas, mas também a valorização da cultura e da identidade do grupo.

A literatura está presente em nosso dia a dia, assim como afirma Cosson (2023, p. 15) “(...) experimentando uma nova forma de alargamento ao ser difundida em diferentes formatos e veículos, usualmente em composição com outra manifestação artística.” Expressando de outra forma, a literatura contemporânea se amplia ao circular em variados meios e formatos, constantemente em diálogo com outras manifestações artísticas.

Dessa forma, já que a literatura é um meio de suma importância cultural, trabalharemos na perspectiva da literatura oral, que permite pensar na pluralidade sociocultural da comunidade. A partir do estudo dos contos orais, espera-se que os alunos percebam a importância da literatura em nosso dia a dia. Para Cosson (2023, p. 13), “a literatura não é apenas uma disciplina, mas um deleite das formas de enxergar, através de

textos escritos ou orais.” Isso significa que a literatura não é apenas um conteúdo escolar, mas uma vivência artística e cultural que enriquece a nossa forma de olhar e pensar o mundo, através da oralidade ou da escrita.

Assim, a literatura está muito presente na vida dos jovens, conforme destaca Cosson (2023, p. 22):

> A literatura está muito presente na vida desses jovens, mas não na leitura das obras literárias, como se poderia supor pelo interesse e conhecimento que manifestam a respeito de textos canônicos e outras formas de ficção, mas sim no apagamento que promovem entre o ler e o criar o texto literário. (Cosson, 2023, p. 22.)

Diante disso, a literatura reconhece que o contato dos jovens com a literatura acontece constantemente, mas não na forma tradicional, mas sim como prática criativa, deixando um pouco de lado a leitura passiva.

Conforme Cosson (2023, p. 25):

> A literatura é essencialmente palavra, quanto da experiência de mundo que concentra e disponibiliza, pois não há limites temporais ou espaciais para um mundo feito de palavras – o exercício da liberdade que nos torna humanos.” (Cosson, 2023, p. 25)

Em outras palavras, a literatura também é um exercício de liberdade que nos humaniza através do mundo de palavras, reflexões, experiências pessoais e construção de tasentidos. Nesse sentido, surge o conceito de letramento literário, para Cosson (2023, p. 25), “[...] ao processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Ou seja, os sentidos são produzidos a partir do momento em que o leitor cria e comunica os significados, a partir da forma de interpretar o que o autor do texto propõe, como uma espécie de conversa entre autor e leitor.

Ainda sobre a literatura, conforme Zilberman (2009, p. 128), “o desejo de narrar, que dilata, sem vantagens, mas também sem prejuízos, as potencialidades da imaginação e da fantasia”. O poder da literatura traz a liberdade de dar asas à imaginação, ao fictício, à fantasia e o ato de narrar uma história permite ao ouvinte engrandecer a sua imaginação e se redescobrir.

A experiência do leitor com a literatura possibilita ampliar a criatividade, compreender conceitos e construir novos significados. Nessa perspectiva, segundo Rouxel (2012), o jovem leitor sente-se incapaz de controlar a emoção que o invade, de explorar a intuição que aflora; ele sabe, contudo, que ler equivale a ler-se a si mesmo. Assim, ao se envolver em narrativas e leituras em voz alta, leitor amplia a compreensão de si e do mundo, intensificando sua experiência pessoal e a elaboração de sentidos.

Desse modo, a oralidade existe também até na maneira de nos defendermos ou defender uma opinião, e, com isso, pensar em oralidade é ir além e não pensar apenas na

instituição informal do seu uso.

Não obstante, para Rouxel (2012), mais que um lugar de expressão do sujeito leitor, a leitura é um lugar de existência. Em virtude disso, a leitura passa de uma simples decodificação de palavras no texto para um momento mais profundo, já que permite que o leitor reflita sobre sua existência, sobre seus pensamentos e com uma visão mais aprofundada de mundo.

Essa leitura mais aprofundada permite que o leitor reflita significados, desenvolva a criatividade e o pensamento crítico, entendendo e vivenciando novos sentidos. A partir disso, ele descobre que o ato de ler, mesmo em sala de aula, pode ter um significado mais amplo do que exercícios formais, propiciando novos sentidos ao texto.

Definitivamente, segundo Rouxel (2012), o que importa, para sair do impasse, é restabelecer o sujeito no coração da leitura e acolher na sala de aula suas reações, que irão orientar os processos interpretativos. Isso mostra a importância de formar um leitor crítico, a partir de suas interpretações, o modo de ver, de se conhecer e sentir o mundo, pois para Rouxel (2012), toda verdadeira experiência de leitura envolve a totalidade do ser. De forma mais precisa, isso reflete a dimensão da leitura enquanto atividade humana, como já mencionado, não só como uma decodificação de palavras, mas uma forma de enxergar o mundo.

5.3 Cultura oral: conceito, valor e função sociocultural

O conceito acerca da oralidade é dado de forma natural desde os primeiros anos de vida, sendo fundamental à comunicação, além de ser responsável pelo compartilhamento de saberes, culturas, modos de vida, sentimentos e experiências.

Apesar disso, muitos moradores da comunidade Coqueiros ainda acreditam que a oralidade é importante apenas como forma de comunicação, sem reconhecer seu valor histórico e cultural.

Todavia, a tradição oral vai além da simples comunicação entre indivíduos no cotidiano, sendo assim uma verdadeira ferramenta de transmissão de cultura, memórias, narrativas, valores de um dado grupo social.

Para reconhecer o fator de conhecimento da cultura oral na escola, foi necessário realizar um mapeamento, apenas para ter esse entendimento, a fim de construir esta seção e, para isso, foi necessário conversar com alguns moradores da comunidade e, diante disso, ficou claro que, para eles, a oralidade existe, apenas, como meio de comunicação, sem tanta importância.

Considerando o exposto, surgiu a necessidade de trabalhar a importância da oralidade, através dos estudos da literatura africana, já que a “natureza” cultural africana é oral, segundo Leite (2012, p. 15), “para que os alunos reconheçam sua importância em

sala de aula, não só como aspecto sociocultural, mas também para interagir socialmente e, sobretudo, como instrumento de diálogo e defesa do negro no século XXI". Em se tratando dessas comunidades, destacamos a comunidade quilombola Coqueiros, local de pesquisa-ação do nosso projeto, em que realizamos uma discussão sobre a representação do negro e da negra na literatura brasileira em um contexto de ensino.

A compreensão acerca do legado cultural dessas populações requer um olhar voltado à oralidade, como um elemento fundamental na tradição africana, pois é ela que em grande parte, sustenta seu valor sociocultural, além de ser o meio de comunicação. E, é por meio dela, que desde criança aprendemos a nos expressar, contar histórias, divulgar crenças e agir socialmente e, assim, a língua oral torna-se imprescindível em nosso dia a dia e, sobretudo em sala de aula.

Consoante as ideias propostas por Leite (2012, p. 34):

> A enunciação do legado "oral" faz-se através do enunciado, que cumula e concentra, numa geologia estratificada que atinge a sintaxe, os ritmos híbridos das "oralidades". É nesse trabalho da "língua" como texto (na acepção kristeviana) que se desvelam as "tradições" traídas, e reformuladas, e se recuperam os traços genealógicos de variadas "formas" ou "gêneros" orais africanos, e outros gêneros provenientes da literatura escrita.
> (Leite, 2012, p. 34)

Nessa perspectiva, o legado oral se manifesta no texto através da combinação de ritmos variados da oralidade. É nessa integração que são recuperados os múltiplos gêneros orais africanos, bem como de formas oriundas da literatura escrita, apresentando a interação constante entre oralidade e escrita.

O termo "oralidades" está empregado no plural para indicar a multiplicidade de vozes e as diversas variações que perpetuam a língua oral. Ademais, a língua, enquanto texto, manifesta-se em diferentes formas e gêneros, muitos dos quais, em determinado momento, pertenceram à esfera da língua escrita.

À vista do exposto, essa diversidade de formas e vozes, encontradas na oralidade, marca a riqueza cultural do Brasil. Ao entender que a oralidade é um patrimônio imaterial e uma forma de conservar a cultura, assume-se também sua importância como meio educativo e formador de identidade.

Sob essa ótica, as narrativas orais podem e devem ser utilizadas em qualquer momento, em que qualquer ambiente e em todas as culturas, já que marcam registros importantes como meio sociocultural.

5.4 Letramento literário e a literatura oral na escola

Ao mencionar a importância da oralidade em uma comunidade quilombola, existe a possibilidade de trabalhá-la na sala de aula, através do letramento literário, que trata da formação de leitores críticos, a partir da compreensão e interpretação de textos literários. Essa leitura não acontece de forma complexa, mas de forma leve, sensível que estimule o desenvolvimento criativo e reflexivo dos estudantes.

Ao abordarmos esse tipo de leitura, as narrativas orais contadas na comunidade são importantes, pois possibilitam aos alunos que se reconheçam como pessoas dotadas de cultura e aprendam a utilizar a literatura não como a leitura de cânones, mas como espaço de reflexão, sensibilidade e criatividade.

Nesse sentido, considerando que o letramento literário forma leitores críticos capazes de compreender os aspectos culturais das obras, para Cosson (2022), esse processo formativo deve levar em conta os contextos socioculturais dos estudantes, valorizando suas bagagens culturais.

Segundo Cosson (2007, p. 23), "é fundamental que a leitura seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar". O letramento literário, segundo o autor, seria a apropriação da leitura literária com vistas a proporcionar ao leitor uma maior compreensão sobre os conhecimentos envolvidos, podendo incorporar à sua vida as experiências adquiridas nas leituras.

Consoante Cascudo (2006, p. 25), "a literatura que chamamos oficial, pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escola ou de predileções individuais, expressa uma ação refletida e puramente intelectual". De modo geral, a literatura "oficial" é resultado de um ato intencional de criação artística, orientado por técnicas, normas estéticas e preferências individuais. Em contraste, a literatura popular ou oral surge da vivência coletiva, da tradição e da espontaneidade cultural, caracterizando-se como uma manifestação mais intuitiva e comunitária, enquanto a literatura oficial apresenta um caráter intelectualizado e individual.

Sob esse prisma, essa literatura estreita o contato do aluno com as crenças, as histórias e as tradições que participam da vida de um povo, contribuindo para a ampliação da formação culturas desse estudante. Isso será de forma significativa porque ainda é um instrumento de transmissão cultural na escola, já que, na maioria das vezes, apresenta características da cultura popular transmitida pela literatura oral.

Com isso, temos uma literatura oral brasileira como fator de cultura na escola que, para Cascudo (2006, p. 27):

> A literatura brasileira oral comporá os elementos trazidos pelas três raças para a memória e o uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar. (Cascudo, 2006, p. 27)

Em virtude disso, a cultura da literatura oral é composta pelas três raças e, até hoje, é usada por meio de manifestações culturais trabalhadas, ainda hoje, nas escolas como forma de cultura e de conhecimento para o povo.

À luz disso, percebemos que a cultura brasileira oral não é única e que possui suas complicações, mas existe uma diversidade, assim como as influências dos nossos ancestrais, das crenças e as riquezas que surgem a partir das diversas formas de envolvimento com variadas culturas presentes no tempo e no espaço. Dessas interações, surgem novas experiências, novos desafios que engrandecem a nossa identidade cultural.

Nesse ponto de vista, a cultura oral e o letramento literário são ligados diretamente, já que pensamentos em contextos socioculturais através da transmissão dos saberes, das influências passadas, das tradições e na formação de leitores nesses contextos socioculturais. O letramento literário, nesse sentido, envolve a construção de leitores reflexivos, capazes de compreender e interpretar textos literários, reconhecendo tanto sua função estética quanto social e cultural. Paralelamente, a cultura oral constitui um instrumento de preservação da memória coletiva, transmitindo experiências e valores de um grupo social.

As obras da literatura negra, conforme Evaristo (2003), exemplificam essa relação, ao articular narrativas orais e experiências históricas da população afro-brasileira, mostrando como a oralidade e a escrita se complementam na construção da identidade cultural e na formação de leitores críticos e sensíveis à diversidade cultural.

6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Considerando-se os objetivos estabelecidos e reconhecendo o papel da literatura oral no cotidiano dos estudantes, ao despertar o interesse do ouvinte e fortalecer as relações entre leitor e ouvinte, desenvolvemos a proposta de intervenção pedagógica por meio de quatro sequências didáticas.

A metodologia adotada nessas sequências foi estruturada em quatro partes: a primeira, consistiu em um mapeamento das tradições orais na comunidade, estimulando a escuta atenta dos alunos, trabalhando o letramento literário para formar leitores críticos e reflexivos, além de criar o sentimento de pertencimento à comunidade através das memórias dos contos populares, vinculando a escola à comunidade. Também foi desenvolvida a contação de histórias locais e a produção de um Mapa da Memória da comunidade.

A segunda sequência didática consistiu no registro e na documentação das narrativas orais, por meio da realização de entrevistas com moradores da comunidade, acompanhadas da gravação dessas histórias e da sua socialização entre os discentes. Essa etapa teve como finalidade fundamentar narrativas pelos estudantes, posteriormente complementadas com produções ilustrativas.

Para a terceira atividade, realizamos a leitura de um conto e de poemas de Conceição Evaristo, seguidas de reflexões críticas a respeito dessa produção para a literatura negra. Posteriormente, desenvolvemos uma atividade de análise desses textos, a qual possibilitou ampliar a compreensão acerca das temáticas centrais. Na etapa seguinte, os participantes ouviram músicas de Luiz Gonzaga e Emicida, de modo a promover reflexões mais aprofundadas sobre a importância do reconhecimento do sujeito como leitor reflexivo, crítico e participativo, bem como a respeito do papel da literatura negra na valorização da identidade do grupo.

A quarta sequência didática teve como propósito promover a valorização da cultura popular nordestina e da literatura negra por meio da dança, oralidade e leitura crítica que possibilitou aos alunos o contato com a arte como exercício de valorização cultural, fortalecimento da identidade, resistência e memória coletiva do grupo, através da dança “ABC do Sertão”, de Luiz Gonzaga e da produção de poema da literatura negra, utilizando a oralidade como recurso de expressão e instrumento de resistência cultural.

A escolha dessas sequências teve como objetivo demonstrar a importância de incentivarmos os alunos a reconhecerem o seu protagonismo na leitura, enquanto leitores

reflexivos, por meio da utilização de gêneros selecionados e do compartilhamento de conhecimentos prévios.

Após a implementação das ações previstas nas sequências didáticas, bem como a realização das atividades e produção de narrativas e ilustrações pelos estudantes, elaboramos um Caderno de Memórias, constituído como um produto coletivo que reuniu as narrativas orais e experiências dos participantes, com o objetivo de fortalecer a compreensão da cultura local e consolidar a identidade comunitária. Além disso, foi também construído um podcast, que reuniu tais narrativas, ampliando as possibilidades de registro e disseminação das experiências culturais coletivas, bem como promovendo a valorização da oralidade e da memória comunitária. O link dessas histórias encontra-se disponível no próprio Caderno de Memórias.

Também consideramos diferentes tipos de dados, como: conversa conduzidas com moradores da comunidade quilombola Coqueiros, falas dos estudantes durante as rodas de conversa e discussões em grupo, produções textuais desenvolvidas nas atividades propostas, observações da professora e registros das apresentações finais. Organizamos esses materiais em categorias temáticas com base nas falas mais recorrentes e nos temas emergentes durante as atividades como a valorização da identidade cultural local; a relação entre literatura e ancestralidade, a leitura crítica e reflexiva, o resgate e registro da oralidade comunitária e a interação entre escola e comunidade.

Seguem as sequências didáticas – atividades planejadas de forma organizada e progressiva - que foram aplicadas ao longo deste trabalho, detalhando cada etapa do processo de ensino e aprendizagem.

Sequência 1: Mapeamento da Tradição Oral da Comunidade

A sequência didática 1 teve como objetivo valorizar a cultura e a identidade da comunidade, estimulando a escuta atenta dos alunos, trabalhando o letramento literário para formar leitores críticos e reflexivos, além de criar o sentimento de pertencimento à comunidade através das memórias dos contos populares, vinculando a escola à comunidade.

Ações/Procedimentos metodológicos:

- Conversar com os alunos sobre o que é contar histórias e iniciar contando narrativas populares de Cascudo (2006);
- Selecionar os contos populares escolhidos do livro de Cascudo (2006) foram:
    - O fiel Dom José;
    - Maria de Oliveira;
    - O filho feito sem pecado.
- Discutir a importância de histórias populares para a cultura de um grupo;
- Explicar o que é tradição oral;
- Levantar as perguntas iniciais:
    - Quem na comunidade conta histórias?
    - Quais histórias, lendas ou causos você conhece?
- Criar um "Mapa da Memória", com nomes, locais e pessoas influentes na comunidade que tragam memórias para os estudantes a ser desenvolvido com a sala toda;
- Organizar a visita a 3 moradores da comunidade para narrar algumas histórias.

As atividades propostas envolvem a introdução dos alunos ao conceito de contação de histórias, utilizando narrativas populares de Cascudo (2006) como exemplo. Em seguida, os alunos discutem a importância das histórias para a cultura de um grupo e aprendem sobre tradição oral. São realizadas perguntas iniciais para identificar quem conta histórias na comunidade e quais narrativas são conhecidas pelos estudantes. Posteriormente, é elaborado coletivamente um "Mapa da Memória", registrando nomes, locais e pessoas influentes que trazem memórias culturais. Por fim, organiza-se uma visita a três moradores da comunidade para que compartilhem suas histórias, fortalecendo o vínculo entre prática cultural e aprendizagem.

Recursos utilizados:

Para a criação do Mapa da Memória foram necessários: cartolina, coleção, tesoura, lápis e hidrocor.

Duração das ações:

O tempo para o desenvolvimento da sequência didática foi de duas aulas, com duração de cinquenta minutos cada.

Avaliação:

A avaliação foi realizada a partir da construção coletiva dos alunos do Mapa da Memória e da participação da conversa inicial sobre a tradição oral.

Desenvolvimento da Sequência 1:

Os alunos do 9º ano foram convidados a se dirigir ao campo da escola, tendo em vista a inexistência de um espaço específico destinado à leitura. A atividade ocorreu debaixo de uma árvore, onde os estudantes se acomodaram nos troncos espalhados pelo chão. A aula teve início em uma segunda-feira, coincidente com a realização dos jogos internos, ocasião em que alguns alunos estavam ausentes. Tal atividade encontra-se no Apêndice E (Figuras 5 e 6).

Na sequência, foram realizadas algumas indagações acerca da importância da literatura e do ato de contar histórias. Observamos que alguns permaneceram em silêncio, enquanto outros manifestaram suas percepções, afirmando que “era contar sobre a vida de alguém”, “era contar histórias e lendas existentes” ou, ainda “era estilo uma fofoca que se conta às pessoas”.

Após essas questões, para uma leitura inicial, algumas narrativas populares de Cascudo (2006) foram lidas: O fiel Dom José, O filho sem Pecado e Maria de Oliveira, contados por moradores de Ceará-mirim.

Alguns estudantes demonstraram incredulidade diante das narrativas, enquanto outros a reconheceram como verídicas. A partir desse momento, surgiram relatos contados pelos seus avós.

Promovemos uma discussão acerca da relevância das histórias populares para a valorização da própria cultura. Durante o diálogo, dois alunos destacaram que “era importante conhecer a história do lugar em que vivem”; uma aluna ressaltou que “a importância dessas histórias está em preservar nossas características”; outra acrescentou que “ler é preciso” e, por fim, um aluno observou que “essas histórias populares servem para divertir e fazer refletir”.

Em seguida, emergiu uma discussão acerca da tradição oral, das memórias, da identidade e da preservação do patrimônio imaterial de Coqueiros. Durante o diálogo, um aluno questionou o significado da palavra “imaterial”, obtendo como resposta que se refere ao que não é físico, mas possui valor simbólico, como saberes que integram a herança da comunidade.

Após essa reflexão, os estudantes foram convidados a indicar pessoas da comunidade detentoras de narrativas da tradição oral, com a finalidade de servir de base para futuras entrevistas a serem realizadas na próxima sequência didática.

Por fim, os alunos retornaram à sala de aula e, de maneira coletiva, elaboraram o “Mapa da Memória”, conforme está ilustrado no Apêndice E (Figuras 7 e 8). A versão final do referido mapa encontra-se apresentada no Apêndice F (Figura 9). Cabe destacar que, embora a moradora Jussara tenha sido mencionada pelos alunos, não foi possível realizar a entrevista com ela devido à limitação temporal. Em momento posterior, a entrevista foi conduzida com outra residente da comunidade, a senhora Elineide Nascimento.

Desse modo, a atividade estreitou o contato das narrativas populares com os estudantes, além da compreensão acerca da tradição oral como traço identitário da comunidade. Ao reconhecerem as histórias, os alunos puderam refletir sobre a importância da identidade cultural e da memória de um grupo. Como produto desta sequência didática, de maneira simbólica, construímos o Mapa da Memória com o objetivo de fortalecer o vínculo entre eles e Coqueiros e preparamos as entrevistas da próxima sequência didática.

Sequência 2: Narrativas da Tradição Oral de Coqueiros

A sequência dois teve o objetivo de valorizar a tradição oral por meio da organização da entrevista a três moradores da comunidade, a fim de narrar algumas histórias, conforme sugerido pelos alunos na sequência 1.

Ações/Procedimentos metodológicos:

- Preparar o roteiro de entrevistas;
- Acolher o tema e a explicação sobre a importância dessas histórias como memória cultural e identidade para a comunidade Coqueiros;
- Entrevistar os moradores locais por meio de gravação e voz;
- Socializar os contos com os estudantes, seguida de atividades de compartilhamento, nas quais os alunos narraram histórias conhecidas, transmitidas em seus lares ou pela comunidade;
- Elaborar imagens vinculadas às narrativas.

Recursos utilizados:

Para a gravação, o celular foi utilizado, além do termo de autorização de gravação de voz e registro de imagens, cadernos, lápis, borracha e caneta.

Duração das ações:

O tempo utilizado para a socialização dos contos com os estudantes e a atividade de compartilhamento foi de três aulas de cinquenta minutos cada. As entrevistas duraram cerca de dez minutos.

Avaliação:

A avaliação foi realizada a partir da construção coletiva dos alunos das histórias conhecidas e da participação da socialização dos contos.

Desenvolvimento da sequência 2:

As entrevistas foram realizadas e registradas por meio da linguagem oral, valorizando a transmissão direta de saberes e memórias dos participantes. Para dar início à sequência didática 2, realizamos entrevistas com os moradores indicados pelos alunos na sequência 1. A primeira foi conduzida com Thiago Januário, de 41 anos, nas dependências da própria escola em que a pesquisa se desenvolveu, conforme registrado no Apêndice G (Figura 10). O roteiro das perguntas encontra-se disponibilizado no Apêndice D.

Thiago da Câmara Januário, de 41 anos, porteiro, concedeu a entrevista no dia 8 de setembro. A transcrição integral do diálogo encontra-se apresentada a seguir:

"Nasci em Natal, mas me criei aqui desde que nasci, há 41 anos. Minha mãe foi me ter lá porque era o único canto que tinha maternidade naquele tempo. Quem contava história aqui na comunidade era o pessoal daqui e minhas bisavós que conheci todas duas, uma com 93 e a outra com 94 anos, elas me contavam muito. Os jovens contam algumas coisas e também tem uma vizinha minha que é alejada e só tem uma perna, mas ainda conta muita coisas ainda, tem 80 anos e faz tudo. Essas histórias, antigamente, nos alpendres das casas das nossas bisavós, elas diziam que não é mais daquele jeito, que muita coisa mudou. Eles diziam que eu era muito antigo, que tinha muitos anos porque eu sabia de coisas que nem os filhos dela sabiam e eu sabia por que eu prestava atenção. As histórias mais comuns aqui são as da história de Coqueiros. Um coqueiro e o povo dizia "você vai passar por um coqueiro", então descia. Assim nasceu o nome daqui, ou seja, por causa desse coqueiro. Daqui do CERU até onde eu moro, era terra de usinas, aonde as famílias que podiam, eram donos disso aqui tudinho, tá entendendo? E aqui, além da escravidão, foi aboluída, né? Como é que se diz? Dois anos ante, já tinham libertado os escravos daqui, segundo contam-se essas histórias. E eles nem eram judiados e nem escondidos, mas diz que é o quilombo e eles já foram libertados anos antes. E diz que tem a lenda da galinha dos pintos de ouro, do homem que morreu de cavalo, que morava na fazenda Capoeira Grande, onde o gado ficava, uma terra só, então, morreu um vaqueiro. Ele puxou o cavalo, caiu, quebrou o pescoço e morreu. Era chamado de finado Dioclécio e diz que ele ficava assombrando o povo. Um ano depois da morte dele, o cavalo dele que tava correndo na vaquejada, caiu e quebrou o pescoço do mesmo jeito do vaqueiro, então, tinha uma cruz lá que o povo passava e acendia a vela, né? Aí fazia uma promessa, perdia uma galinha e o povo dizia: "vamo dar à luz ao vaqueiro" e o povo achava. Como lá em casa que tem uma imagem de Nossa Senhora do Bom Parto da minha bisavó que o povo levava para o dia que a pessoa ia parir e quando aquela mulher descansava, a imagem voltava para o oratório.

Então, era as promessas naquele tempo que tinha. E quando teve a epidemia que teve, o povo pegava a imagem de São Sebastião e andava de madrugada com a imagem toda amarrada de fita e dava certo. Muita gente tem aqui em Coqueiros enterrada naquele de bexiga braba. Minha bisavó contava tudo isso, o povo tinha essa devoção, tá entendendo? A importância de contar essas histórias para os jovens de hoje é porque eles precisam ficar sabendo da história, né e que nós sabemos que é certa e tá se passando de um para o outro e não pode perder essa cultura, né? Antigamente, tinha Boi de Reis, tinha o Pastoril, tinha os índios, tinha as novenas dos santos que os padres mandava fazer e só quem faz ainda hoje sou eu. Mas não tem mais e não empresto porque o povo não conserva e eu tenho que conservar. Com certeza, essa geração vai acabar com essas histórias e tenho medo que se percam com o tempo. A gente ainda é de fé e esses povo agora são tudo de cristal, qualquer coisa se quebra logo. Infelizmente, com o tempo, isso vai se perder. Sim, tem a história que o finado Valdir dizia que quando chegasse o ponto de morrer, era que a casa dele caia. E caiu mesmo. No dia que Valdir morreu dentro do mato e acharam ele morto dentro da lagoa agarrado dentro de um pau e os telhados da casa de Valdir caíram e o povo disse logo: "Valdir morreu". Foram achar Valdir seis dias depois morto na lagoa. Ele tinha encantado, rezava aquelas reza. "Ele era um negão labrojeiro [sic] que podia tá bebo [sic] como fosse, mas se ele fizesse uma reza num [sic] e tava feito e não era pra fazer[4]!"Era! Da mesma forma é com o povo do candomblé. Tem uns que faz mal a ninguém e tem uns que faz. Não é os encantado que faz mal ao povo, é o ser humano que faz mal!"

Durante a entrevista, Thiago manifestou a preferência de ser fotografado de costas. Embora tenha assinado o termo de autorização para gravação, sua escolha foi respeitada.

Na sequência, a segunda entrevista foi conduzida com José dos Santos Baracho, de 59 anos, nas dependências da escola em que a pesquisa se desenvolveu, conforme registrado no Apêndice G (Figura 11).

José dos Santos Baracho, de 59 anos, professor, concedeu a entrevista no dia 10 de setembro. A transcrição integral do diálogo encontra-se apresentada a seguir:

"Sou José dos Santos Baracho, professora, nasci e me criei aqui, não exatamente em Coqueiros, mas aqui próximo, no Alto do Sítio, há 59 anos praticamente, nasci e me criei aqui nessa região e depois me mudei para Coqueiros. Sobre as histórias da comunidade, as pessoas mais antigas, elas contavam as histórias mais antigas, do início da comunidade, quando tudo começou, no período bastante antigo até da época pós-escravidão. Eu tive a oportunidade de conhecer uma senhora muito antiga, de nome Isabel Roberta, que viveu no período da escravidão e que, segundo ela, muito antiga e contava

[4] Em continuidade às discussões sobre o uso da linguagem na narrativa, a palavra "labrojeiro" foi preservada conforme a fonte original, incluindo grafia e conotação coloquial, indicada pelo [sic]. Ressalta-se que termos como "negão" e "labrojeiro" carregam conotações raciais e estereotipadas, sendo apresentados aqui somente para fins de análise textual e contextualização histórica da narrativa oral.

muita história, do tempo do cativeiro, do tempo que pregava as orelhas dos escravos e da baronesa de Ceará-Mirim, então, as histórias eram mais contadas pelo pessoal da antiguidade. Essas histórias eram contadas em várias épocas, sem ter um momento especial. Da minha parte, da época de cura, essa senhora era curandeira, esse pessoal que benzia, as benzedeiras, com ramo de mangiroba e, às vezes, a gente ia se curar de quebranto, de olhado e elas começavam a contar essas histórias e em reunião de família, nos finais de semana, né? Reuniam-se os pais, os avós e, muitas vezes, a gente conseguia escutar essas histórias, inclusive, o meu pai. Algumas histórias que conheço da antiguidade são histórias contadas pelo meu pai, pela minha mãe e também já tinha uma certa idade, né? Sobre as histórias, tem a origem de Coqueiros que é sobre a escravidão. Realmente, Coqueiros, hoje, é conhecida como quilombola, segundo a história, segundo os mais antigos, era realmente uma comunidade de quilombos, que viviam escravos que fugiam, aqueles escravos que vinham realmente da lavoura trabalhadora da cana – de – açúcar e do café e eles fugiam e um desses refúgios, segundo as histórias aqui, segundo os mais antigos, era realmente a comunidade de Coqueiros, temos também o quilombo, que era ali perto de Boa Vista, próximo ali ao Santa Helena e aqui era onde, realmente, o espaço onde mais existia negros que praticava a capoeira, dançavam, tinham a origem africana e com a religião do candomblé. É tanto que Coqueiros se identifica muito com essa religião do Candomblé, a macumba, como o povo chama, outros, metidos a feiticeiros, à bruxaria e isso ainda existe. A maior parte dos que praticavam isso aí, do Candomblé, a maior parte já se foi, né? Já não estão mais entre nós. Mas ainda existe a raiz, esse povo que ainda pratica essa religião e isso veio de costumes africanos, segundo conta a história. Eu acho que é muito importante contar essas histórias aos meninos de hoje porque a história nada mais é do que do passado para o presente, né? A história é a ciência que estuda o fato passado para a melhor compreensão do presente e até do futuro. Um país sem história é um país sem memória. Então, são memórias que valem para que a juventude lembre que não fizeram parte desse período, mas que os pais, os avós, os bisavós, os tataravós, os tetravós fizeram parte dessa história também e, hoje, nada melhor do que contar realmente um pouco dessas histórias a esse povo da modernidade, um povo diferente, um pessoal que não consegue mais construir, não consegue mais levar essas histórias a frente, e eles precisam lembrar que os avós, bisavós e pais já participaram de tudo isso. Existe sim uma preocupação com essas histórias. Elas não podem se perder no tempo. Esses jovens de hoje são muito assim sem interesse das coisas, sem querer saber sobre as coisas, a questão maior hoje é a tecnologia, o globalizado, os jovens muito no celular, a falta de atenção é muito grande. Nós não vemos mais os jovens lendo um livro, que seguem aquilo que existia na comunidade, como as danças, os pastoris, os bambelôs, a questão do cordão vermelho, do cordão azul, da rodada de samba com os pandeiros. Ainda existe algumas pessoas aqui, pessoas centenárias que já participou

desse período. Mas há uma preocupação sim com os jovens porque o jovem não tá muito ligado nisso não. A questão deles é a tecnologia, com o celular, com tudo e eles estão muito globalizados. Eu gostaria de dizer que é muito pertinente a questão de tentar resgatar essa cultura da comunidade e, apenas, dizendo que a juventude não tem tanto interesse, mas alguém tem que se interessar para que esse jovem não perca essa memória, dessa questão tão bonita que é o nosso passado, nossa antiguidade, nossa cultura quilombola, inclusive, nós temos uma associação aqui quilombola de Coqueiros que existe, mas vai retomar os trabalhos. Lenda totalmente que eu já conheço é a de Ceará-Mirim, da mulher que virou serpente que não é totalmente daqui. Aqui, tem a história de um cachorro que surgia de um morro, que surgia, segundo meu pai contava e a lenda do cidadão que contava essa questão do Candomblé e, segundo a história, o povo via ele envultado, aqui perto dessa comunidade, no início daqui e parece que chamavam ele de Labareda que, de vez em quando, o povo podia ver ele nessa versão do cachorro grande, tipo um lobo. A outra que se conhece é a lenda da baleia, da cidade de Ceará-Mirim e a outra que se conhece é da baronesa de Ceará-Mirim."

Em continuidade, a terceira entrevista foi realizada com a senhora Elineide Nascimento Morais, de 58 anos, agricultora, realizada em sua residência, conforme registado no Apêndice G (Figura 12). A entrevista foi concedida dia 10 de setembro, e a transcrição integral do diálogo encontra-se apresentada a seguir:

"Professora, eu sempre morei aqui, desde que nasci. Olhe, eu conheço algumas histórias, professora Thaísa. A história que eu vou contar é uma história de uma lenda de uma lagoa que existe aqui. A lagoa, o nome da lagoa é lagoa do Caixão, então, lá tem uma história de um caixão que o caixão é cheio de ouro, lá no meio da lagoa e essa lagoa nunca seca e sempre tem essa água. A lagoa seca, mas sempre lá fica essa água e alguém já tentou pegar na corrente desse caixão e não consegue porque quando vê que tá se afundando, volta, porque lá é muito fundo. Essa história já é contada pelos meus avós e eu guardei na minha mente, então a história que eu tô lhe contando é essa e o caixão é cheio de ouro. Tem a história do Pesador. É a história do Pesador que diz que quando a gente tá dormindo de papo para cima tem aquele pesadelo, aí ele tem o chapéu e quem conseguir pegar no chapéu dele, fica rico, inclusive, aqui, tem um senhor que, ele já faleceu, e o povo diz que ele enricou porque pegou o chapéu dele e lá na fazenda dele, seu Amaro Tomé, tem um corredor, uma curva, é uma estrada e lá também diz que tem uma galinha que colocava os ovos de ouro e nasciam pintinhos de ouro e o povo dizia que era encantado. Quando as pessoas se aproximam para pegar essa galinha, aí tudo isso se encanta. As histórias que eu sei são essas. Sim, e o caixão se encanta, também tem essa história que caixão encanta, que ele é encantador. Tem também uma história de um coelho encantado e esse coelho ainda existe, esse coelho ainda existe. A minha irmã disse que já, ela mais uma três ou quatro primas correram muito atrás desse coelho e nunca pegaram esse coelho e quando se aproximavam

pra pegar, esse coelho se encantava e até hoje esse coelho ainda existe que o pessoal ainda fala isso, tá certo? Muitas pessoas contam essas histórias, mais ainda os mais velhos, durante qualquer momento que senta para conversar. É importante passar para os mais novos. O meu neto Lucas, que foi aluno da senhora, já sabe porque eu contei. Ainda lembrei de mais uma lenda, uma lenda real, aqui é um anjo que morreu não sei há quantos anos atrás, mas a gente continua com essa lenda botando um gainho de mato assim, quando passa, para nunca acabar. É tanto que tá aqui, parece uma cova de um defunto. Aí esse aqui é um, mais lá na frente, na outra rua de lá, no outro caminho de lá tem mais outro anjinho e é de muitos anos. Essa é uma história real, mas que é uma lenda, mas é realista."

Nesse último relato, a entrevistada fez questão de se deslocar até o local associado à lenda, a fim de apresentar o espaço em que ela se insere e registrar um vídeo destinado a confirmar sua veracidade, segundo registrado no Apêndice G (Figura 13).

Após a realização das entrevistas, promovemos um momento de socialização em sala de aula. Em seguida, solicitamos aos estudantes a produção de narrativas vinculadas à história da comunidade, previamente transmitidas pelos seus ancestrais.

Constatamos que alguns alunos já haviam tomado conhecimento dessas narrativas, através dos mais velhos, manifestando surpresa, em especial, diante do relato acerca do finado Valdir, apresentado por Thiago Januário.

Na referida ocasião, registramos a presença de aproximadamente quatorze alunos, dois quais parte desenvolveu a atividade em grupos, enquanto outros a realizaram individualmente. As produções resultantes encontram-se reunidas no Apêndice H – Produção 1: Narração das histórias conhecidas, transmitidas em seus lares ou pela comunidade e Produção 2: Criação das imagens das narrativas transmitidas em seus lares ou pela comunidade (Figuras 14 e 15) - as quais foram sistematizadas e integradas ao produto desta dissertação "Caderno de Memórias", constituindo um registro coletivo das narrativas elaboradas pelos estudantes e pelos moradores de Coqueiros.

Portanto, a sequência didática 2, através da realização das entrevistas com os moradores de Coqueiros, possibilitou que os estudantes tivessem contato direto com as memórias locais, preservadas pela oralidade e transmitidas por gerações. O exercício de escuta às narrativas e posterior produção escrita e visual possibilitou o fortalecimento da identidade cultural e do sentimento de pertencimento dos estudantes à comunidade. Assim, essas histórias demonstram a riqueza do patrimônio imaterial presente nesse local e despertam reflexões acerca da necessidade de manter vivas essas memórias. Esse processo resultou na organização e construção do Caderno de Memórias, concebido como produto pedagógico que reúne diversas vozes.

Sequência 3: Vozes da Memória e da Resistência

A sequência didática 3 teve como propósito aprofundar e diversificar as práticas voltadas à valorização da cultura e ao fortalecimento do letramento, buscando promover o processo de leitura reflexiva, crítica e participativa, como prática social capaz de contribuir para a construção da identidade cultural dos estudantes e preservar a memória coletiva da comunidade.

Ações/Procedimentos metodológicos:

- Realizar a leitura dos contos e poemas da cultura negra de Conceição Evaristo (2016; 2017);
    - Vozes-mulheres;
    - Amoras;
    - Olhos d'água.
- Discutir a importância desses contos para a literatura negra;
- Realizar uma atividade reflexiva sobre esses textos;
- Ouvir as músicas "ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga, e "Boa Esperança", de Emicida, com vistas a promover uma reflexão aprofundada sobre a importância de se reconhecer como leitor reflexivo, crítico e participativo, além de reconhecer o papel da literatura negra e a valorização da identidade do grupo.

Recursos utilizados:

Para o desenvolvimento da leitura dos textos e das atividades foram utilizadas folhas de papel ofício A4 com as atividades impressas. Para ouvir a música, foram utilizados o celular e a caixa de som.

Tempo estimado:

O tempo para a realização desta sequência didática foi de duas aulas de cinquenta minutos cada.

Avaliação:

A avaliação foi conduzida por meio da discussão dos textos trabalhados em sala, narrados pela professora, aliada à reflexão sobre as letras das músicas analisadas e à realização de uma atividade prática.

Desenvolvimento da Sequência 3:

Consideramos relevante salientar a importância de trabalharmos a leitura de poemas da cultura negra nesta sequência didática, uma vez que tal prática contribui para a valorização da identidade cultural, da memória, do pertencimento, da reflexão sobre o papel do racismo - ainda presente na sociedade - e o desenvolvimento do pensamento crítico do aluno.

Nesse sentido, o poema "Vozes-mulheres", deixou claro que está relacionado à memória coletiva, pois há várias vozes femininas que refletem as experiências de vida, as dores e a resistência que são passadas por gerações. Essas vozes são da bisavó, avó, a mãe e a filha que começam no passado até o presente, planejando para o futuro a esperança de que a voz da mulher negra seja fortalecida, assim como está expresso na última estrofe: "O eco da vida-liberdade".

No poema, percebemos que a voz dá ritmo, a partir da maneira como é expressa, ou seja, como se alterna entre bisavó, avó, mãe e filha, refletindo a força das mulheres negras, deixando o texto mais reflexivo, intenso e envolvente. A repetição dos primeiros versos é característica da anáfora – figura de linguagem que usa a repetição de palavra ou expressão no início de cada verso – que reafirma a força da voz feminina, a resistência e a força.

É sobre o reconhecimento dessa força que os alunos precisam compreender, refletir e analisar, especialmente no que se refere ao sentido expresso no poema: a esperança e o fortalecimento da voz feminina.

Desse modo, evidenciamos a importância do trabalho com esse poema junto aos estudantes, de modo que contribui para a valorização da memória e da resistência das mulheres negras, fortalecendo, assim, a identidade cultural e o reconhecimento do grupo. O poema "Vozes-mulheres" serve de ponto de partida para uma discussão acerca da preservação da cultura oral, unindo literatura, contos e memórias.

Para dar início à atividade intitulada "O ABC cantado das memórias negras", realizamos uma leitura coletiva do poema Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo, entre os estudantes. Previamente, apresentamos a importância da autora para a literatura brasileira, bem como seus aspectos pessoais. Em seguida, o poema foi lido duas vezes, a fim de favorecer uma melhor compreensão e interpretação do texto pelos alunos.

Posteriormente, os estudantes ouviram a música de Emicida, "Boa Esperança", cuja letra aborda o racismo, as desigualdades sociais e a noção de esperança como alvo de ilusão

e injustiça. A obra estabelece um diálogo com a temática da resistência negra, também presente no texto de Conceição Evaristo, conforme está exposto no Apêndice I (Figuras 16 e 17).

Diante do interesse e curiosidade de alguns alunos, foram também realizadas as leituras de “Amoras” e ‘Olhos d’água” – obras de Conceição Evaristo – com o propósito de aprofundar e ampliar a compreensão do sentido apresentado no poema anteriormente trabalhado.

Em seguida, os estudantes ouviram as músicas “ABC do Sertão”, de Luiz Gonzaga, e “Boa Esperança”, de Emicida. Notamos, entretanto, um maior interesse pela obra de Gonzaga, atribuído, segundo os próprios alunos, ao ritmo envolvente do forró, bem como questões relacionadas ao nordeste, à valorização da cultura regional e ao fato de que o “ABC” que não aprenderam nos muros escolares, ocorre também no sertão, nas ruas e na comunidade. Tal percepção evidenciou uma forma de resistência cultural, especialmente em um contexto histórico em que apenas o saber escolar era reconhecido. A música também valorizou a oralidade, a cultura do povo, o orgulho de suas raízes.

Durante a atividade, essas reflexões surgiram de maneira espontânea entre os estudantes, de modo que a música foi reproduzida, no mínimo, dez vezes. Em virtude disso, como sugestão dos próprios alunos, propomos para a próxima sequência didática a elaboração de uma atividade prática de dança a partir da referida obra musical, além de poemas com a temática discutida.

Por fim, após as discussões realizadas, promovemos uma roda de conversa reflexiva conduzida a partir de questões problematizadoras acerca do conteúdo abordado. Na sequência, realizamos a aplicação de uma atividade impressa, cujos registros encontram-se expostos no Apêndice J.

Em síntese, os estudantes corresponderam às expectativas propostas na sequência didática 3, demonstrando compreensão do poema de Conceição Evaristo, especialmente no que se refere à luta pela liberdade, ao enfrentamento do racismo e à valorização da voz feminina como instrumento de resistência e denúncia social. Reconheceram, ainda, a força simbólica das palavras “fortaleza” e “luz” presentes no texto poético. À luz das reflexões suscitadas pelas músicas de Luiz Gonzaga e Emicida, grande parte dos alunos evidenciou a valorização da cultura nordestina e a relevância da memória comunitária como patrimônio que se transmite entre gerações, constituindo elemento fundamental da identidade cultural. Ressaltamos, contudo, que parte da turma apresentou dificuldades na elaboração da questão final, relativa à vivência da experiência de ter participado da atividade, interpretando-a de maneira distinta da proposta inicial, embora tenhamos explicado, o que aponta a necessidade de orientações mais precisas em futuras atividades.

Sequência 4: A dança e a palavra: corpo e voz na valorização da cultura popular e da literatura negra

A sequência didática 4 teve como propósito promover a valorização da cultura popular nordestina e da literatura negra por meio da dança, oralidade e leitura crítica que possibilitou aos alunos o contato com a arte como exercício de valorização cultural, fortalecimento da identidade, resistência e memória coletiva do grupo.

Ações/Procedimentos metodológicos:

- Retomar a discussão da música "ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga, destacando a valorização da oralidade e da cultura popular;
- Desenvolver, em grupo, uma coreografia para estimular a expressão corporal e o fortalecimento da identidade cultural nordestina através da dança;
- Organizar, através do próprio interesse dos alunos, a elaboração de um poema inspirado na literatura negra, utilizando a oralidade como recurso de expressão e instrumento de resistência cultural.

Recursos utilizados:

Para o desenvolvimento desta sequência didática foram utilizados caixa de som e celular para a reprodução da música, impressão das letras do alfabeto, sala de aula para a apresentação da dança e doze saias utilizadas como figurino.

Tempo:

O tempo para o desenvolvimento da referida sequência didática foi referente a duas aulas de cinquenta minutos.

Avaliação:

A avaliação foi conduzida com base na apresentação da dança, na participação coletiva direta e indiretamente e no poema elaborado a partir de referências da cultura negra citadas na sequência didática 3.

Desenvolvimento da Sequência 4:

Dando continuidade à sequência didática 3, retomamos uma breve discussão com o objetivo de refletir sobre a letra da música "ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga, a qual aborda aspectos culturais e populares, destacando a valorização da oralidade e da sabedoria tradicional.

A canção deixa evidente que os conhecimentos podem ser adquiridos independente de escolarização formal, reafirmando a identidade de um povo e a sua resistência cultural. Só após essa discussão, os estudantes perceberam a importância de valorizar o saber popular e afirmar sua identidade nordestina.

Em seguida, o espaço da sala de aula foi reorganizado de modo a permitir a realização dos ensaios. Embora houvesse ausência de alguns estudantes, a maioria dos presentes participou das atividades, incluindo meninos e meninas.

Após a organização do espaço, desenvolvemos a coreografia de maneira coletiva, sendo distribuídas aos estudantes as letras do alfabeto, de modo que cada participante integrasse uma letra à composição da coreografia. Inicialmente, alguns alunos do sexo masculino demonstraram certa resistência, contudo, posteriormente, aderiram à proposta. As alunas, por sua vez, elaboraram a coreografia de forma eficiente e ágil, permitindo que, no segundo horário, a dança fosse apresentada, estimulando a expressão corporal e reforçando a identidade cultural nordestina, conforme registrado no Apêndice K (Figuras 18 e 19).

Em continuidade à atividade, dois estudantes se organizaram espontaneamente e elaboraram um poema da literatura negra, utilizando a oralidade como forma de expressão cultural. A produção poética traz discussões sobre a memória, as histórias passadas, da resistência, da esperança, da dança, dos quilombolas, das dores ao resistir a uma sociedade racista e a importância da cultura como poder, conforme o Apêndice K (Figura 21). Esse processo de criação do poema fortaleceu os alunos, estimulando a expressão criativa e deixando evidente a importância do trabalho com a literatura negra no fortalecimento do pensamento crítico e reflexivo dos estudantes.

Dessa forma, esta sequência didática possibilitou que os alunos sentissem essa experiência, de maneira prática e reflexiva, através de diferentes formas de manifestação artística e cultural, associando a música à dança e à literatura. Essa trajetória possibilitou aos estudantes o reconhecimento do valor identitário nordestino e da memória coletiva.

Além disso, a produção coletiva da coreografia e do poema permitiu que esses estudantes percebessem a importância da oralidade, da criatividade, do pensamento reflexivo e, sobretudo do protagonismo estudantil que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC – enfatiza, ratificando a importância da arte e da literatura como meios de transformação social.

Produto após as sequências didáticas:

Após a implementação das quatro sequências didáticas, elaboramos, de forma coletiva, um Caderno de Memórias, construído a partir das narrativas de três moradores da comunidade, bem como das produções textuais, ilustrações e organização realizadas pelos estudantes. Adicionalmente, procedeu-se à gravação dessas narrativas, disponibilizadas na plataforma Spotify, cujo link encontra-se incluído neste material. Concluídas as ações propostas, realizamos a análise dos dados sob uma perspectiva qualitativa, com base em técnicas de análise de conteúdo e temática, tendo como eixo central a compreensão dos sentidos construídos pelos participantes acerca da identidade cultural, da ancestralidade e da valorização da cultura negra e local.

Também consideramos diferentes tipos de dados, como: conversas realizadas com moradores da comunidade quilombola Coqueiros, falas dos estudantes durante as rodas de conversa e discussões em grupo, produções textuais desenvolvidas durante a sequência didática, observações da professora e registros das apresentações finais. Organizamos esses materiais em categorias temáticas com base nas falas mais recorrentes e nos temas emergentes durante as atividades como a valorização da identidade cultural local, a relação entre literatura e ancestralidade, a leitura crítica e reflexiva, o resgate e registro da oralidade comunitária e a interação entre escola e comunidade.

Verificamos que as interações observadas durante as sequências de atividades se revelaram de significativa relevância para a apropriação das especificidades dos gêneros conto e poema, bem como a ampliação de repertórios culturais e literário dos estudantes. Na etapa subsequente, procedemos à análise dos dados considerando os aspectos que englobaram o nível de colaboração entre os discentes, o vínculo estabelecido com a comunidade e a criatividade evidenciada nas produções desenvolvidas.

Essa abordagem nos permitiu identificar de que maneira os estudantes ampliaram sua compreensão acerca dos gêneros literários propostos, das artes, música, dança e fortaleceram o sentimento de pertencimento e valorização cultural. Nossa análise evidenciou a relevância da literatura como ferramenta de construção identitária e de aproximação entre escola e comunidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta pesquisa refletem a execução das quatro sequências didáticas realizadas com os estudantes, bem como a elaboração do Caderno de Memórias concebido como produto desta dissertação. O desenvolvimento dessas atividades junto aos discentes da Escola Municipal Professor José Tito Júnior (CERU) nos possibilitou evidenciar o reconhecimento identitário da comunidade Coqueiros, a riqueza da sua produção cultural, as memórias construídas de geração a geração, bem como destacar a relevância da tradição oral em comunidades quilombolas enquanto patrimônio imaterial, reafirmando, dessa forma, a necessidade de preservação e valorização da cultura negra.

Diante disso, no que se refere à primeira sequência didática, verificamos que ela estreitou o contato dos participantes com as narrativas populares, favorecendo a compreensão da tradição oral como traço identitário da comunidade. Ao reconhecerem as histórias locais, foram capazes de refletir sobre a importância da memória coletiva e da identidade cultural de um grupo. Como produto simbólico dessa etapa, construímos coletivamente o Mapa da Memória, fortalecendo o vínculo dos discentes com Coqueiros e nos preparando para a realização das entrevistas na sequência seguinte.

Na análise da segunda sequência didática, realizamos a entrevista com alguns moradores de Coqueiros, permitindo que os alunos tivessem contato direto com as memórias locais, preservadas pela oralidade e transmitidas por gerações. O exercício de escuta aliado à posterior produção escrita e visual, nos levou a fortalecer a identidade cultural e do sentimento de pertencimento à comunidade. Esse processo culminou na organização e construção do Caderno de Memórias – produto desta dissertação – que reuniu diferentes vozes e consolidou a riqueza do patrimonial imaterial local.

A terceira sequência didática nos permitiu aproximar os estudantes de forma crítica da literatura negra e da música como expressão cultural. Eles demonstraram compreensão do poema de Conceição Evaristo, destacando a luta pela liberdade, o enfrentamento do racismo e a valorização da voz feminina como resistência a e denúncia social. Além disso, à luz das reflexões despertadas pelas músicas de Luiz Gonzaga e Emicida, evidenciamos a valorização da cultura nordestina e a relevância da memória comunitária como patrimônio transmitido entre gerações. Ressaltamos, contudo, que parte da turma apresentou dificuldades em uma das questões reflexivas, o que indica a necessidade de orientações mais precisas em atividades futuras.

Por fim, a última sequência didática nos proporcionou experiências práticas e reflexivas, integrando música, dança e literatura como formas de manifestação cultural. A produção coletiva da coreografia e do poema nos permitiu favorecer a valorização da oralidade, da criatividade, do pensamento crítico e, sobretudo, do protagonismo estudantil, aspecto enfatizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dessa forma, consolidamos a compreensão da arte e da literatura como instrumento de fortalecimento da identidade cultural, da memória coletiva e da transformação social.

Ademais, ao reconhecermos a oralidade como elemento fundamental da memória social de um povo e da preservação cultural, reconhecemos também a relevância da literatura na continuidade desse processo. A literatura, ao dialogar com as narrativas orais, caracterizou-se como uma ferramenta de construção identitária que foi capaz de valorizar as vozes presentes na comunidade, aproximando a escola do universo cultural dos estudantes. Desse modo, o educando teve a capacidade de expandir sua visão de mundo, exercitando a criatividade, desenvolvendo o potencial humanizador.

Com esse embasamento, o estudo evidenciou que a oralidade não é apenas um objeto de análise, mas uma prática essencial para preservar a identidade cultural, a memória, a história e as tradições de comunidades quilombolas. Esses traços identitários serviram como base para a continuidade desses costumes e a relação entre o presente e o passado. Assim, sobre o conceito de oralidade, um texto escrito pode trazer marcas da oralidade, mostrando que tanto na fala, como na memória, além do processo de escutar as pessoas, um texto escrito, um dia já foi oral, passando por transformações nesse processo.

A partir dessa concepção, nosso trabalho pedagógico com os textos literários não apenas promoveu a leitura coletiva, dinâmica e social, mas também nos permitiu consolidar o sentimento de pertencimento e fortalecer os vínculos de gerações, reafirmando a literatura como instrumento de preservação da memória e construção identitária.

Considerando esse aspecto acerca da construção identitária, entendemos que ela se constitui como elaboração de sentidos a partir de um atributo cultural específico ou de um conjunto articulado de atributos culturais. Desse modo, compreendemos que a identidade se forma a partir dos traços culturais que vinculam o sujeito à comunidade, ao passado, às narrativas ancestrais e às características próprias do seu grupo social.

À luz dessa concepção, foi analisado o conjunto de ações desenvolvidas ao longo da pesquisa e, assim, foi possível constatar que elas favoreceram o reconhecimento e a transmissão das narrativas e saberes tradicionais da comunidade por meio da tradição oral; ampliaram as práticas de leitura e escrita em diálogo com a cultura local, aproximando o letramento literário das vivências dos alunos; possibilitaram a realização de sequências

didáticas integrando rodas de conversa, músicas, contação de histórias, produção poética e apresentações de dança, o que contribuiu para sensibilizar os participantes quanto à importância da preservação do patrimônio cultural imaterial quilombola; e, por fim, culminaram na elaboração coletiva de um Caderno de Memórias da comunidade e da gravação do podcast no Spotify.

Com a realização dessa pesquisa e de sua aplicação, podemos afirmar que os objetivos estabelecidos foram alcançados, tanto em relação ao letramento literário por meio das narrativas orais, quanto pela materialização do Caderno de Memórias, produto coletivo que reuniu as narrativas orais e experiências dos estudantes. Essa produção evidencia nossa compreensão da cultura local, o fortalecimento da identidade comunitária e a eficácia das estratégias pedagógicas implementadas.

As ações que desenvolvemos ao longo das sequências didáticas contribuíram de forma significativa e proporcionaram uma experiência transformadora para os discentes da escola pública, em especial para aqueles da comunidade quilombola Coqueiros. Mais do que ampliar o repertório cultural, essas atividades promoveram conosco o reconhecimento da tradição oral como patrimônio imaterial. Acreditamos que esse processo de ensino-aprendizagem possibilitou aos participantes a percepção de pertencimento ao seu lugar na história e na memória da comunidade, representando também uma oportunidade de aprendizado e reflexão também para nós, docentes, consolidando a importância do trabalho coletivo voltado à preservação da memória e da identidade cultural.

Nesse contexto, o letramento literário é uma responsabilidade da escola, mas que esta deve fazer sem descaracterizar a literatura. Acredita-se que os alunos - ao entrarem em contato com os textos literários por meio de atividades prazerosas, em que há o envolvimento das diferentes manifestações artísticas, como a pintura, o teatro, a dança, a música, o cinema -, podem aprender, compreender e apreciar melhor as obras literárias.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. **Obras completas**. Volume 7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

BOSI, Alfredo. **Cultura como tradição**. In: BORNHEIM, Gerd et al. Cultura brasileira: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. P. 31-58.1987.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras. Comentado por Ana Maria Lisboa de Mello (UFRGS).

BRASIL**. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 27 de junho de 2025.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022: primeiros resultados.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Link: https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Quilombolas_e_Indigenas_por_sexo_e_idade_Resultados_do_universo/Tabelas_selecionadas/ods/Tabela_21.ods?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 06 de setembro de 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 27 junho de 2025.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Temas Transversais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CAMPOS, Tiago. **Compêndio de História do Brasil** – Volume 01: Colônia (1500 – 1822). São Paulo: Cosenza, 2024. Artigo. Acesso em: 27 jun. 2025.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4 ed. São Paulo; Rio de Janeiro. Duas Cidades: Ouro Sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CASCUDO, Luís da Câmara, 1898 – 1986. **Literatura oral do Brasil**/ Luís da Câmara Cascudo – 2.ed. – São Paulo: Global, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara, 1898 – 1986. **Contos tradicionais do Brasil para jovens** / Luís da Câmara Cascudo; ilustrações Jô Oliveira. – 3. ed. – Belo Horizonte, MG: Boa Viagem, 2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação, volume 2./Manuel Castrells; tradução Klauss Brandini Gehardt. – 9ª ed. rv.ampl. -** São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**/ Michel de Certeau; tradução Enid Abreu Dobránsky. – Campinas, SP. Papirus, 1995. – (Coleção Travessia do Século) 4ª ed. 2005

COMPAGNON, Antonie. **Literatura para quê***?* / tradução de Laura Taddei Brandini – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. **Relatório de Situação das Comunidades Quilombolas no Brasil**. Brasília: CONAQ, 2019.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2007

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. / Rildo Cosson - 2. ed., 13ª impressão. - São Paulo: Contexto, 2022.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário** / Rildo Cosson. – 1. ed.,7ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2023.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DORRICO, Trudruá; NEGRO, Maurício (orgs.). **Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena**. São Paulo: Jandaíra, 2023.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água** / Conceição Evaristo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. 116 p.: il.; 21 cm.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos/**Conceição Evaristo. – Rio de Janeiro: Malê, 2017.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura**? /Vincent Jouve; Marcos Bagno e Marcos Marcionilo, tradutores. - São Paulo: Parábola, 2012.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & Escritas nas Literaturas Africanas.** 1. ed. Lisboa: Colibri, nov. 1998.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & Escritas Pós-Coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas.** 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MUTTI, Maria. **Maculelê**. Santo Amaro da Purificação, 1968.

RICHE, R.M.C. et al. **África e Brasil africano: das narrativas orais ao reconto**. In: AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice Áurea Penteado (Org.). Conto e reconto: das fontes à invenção. V.1. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 229-246.

ROUXEL, Annie. **"Pratiques de lectures: quelles voies pour favoriser l'expression du sujet lecteur**?". Tradução adaptada, com a devida autorização e publicado em Le Français Aujourd'hui, Paris, v. 2, n. 157, p. 65-73, 2007. Cadernos de pesquisa v.42. n145, p. 272-283 jan/abr. 2012.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 3 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

VÁRIOS AUTORES. Projeto Araribá Plus: Português – 8º Ano. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2014. ISBN 9788516094973

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. /Zilberman Regina. – 2ª ed. - São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **O legado da literatura**. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tania M. K. (Orgs.). Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a "literatura" medieval.** / Paul Zumthor. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** / Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat e Maira Inês de Almeida, tradutores – São Paulo: Hucitec, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Registro fotográfico da comunidade quilombola Coqueiros

Figura 1: Registro local da avenida principal de Coqueiros.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (2024)

Figura 2: Registro local da avenida principal de Coqueiros.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (2024)

APÊNDICE B - Registro fotográfico da escola de Ensino Fundamental II - CERU – Centro de Educação Rural – Professor José Tito Júnior, localizada na comunidade quilombola Coqueiros

Figura 3: Registro fotográfico da escola de Ensino Fundamental II - CERU
Fonte: Acervo da pesquisadora. (2025)

Figura 4: Registro fotográfico da escola de Ensino Fundamental II - CERU
Fonte: Acervo da pesquisadora. (2025)

APÊNDICE C: Cronograma de atividades

Atividades desenvolvidas com os alunos	Período	Previsão para Qualificação	Defesa do Projeto de Intervenção
Planejamento: apresentação formal da proposta em sala de aula.	Agosto/2025	Agosto/2025	Outubro/2025
Exposição da noção de literatura, conceitos e atributos, sua devida importância enquanto elemento que gera o conhecimento, além da humanização.	Agosto/2025	-	-
Discussão dos alunos acerca do conteúdo visto em sala de aula.	Agosto/2025	-	-
Trabalho com o conceito acerca da oralidade, a partir dos saberes prévios dos estudantes e os textos da literatura negra. **Colaboração dos pais e moradores da comunidade para a realização do levantamento das histórias da cultura oral(histórias,canções, cerimônias religiosas, poemas e contos).**	Setembro/2025	-	-
Desenvolvimento da sequência didática 1.	1 de setembro/2025;		
Desenvolvimento da sequência didática 2.	8 a 10 de setembro de 2025.		

Desenvolvimento da sequência didática 3.	15 de setembro de 2025.		
Desenvolvimento da sequência didática 4.	19 de setembro de 2025.		
Preparação do Caderno de Memórias com os textos e as imagens que foram desenvolvidas pelos alunos.	Setembro/2025	-	-

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: REGISTRO E DOCUMENTAÇÃO DAS NARRATIVAS ORAIS

O objetivo deste roteiro da entrevista, elaborado pela professora, é mapear os registros das contações de histórias e memórias orais locais, de forma escrita ou gravada. Para isso, ele será aplicado com algumas pessoas da comunidade quilombola Coqueiros.

Apresentação:

- Nome do entrevistador:
- Nome do entrevistado:
- Data:
- Local:

Contexto: sabendo um pouco sobre o morador e as histórias orais da comunidade

1. Há quanto tempo vive nesta comunidade?
2. Você nasceu aqui ou veio de outro lugar?
3. Quem costuma contar histórias aqui na comunidade? São pessoas mais velhas? Jovens também contam?
3. Em que momentos as histórias costumam ser contadas? Durante festas? Nas reuniões de família? Durante o trabalho?
4. Quais são as histórias/contos mais conhecidos aqui na comunidade? Existem lendas de assombração, personagens encantados ou de resistência negra?
5. Existe alguma história que seja contada de geração em geração? Qual?
6. Qual a importância de contar essas histórias para as crianças e jovens da comunidade?
7. Existe alguma preocupação de que essas histórias se percam com o tempo? Por quê?
8. Gostaria de deixar alguma mensagem ou contar mais alguma história que você ache importante?

APÊNDICE E – APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Figura 5: Registro da 1ª sequência didática na escola CERU.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

Figura 6: Registro da 1ª sequência didática na escola CERU.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

Figura 7: Registro da 1ª sequência didática na escola CERU.
Construção do "Mapa da Memória".
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

Figura 8: Registro da 1ª sequência didática na escola CERU.
Construção do "Mapa da Memória".
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

APÊNCIDE F –MAPA DA MEMÓRIA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Figura 9: Registro da 1ª sequência didática na escola CERU.
Construção do "Mapa da Memória".
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

APÊNDICE G – ENTREVISTA COM OS MORADORES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA COQUEIROS

Figura 10: Registro da entrevista com Thiago Januário.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

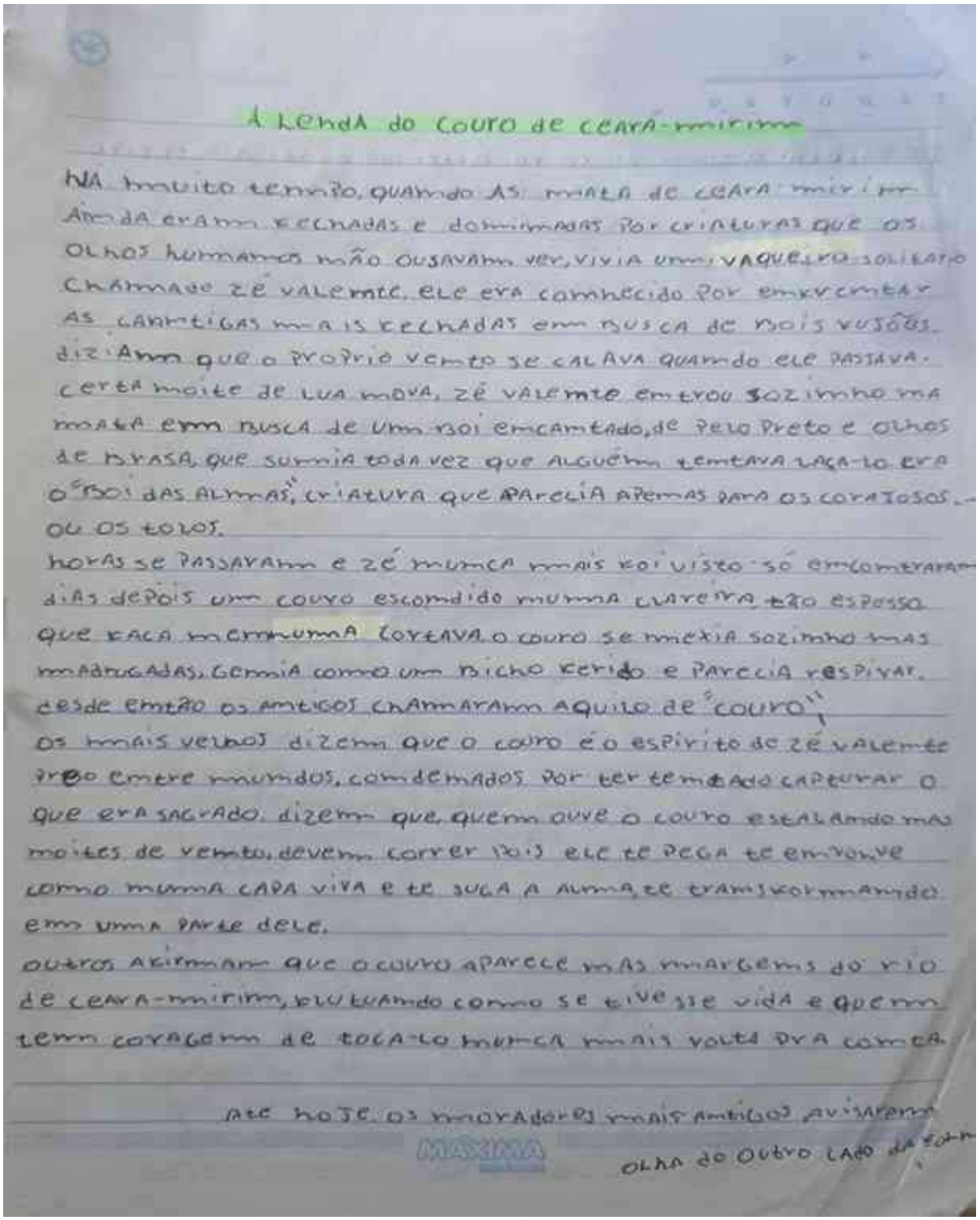
Figura 11: Registro da entrevista com José Baracho.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

Figura 12: Registro da entrevista com Elineide Nascimento.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

Figura 13: Registro do local de uma narrativa oral contada por Elineide Nascimento.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

APÊNDICE H – PRODUÇÕES DOS ALUNOS NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Produção 1 – Narração das histórias conhecidas, transmitidas em seus lares ou pela comunidade



A Lenda do Couro de Ceará-mirim

Há muito tempo, quando as matas de Ceará-mirim ainda eram fechadas e dominadas por criaturas que os olhos humanos não ousavam ver, vivia um vaqueiro solitário chamado Zé Valente. Ele era conhecido por entoar as cantigas mais tristes em busca de seus bois fujões. Diz-se que o próprio vento se calava quando ele passava.

Certa noite de lua nova, Zé Valente entrou sozinho na mata em busca de um boi encantado, de pelo preto e olhos de brasa, que surgia toda vez que alguém tentava laçá-lo. Era o "Boi das Almas", criatura que aparecia apenas para os corajosos — ou os tolos.

Horas se passaram e Zé nunca mais foi visto. Só encontraram dias depois um couro escondido numa clareira, tão espesso que nada mexia sozinho mas enrugadas. Gemia como um bicho ferido e parecia respirar. Desde então os amigos chamaram aquilo de "couro".

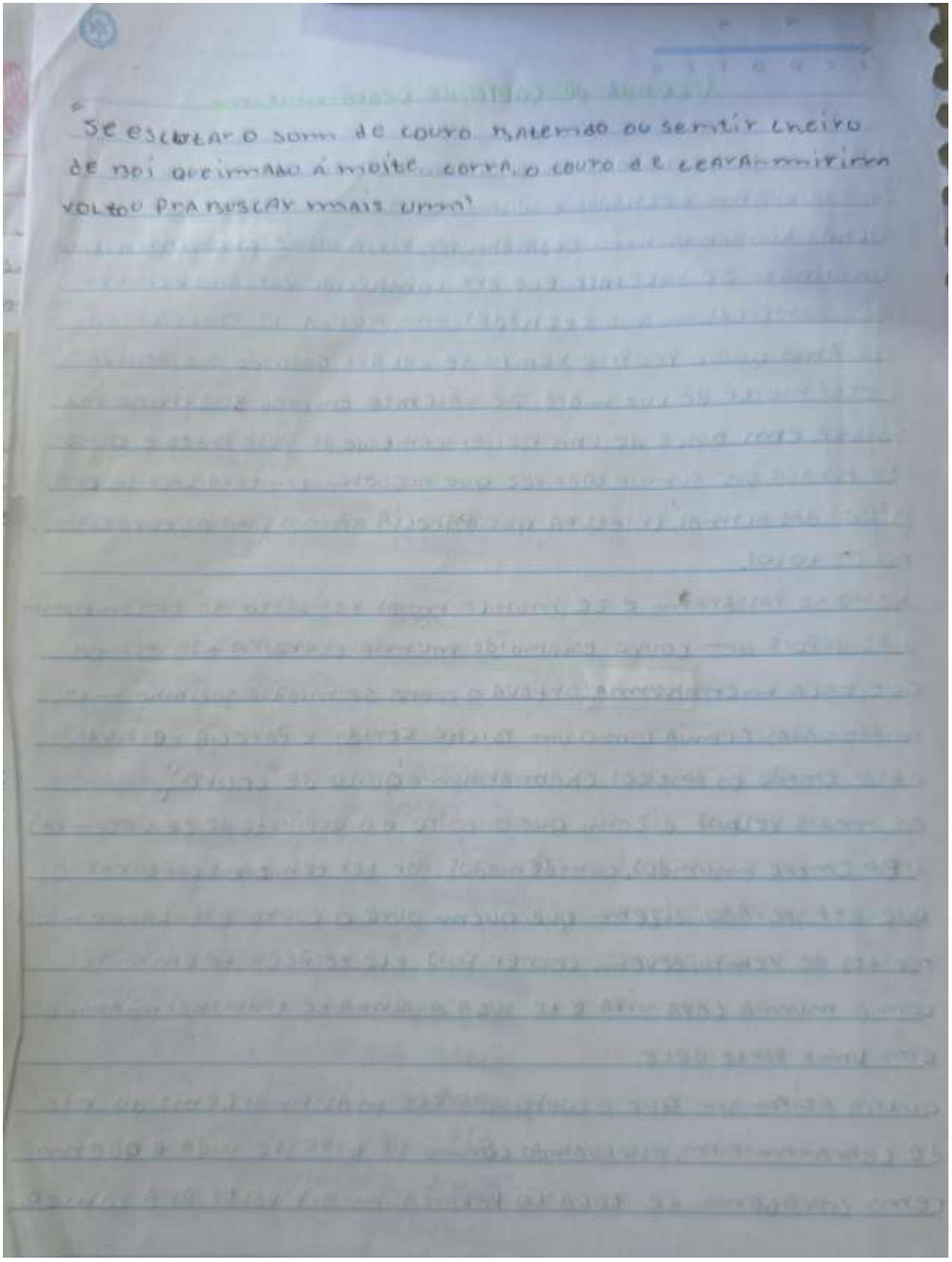
Os mais velhos dizem que o couro é o espírito de Zé Valente preso entre mundos, condenados por ter tentado capturar o que era sagrado. Dizem que, quem ouve o couro estalando nas noites de vento, devem correr pois ele te pega te envolve como uma capa viva e te suga a alma, te transformando em uma parte dele.

Outros afirmam que o couro aparece nas margens do rio de Ceará-mirim, pulsando como se tivesse vida e quem tem coragem de toca-lo nunca mais volta pra casa.

Até hoje os moradores mais antigos avisam

MÁXIMA

olha do outro lado da



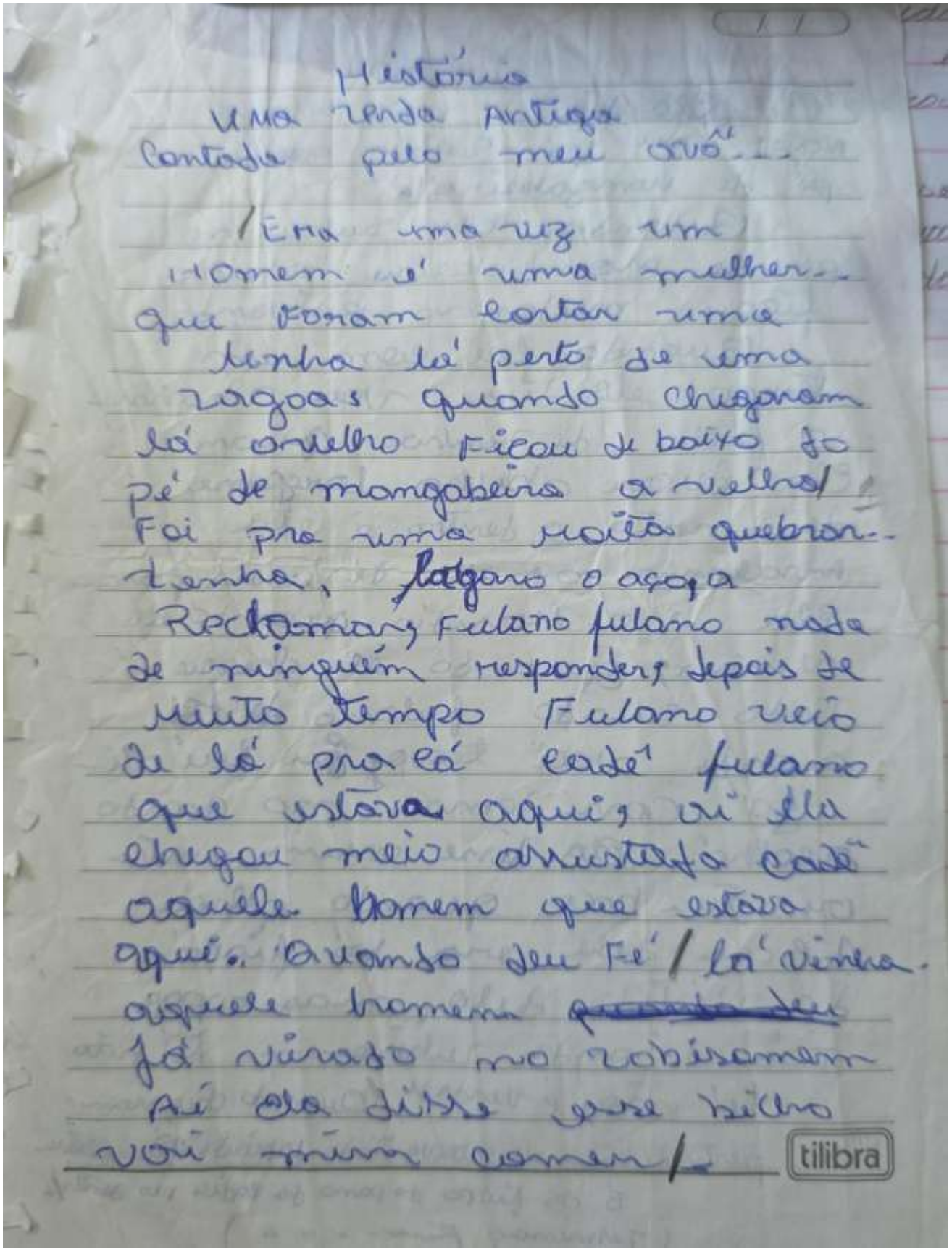
"Se escutar o som de couro batendo ou sentir cheiro de boi queimado á noite, corra, o couro de Ceará-miririm voltou pra buscar mais um"

Eu moro em um lugar chamado "Palmeiras", não muito conhecido pois alguns dizem que é Rio dos índios outros que é o Assentamento.

Palmeiras é localizado depois do rio dos índios, proximo a distribuidora de água tem uma fazenda chamado palmeiras dali começa nossa lenda que diz: em uma das fazendas de Palmeiras, tinha um ranchor a lenda diz que esse ranchor comprou um casal de ratinhos e passou a crialos em um baiu (clandestinamente) logo esse casal de ratos começou a reproduzir muitos filhotes então ele colocou todos em um tanque logo após esse os filhotes começaram a desaparecer, daí em diante ele ficava dia e noite de olho nos cobras e logo percebeu que a cobra fêmea estava com o crescimento anormal, depois de uma semana o ranchor descobriu que a cobra estava se alimentando dos seus proprios filhos, ele proucupado pegou todas as cobras colocou em saco level para um terreno e os soltou, dizem que a cobra continuou se alimentando de sua propria espécie e crescendo cada vez mais, dizem ter visto ela logo após ser solta, e afirmam que um homem que tinha desaparecido proximo ao terreno tinha sido a cobra que ao ele trabalhar sozinho no meio da mata ela grande conseguiu pegar ele.

A LENDA DA BALEIA DEBAIXO DA IGREJA MATRIZ DE CEARÁ-MIRIM NARRA A HISTÓRIA DE UMA ENORME BALEIA ADORMECIDA SOB A IGREJA, SENDO SUSTENTADA POR UMA FORÇA MÍSTICA, POSSIVELMENTE LIGADA À IMAGEM DA PADROEIRA, NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. ESSA BALEIA, ESTARIA APRISIONADA EM UM RIO SUBTERRÂNEO, O RIO CARDELOSO, E SEU DESPERTAR CAUSARIA UMA GRANDE INUNDAÇÃO NA CIDADE. A LENDA SE ENTRELAÇA COM HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DA IGREJA ONDE A ARGAMASSA FEITA COM ÓLEO DE BALEIA ERA UTILIZADA, TÉCNICA COMUM NA ÉPOCA. A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, PADROEIRA DA CIDADE, TERIA UMA PAPEL CRUCIAL POIS, SEGUNDO A LENDA, ELA É QUEM MANTÉM A BALEIA APRISIONADA. ALGUNS RELATOS DIZEM QUE, PARA OUVIR O CORAÇÃO DA BALEIA É PRECISO ENCOSTAR O OUVIDO NO ALTAR DA IGREJA, ESPECIALMENTE POR VOLTA DAS 18H. EM OUTRAS VERSÕES DA LENDA, A BALEIA TERIA SIDO AMALDIÇOADA POR SANTA ÁGUEDA, APÓS PERDER UMA DISPUTA PARA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO PELA ESCOLHA DA PADROEIRA DA CIDADE. A MALDIÇÃO SÓ SERIA QUEBRADA QUANDO AS ÁGUAS DO RIO CEARÁ MIRIM ATINGISSEM A CALÇADA DA IGREJA.

MICHELE BORGES DA SILVA



História
Uma renda Antiga
Contada pelo meu avô...

/Era uma vez um
Homem é uma mulher...
que foram cortar uma
lenha lá perto de uma
lagoa, quando chegaram
lá o velho ficou de baixo do
pé de mangabeira a velha/
Foi pra uma moita quebrar...
lenha, largaro o aço, a
Reclamar, Fulano fulano nada
de ninguém responder, depois de
muito tempo Fulano veio
de lá pra cá cadê fulano
que estava aqui, aí ela
chegou meio assustada cadê
aquele homem que estava
aqui. Quando deu Fé / lá vinha.
aquele homem ~~quando deu~~
já virado no robisomem
Aí ela disse esse bicho
vai mim comer/

(11)

/Ai Ela disse não come
Não, vou já subir aqui no
pé de mangabeira/.
Quando Ela subiu no
pé de mangabeira o bicho
ficou medonho ruivando
Quando foi com um
tempo ela disse vou arrochar
o feicho de lenha quando
Ela desceu o bicho largousse
de mato a dentro é ela
Arrochando o feicho de lenha para
Ela é o marido quando ele
vinher, quando ele chegou
todo suado fulano de tal
a onde você tava, Eu fui ali
já corridemos no arcado
acolhá, Ela disse assim mostra
ai tua boca, quando olhou
A Boca dele era só fiapó
do vestido dela, mas rapaz
Tás virando rubisomem. Tó não
tó não, é verdade, /Quando chegaram
perto de casa ele estava todo lapiado da mangabeira
É os fiapo do pano da Rodia nos dentes/.
(Terminou Fim ...)

(LENDA DO LOBISOMEM)

Meu Bissavô me contava que tinha
um Homem que virava LOBISOMEM
um certo dia sua mulher foi pega. lenha, na
mata. como seu marido, então ele falou
eu vou a lê e volto já.
quando ela estava pegando lenha apareceu um
Bicho feio que queria pegar ela, então
ela subiu numa arvore ele rasgou sua
saia. quando ele voltou, ela viu os Cios
de sua saia, nos dentes dele, descobrindo
que ele foi o lobisomem que lhe atacou.

HISTORIA DE MUITOS ANOS.

A muito tempo que os povo fala do levo-
uto quer so aparecia a noite. nua
noite o meu à vô iar para cosa na bic-
icheta e no bagajeiro da bicicheta uma
cesta de grude, bolo preto, tapioca etc.
que ele vendia,
Os caminho era na pista que não exetia
era cheio de mato. ele passou só e ouvi
là vo eu là vo eu. air ele não pensou duas
vez que deu um careira na bicicheta. que
quando chegou em casa cader os bolo
preto e os grude, tapioca so a cesta seca
era uns 12 horas da noite, no outro dia
ele foi no mesmo ocanto que escuto a voz
tava la os negocio cheio de formiga.

Aluna: Janeide benedito da silva

VINICIUS DOS SANTOS COSTA

MINHA VÓ QUE ANINGAS COMEÇOU COM MORADORES DE OUTRAS COMUNIDADES QUE MORAVÃO EM CASAS DE TAIPAS O NOME ANINGAS SURGIU A UMA PLANTA QUE SE CHAMAVA ANINGAS E ~~OS MORADORES~~ OUTRAS FAMILIA CHEGARÃO E FOI SE TORNANDO A ANINGAS DE HOJE, ANINGAS TEM MUITOS PONTOS TURISTICOS COMO A LAGOA DOS CORAÇÕES, IGREJA CATOLICA, IGREJA CRISTA, ANINGAS É UM POVO DE MUITAS TRADIÇÕES E RELIGIÕES CADA UM COM A SUA UM RESPEITADO O OUTRO

DIZ A LENDA QUE UMA MOÇA SE APAIXONOU PELO O FILHO PADRE E ELE TAMBÉM SE APAIXONOU POR ELA ENTÃO O PADRE DEIXOU DE SER PADRE FOI SE CASAR COM A MOÇA MAIS O AMOR DURO DOIS LAGOS O FEITIÇO NA MOÇA NA NOITE DE QUINTA-FEIRA DA LUA CHEIA NO CÉU TRANSFORMOU A MOÇA NA MULA SEM CABEÇA POR CAUSA DO FEITIÇO A MULA SEM CABEÇA TINHA QUE PERCORRER 7 LUGARES E SEU RELINCHO ERA TÃO ALTO QUE ASSUSTAVA QUEM OUVIA A LENDA DIZIA A MULA SEM CABEÇA ELA ATRAÍA PELA AS VIAM E OS DENTES DAS PESSOAS, AS PESSOAS TINHAM QUE ESCONDER AS MÃO E OS DENTES POR CAUSA DA MULA SEM CABEÇA ENTÃO O EX PADRE DESCOBRIU COMO ACABAR COM O FEITIÇO QUE O PADRE ELE CRIO CORAGEM E TIROU OS PÉS DA MULA SEM CABEÇA, E NA MESMA HORA ELA VOLTOU A SER UMA BELA MOÇA DE NOVO, E AGORA QUE ELÉ NÃO ERA MAIS PADRE E A MOÇA NÃO ERA MAIS A MULA SEM CABEÇA, ENTÃO ELES SE CASARAM E VIVERAM COM A LENDA DA MULA SEM CABEÇA É UMA FAMOSA MAS HISTÓRIA BRASILEIRAS.

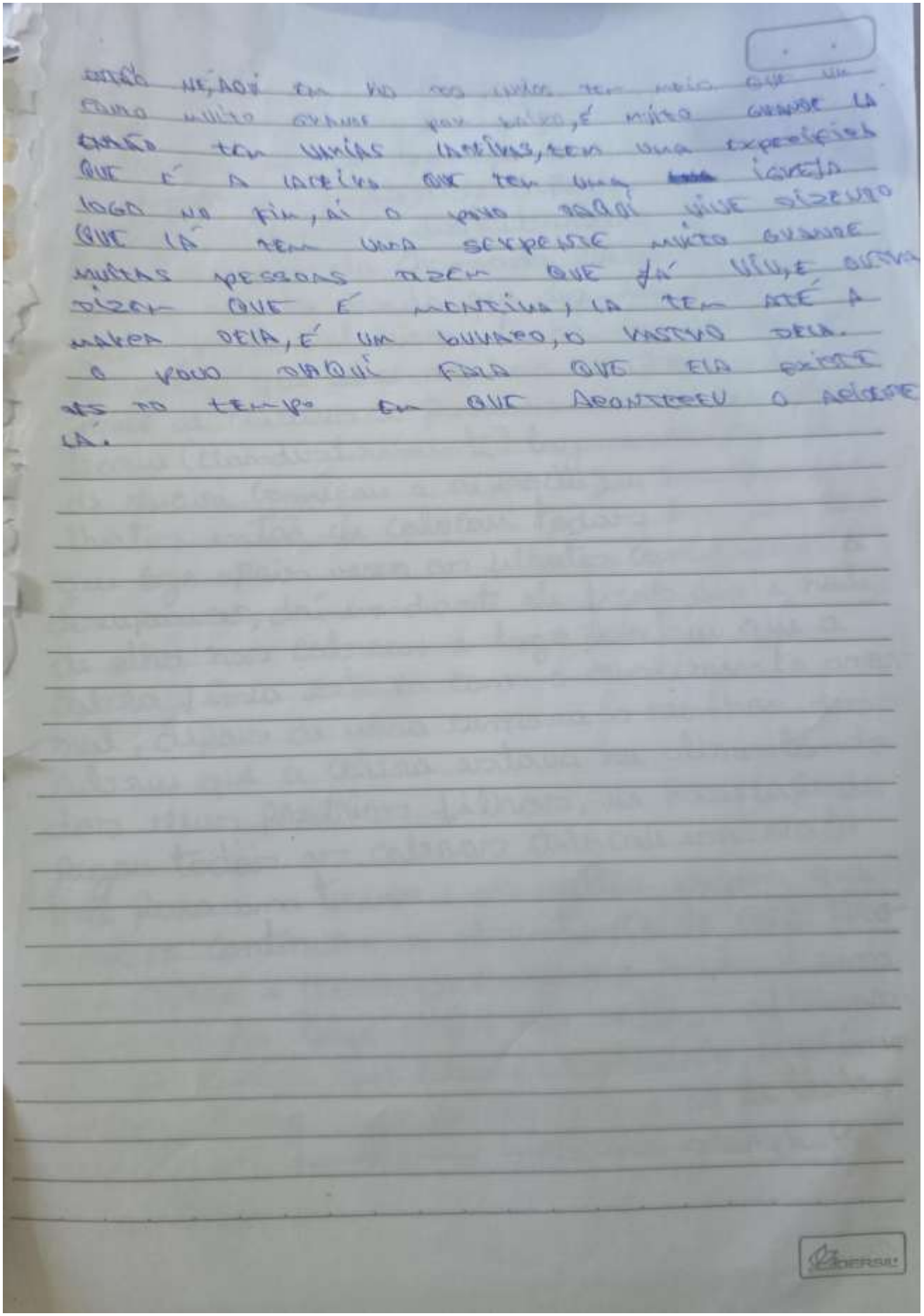
EZEQUIEL KLEBER PEREIRA MATIAS

A lenda do Tesouro de Extremoz

A lenda do Tesouro de Extremoz refere-se a um tesouro supostamente deixado pelos piratas e enterrado nas proximidades da antiga igreja da cidade, constituído por imagens dos doze apóstolos em ouro maciço, que nunca foi encontrado, apesar de várias tentativas de busca.

A busca pelo tesouro levou a escavações e danificaram as ruínas da antiga igreja, que era a igreja de São Miguel Arcanjo, tombada como Patrimônio histórico.

Ayrone Gabrielle Medeiros Teixeira



Produção 2 – Criação das imagens das narrativas transmitidas em seus lares ou pela comunidade

Figura 14: Desenvolvimento da atividade proposta na sequência didática 2.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

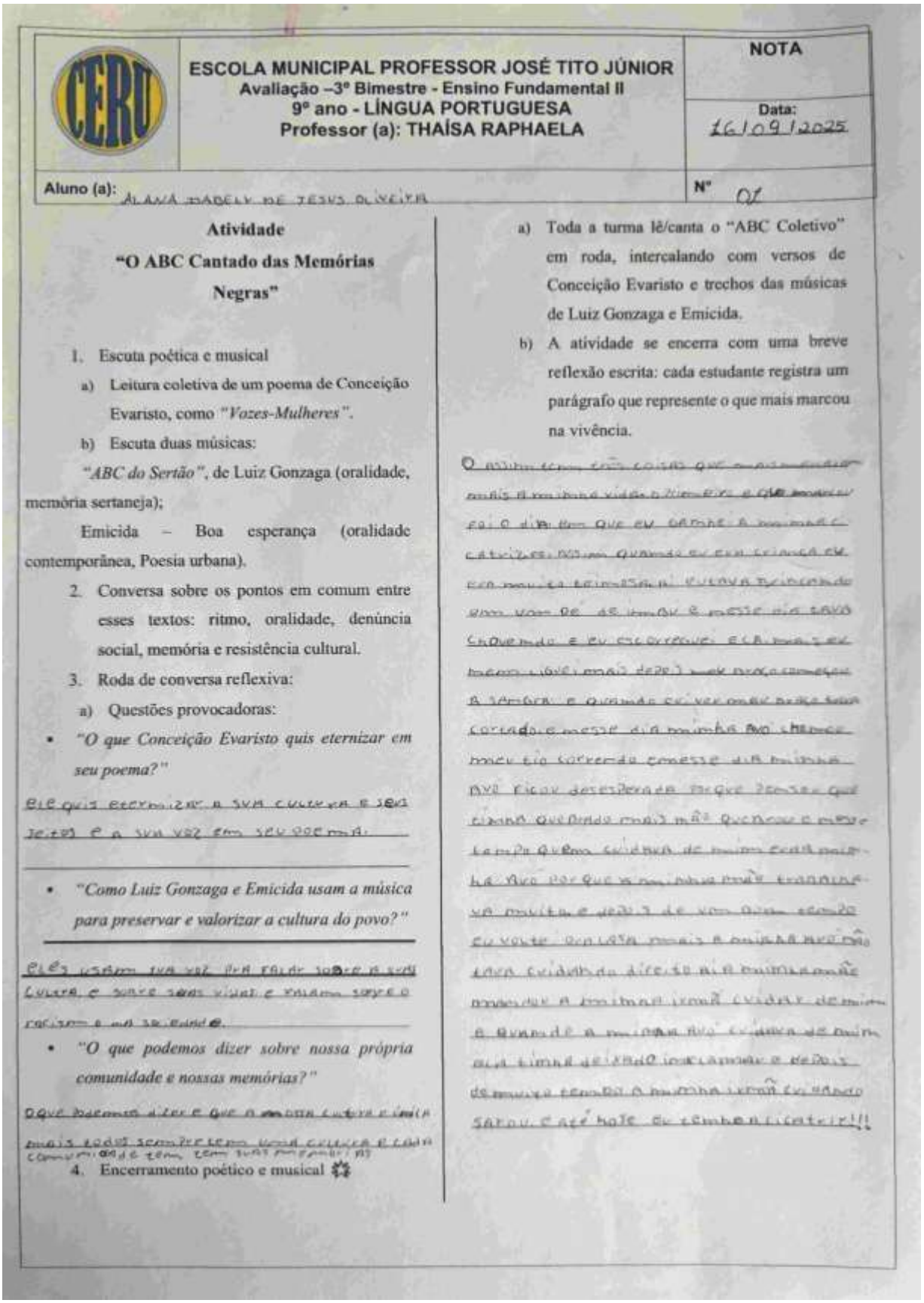
Figura 15: Desenvolvimento da atividade proposta na sequência didática 2.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

APÊNDICE I – APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Figura 16: Apresentação da proposta da atividade da sequência didática 3.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

Figura 17: Atividade de escuta musical realizada em sala de aula, mediada pela professora para a sequência didática 3.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

APÊNDICE J – PROPOSTA DE ATIVIDADE DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3



ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR
Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II
9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA
Professor (a): THAÍSA RAPHAELA

NOTA

Data: 16/09/2025

Aluno (a): ALANA MADELY DE JESUS OLIVEIRA

Nº 01

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

Ele quis eternizar a sua cultura e seu jeito e a sua voz em seu poema.

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

Eles usam sua voz pra falar sobre a sua cultura e sobre seus vivi e falam sobre o racismo e não se calam.

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

O que podemos dizer é que a nossa cultura é mais rica porque sempre tem uma criança e com comunidade tem, tem sua memória.

4. Encerramento poético e musical

a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

O minha vivência foi uma coisa que marcou muito a minha vida, o tempo e que marcou foi o dia em que eu ouvir a minha professora falando quando eu era criança eu era muito teimosa, eu estava brincando com vovó de ser mãe e meu pai saiu chovendo e eu escorregue e a minha mãe ficou mais depois ela começou a chorar e quando eu vi ela mais nova saiu correndo e nesse dia minha avó chorou muito correndo comigo e minha avó ficou desesperada porque pensou que eu tinha quebrado mais não quebrou e nesse tempo quem cuidava de mim era minha avó porque a minha mãe trabalhava muito e hoje é dia 20 de novembro eu vou contar mais a minha avó não está cuidando direito a minha mãe morreu e minha irmã cuidou de mim e quando a minha avó estava de mim a minha irmã ficou de mau humor e hoje minha irmã está sarou e até hoje eu lembro disso!!!

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR
Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II
9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA
Professor (a): THAÍSA RAPHAELA

NOTA

Data: 16/09/25

Aluno (a): Maria Luiza Benonimo de Farias

Nº

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

da fortaleza da luz e esse poema traz força e bastante alegria.

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

usando a linguagem normal e é alegria e ele fala muito do abc.

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

a nossa comunidade é cheia de vida é alegria.

4. Encerramento poético e musical ✡
   a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
   b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

eu na outra escola um menino chamava eu de alho com mais eu deixava porque eu não entendia mais eu ia dentro mais por isso se passou o racismo ou um preconceito comigo já passou o que importa é que eu não ligue. com isso.

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/02/25
Aluno (a): Ana cecília Belisio de Paiva		**Nº** 03

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   ☒ Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

Da Fortaleza da mulheres negras

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

Grito de liberdade

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

As Historias de Geração Por Geração

4. Encerramento poético e musical ✲
   a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
   ☒ A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

A minha bisavó não gostava de Pessoas negras, e se casou com uma Pessoa negra, e so teve filhos e filhas negracos. Depois que ela teve 8 filhos, sendo dois gemeos que faleceu, o Primeiro marido dela que foi o Pai dos filhos dela, sofreu um ansidente de onibus na Ponte Velha, ele Pulou do onibus e faleceu, então Depois que ela ficou viuva ela não casou mas, atualmente ela tem 91 anos e so teve um marido na vida toda.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR
Avaliação –3° Bimestre - Ensino Fundamental II
9° ano - LÍNGUA PORTUGUESA
Professor (a): THAÍSA RAPHAELA

NOTA

Data: 16/09/2025

Aluno (a): Ana Julia do Nascimento Rosa **N°**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical

☒ Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.

b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:

a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

A força das mulheres negras

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

Para preservar as vozes das mulheres negras.

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

Que as minhas memórias não são incríveis e únicas.

4. Encerramento poético e musical ✡

a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.

☒ A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

Sim, por morra em um lugar distante.

CERO	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/09/2025
Aluno (a): Aryane Gabrielle Medeiros Teixeira		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

Sua fortaleza das pessoas negras que sofreram no período da escravidão.

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

Usando a linguagem normal e é algo legal e fiz pelo muito do ABC.

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

Contar as histórias lindas que elas tem e sobre o combate preconceito.

4. Encerramento poético e musical ✡

a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

Gosto porque ela pôs a gente e as meninas participam que eu na turma, no começo tentaram arrumar briga com outras, depois também tentaram tirar uma foto minha sem roupa, tiraram eu dos grupos que não ia postar, até pegaram o meu cabelo afonso me xingaram foram fantar coisas que passaram dos limites e fui dizer para a minha família não tava aguentado mais, e valeu a pena, mas eu espero de novo e fui que fazer e 3 dias de novo sofri várias coisas que eu nem sei mas o que é ainda tem mais, fui me chamaram de filha várias vezes riam de mim sem eu fazer nada tudo que eu falava riam sem motivo.

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/09/25
Aluno (a): [illegible] do N. Vicente		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

Para Preservar a cultura quis eternizar com musica

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

Eles usam e falam da cultura do Povo na Propria letra do Povo

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

4. Encerramento poético e musical
   a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
   b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/03/25
Aluno (a): Daniel maia dos santos		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

da Fortaleza da mulheo degra

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

Grita de liberdade

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

As historias de gração por gencição

4. Encerramento poético e musical
   a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
   b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/09/25
Aluno (a): Danilo Victor Franca do nascimento		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   X Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

COMO AS MULHERES SE DESENLUOVENDO AS LETRAS E O POEMA FALA DO RASIS QUE TEM QUE ACABA O RASIS

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

LUIZ GONZAGA FALA DAS LETRA QUE FALA DAS LETRA QUE FALA DO ABC QUE O SUTA QUE DOS E DIFERENTE EMICIDA FALA SOBRE O RASISMO NA SOCIDADA

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

SOBRE A MINHA COMUNIDE EU NUCA SAIRIA DE LA PORQUE O CONSTRUI A MINHA MEMORIA

4. Encerramento poético e musical

a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.

X A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

MEU BISAVO E DESENDENTE ESCRAVO E PASO EM GERAÇÃO E ATE HOJE MEU AVO ENGRO ELE VEM DIA BATATA, MILHO, FEIJÃO VERDE E MANDIOCA ERA FAMINHA POBRE DOS MEU AVÓ MORAVAN EM CASA DE TAIPA E COMO COM 10 FILHO E ATE HOJE AS COISA MUDARAN HOJE TODO MUNDO TRA BALHA

SOBRE A COR QUE POR POVOS BRANCO TEM RASISMO COM A COR

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/09/25
Aluno (a): Deoris Rangel Soares Sipriano		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

ela quis que o Rotismo acabasse para ser uma comunidade mais aceitável.

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

sem valorizando a cultura do povo nordestino através da música

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

As lutas do cada dia e as nossas Resistência

4. Encerramento poético e musical

a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.

b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

Várias coisas marcaram a minha vida, mas a principal delas foi minha avó que marcou a infância de todos os seus netos.

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/04/2025
Aluno (a): EMILY-ANIELY BARBOSA nascimento		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical

X Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.

b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.

3. Roda de conversa reflexiva:

a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

mostrando denuncia salcial

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

que o povo do sitão pode aprende

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

lindas, historia

4. Encerramento poético e musical

a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.

b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

sobre que o Homem me afogou
eu tava Tomano Banho no
tamquen ele era o amigo
do tavo eu e minha
irmã, ai ele foi e me afogo
ele minha mas, tia, e pai
terou uma sharra
e vale mas ele sai de
cara-mirim.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR
Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II
9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA
Professor (a): THAÍSA RAPHAELA

NOTA

Data: 16/09/25

Aluno (a): Emilim Maria Martins Hermenegildo

Nº

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   (b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

DA FORÇA DE MULHERES NEGRAS
COM VONTADE DE ACABAR COM O
RACISMO E A DESIGUAL

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

VALORIZO AS COISAS DA SUA
CULTURA E DA SUA ORIGEM E
PRESERVANDO A NATURALIDADE DE SI

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

FASES DA MINHA INFÂNCIA E MOMENTOS
QUE EU QUERIA QUE NÃO FOSSE PASSAGEIROS
COMO MOMENTOS DA MINHA COMUNIDADE QUE VIROU MEMÓRIAS

4. Encerramento poético e musical
   a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
   (b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

UMA COISA QUE SEMPRE MARCOU
MINHA VIDA FOI ME SENTIR CULPADA
SEM NENHUMA RAZÃO SOBRE
MEUS AVÓS TER UMA INFÂNCIA E
JUVENTUDE BOA E CANSATIVA
MAS ELES SEMPRE LEVAM
COM SI A SUA CULTURA, IDENTIDADE
E SUA NATURALIDADE DA RAIZ
DO SEU POVO.

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/03/2025
Aluno (a): Ezequiel Kleber Pereira [illegible]		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.

X Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

Ele quis eternizar com a musica que no sertão tem que aprender a ler que o ABC é várias com isso e mais.

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

Ele preservar cada a uma do dia dia por nossa cultura e preserva e quaderna a cultura para a vida.

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

Ela minha comunidade lu acha muito boa e vai ficar pra resto da vida

4. Encerramento poético e musical ✲

a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.

X A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

não aconteceu muitas coisas na mesa vida, mais só aconteceu que eu só quebrei a branca mais que eu fui muita burra que de subir no pé de pau malhando e tava vavando no dia mesmo dia eu charrei tanto que eu quebrei a branca mais fiu isso que aconteceu comigo

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/03/25
Aluno (a): Gabriel Soares do Nascimento		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

Ela quis que a Racismo acabasse para ter uma sociedade mas justa

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

Valorizando a cultura Nordestina através da Música

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

que contém nossas culturas e tradições

4. Encerramento poético e musical
   a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
   b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

Minha infância brincadeiras amigos novos

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** __/__/__
Aluno (a): Helaine da Silva A		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

ele quiz dizer que a voz da mulher tem força, e ela tem direito

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

eles usaram linguagem informal. falando como eles dizem as letra etc.

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

a minha comunidade: e legal, e minhas memorias são maravilhosas

4. Encerramento poético e musical
   a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
   b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

quando eu era pequena tinha uma menina que me mordia. ai eu mordia ela de volta, mas minha mãe foi chamada na escola e a mãe da outra menina. a menina era branca e ficava as marcas de mordida, mas eu não ficava, ai a diretora não acreditou, porque eu sou morena, só acreditou nela.

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16 / 09 / 25
Aluno (a): HUGO GABRIEL CAMARA DE SOUZA		**Nº** 9

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

o [illegible] da [illegible] de [illegible]

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

o [illegible] de [illegible]

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

[illegible]

4. Encerramento poético e musical
   a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
   b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR
Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II
9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA
Professor (a): THAÍSA RAPHAELA

NOTA

Data: __/__/__

Aluno (a): JADSON MADUREIRA DE OLIVEIRA

Nº

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

PARAR O PRECONCEITO UMA SOCIEDADE IGUAL SEM PRECONCEITO E RELISMO

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

UMA CRITICA A SOCIEDADE APOIA AS MULHERES NEGRAS

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

UMA COMUNIDE QUE RECONHECE SUA CULTURA E SUA HISTORIA BAKALHADORA

4. Encerramento poético e musical

a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.

b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

O TEMPO ONDE EU BRINCAVA COM MEUS AMIGOS OU COLEGAS NA ESCOLA OU EM CASA DE ESCONDE-ESCONDE PAÃO BRIBLADE ALA CORDA DAMA XADRES O TEMPO ONDE EU CUIDAVA DAS OVELHAS COM OS MEUS PRIMOS O TEMPO ONDE JOGAVA JOGOS DIGITAIS E 2048 COM MEUS AMIGOS E PRIMOS

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/09/2025
Aluno (a): Janeide Benedito da silva		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

Fala das mulheres negras e sobre os racismo

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

Fala de linguagem informal, do dia a dia, e alegria do povo nordestino

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

As minhas memórias boas que minha vó falava é um riqueza na minha comunidade

4. Encerramento poético e musical

a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.

b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

No dia que eu tava na escola barão de ceara-mirim ain nesser dia foi aula foi na quadra ain fui jogar bola e torcei meu pé ain não conseguim pisar no cha ain minha amiga mim ajudou eu subi a escada que tem lo e outra na entrada escada e pra cubir no ônibus quando eu cheiguei na minha para meus colegar mim levou na braço pra casa que eu não conseguiar anda que em comodeia e fui pro hospital quando chegou lá fiz o que tinha fazer quando foi na hora de bate o raox ain tem uma escada na sala e so podia entra eu ain eu fui sóemgual um saci mais a mulher não mim de jeito nem um ain eu diser ve não vai mim ajuda eu subir após ela virou cara e não mim ajudar.

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16 / 07 / 23
Aluno (a): JEFFERSON DE OLIVEIRA SILVA		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

PRA PRESERVAR A CULTURA E QUIS ETERNIZAR COM A MÚSICA

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

QUE USAM E FALAM DA CULTURA DO POVO NA PRÓPRIA LETRA DA MÚSICA

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

A MINHA COMUNIDADE FOI ONDE EU NASCI

4. Encerramento poético e musical

a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.

b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/09/2025 16/09/2025
Aluno (a): JOÃO VINICIUS DOS SANTOS COSTA		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   X Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

COMO AS MULHERES SÃO DESVALORIZADAS NO NORDESTE

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

LUIZ GONZAGA FALA COMO O NORDESTE É ABANDONADO VALORIZANDO A EDUCAÇÃO EMICIDA FALA DO PRETO VALORIZANDO A CULTURA NEGRA

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

SOBRE A MINHA COMUNIDADE EU NUNCA SAIRIA DE LÁ PORQUE LÁ QUE EU CONSTRUÍ AS MINHAS MEMÓRIA

4. Encerramento poético e musical
   a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
   X A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

A MINHA VIVENCIA FOI QUANDO EU E MINHA FAMILIA VIAJOU PARA JUAZEIRO FOI UMAS DAS ~~VIAJOU~~ VIAJENS DA MINHA VIDA

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/09/25
Aluno (a): Julia Silva de Amorim		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

Ela quis reforçar que a força negra e a forção feminina e o nosso bem mais precioso.

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

nos representando, e usando tudo que nos já fomos e o preconceito com o nosso povo.

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

Posso dizer que é um lugar de memorias muito boas.

4. Encerramento poético e musical ✲

a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.

b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

uma coisa que me marcou e na hora não dei muita importancia foi, certo dia meu tio que por incrivel que pareça so vi duas vezes na vida, me dise que não era porque minha mãe e dona de casa e meu pai vaqueiro, que eu era obrigada a seguir seus pasos, que eu podia trilhar o meu proprio camiho, mas nunca esquecer das minhas origems de onde vim e quem me ajudou a chegar no topo.

CERU	**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JOSÉ TITO JÚNIOR** **Avaliação –3º Bimestre - Ensino Fundamental II** **9º ano - LÍNGUA PORTUGUESA** **Professor (a): THAÍSA RAPHAELA**	**NOTA** **Data:** 16/09/2025
Aluno (a): Maiora Luiz Andrade		**Nº**

Atividade

"O ABC Cantado das Memórias Negras"

1. Escuta poética e musical
   a) Leitura coletiva de um poema de Conceição Evaristo, como *"Vozes-Mulheres"*.
   b) Escuta duas músicas:

"ABC do Sertão", de Luiz Gonzaga (oralidade, memória sertaneja);

Emicida – Boa esperança (oralidade contemporânea, Poesia urbana).

2. Conversa sobre os pontos em comum entre esses textos: ritmo, oralidade, denúncia social, memória e resistência cultural.
3. Roda de conversa reflexiva:
   a) Questões provocadoras:

- *"O que Conceição Evaristo quis eternizar em seu poema?"*

MOSTRANDO DENUNCIA SOCIAL, E CONVERSAS REFLEXIVA E QUE VOZES DE MULHERES PODEM SER OUVIDAS.

- *"Como Luiz Gonzaga e Emicida usam a música para preservar e valorizar a cultura do povo?"*

ENSINANDO O POVO O ABC, E MOSTRANDO QUE O POVO DO SERTÃO PODE APRENDER.

- *"O que podemos dizer sobre nossa própria comunidade e nossas memórias?"*

PODEMOS DIZER QUE ALGUNS NÃO TIVERAM A OPORTUNIDADE DE APRENDER.

4. Encerramento poético e musical

   a) Toda a turma lê/canta o "ABC Coletivo" em roda, intercalando com versos de Conceição Evaristo e trechos das músicas de Luiz Gonzaga e Emicida.
   b) A atividade se encerra com uma breve reflexão escrita: cada estudante registra um parágrafo que represente o que mais marcou na vivência.

NO DIA QUE EU IA CHEGANDO EM CASA (EU TINHA ACABADO DE CHEGAR NA PORTA) E A VIZINHA ME DEU A NOTÍCIA QUE MEU TIO TINHA FALECIDO.

E OUTRO QUE MARCOU TAMBÉM... EU IA ENTRANDO DENTRO DE CASA E FUI PROCURAR MEUS GATOS, ELES INFELIZMENTE NÃO ESTAVAM MAIS LÁ, POR CONTA QUE MINHA FAMÍLIA TINHA MANDADO ABANDONAR TODOS PASSOU 1 MÊS, UM DELES APARECEU E MORREU UM TEMPO DEPOIS.

TEVE OUTRA VEZ TAMBÉM QUE FOI ANO PASSADO, EU TAVA CONHECENDO UM MENINO E MINHA MÃE FICOU SABENDO, E FALTOU POUCO ME TIRAR DA ESCOLA POR CONTA DISSO, E FIQUEI MUITO TEMPO TRAUMATIZADA, E ATÉ HOJÉ SOU MEIO SIGMADA PRO LADO DELA MAS PERDOEI A HUMILHAÇÃO QUE ME FEZ PASSAR.

APÊNDICE K – ATIVIDADES REALIZADAS PELOS ALUNOS NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Figura 18: Apresentação da proposta da atividade da sequência didática 4: dança “ABC do Sertão”.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

Figura 19: Apresentação da proposta da atividade da sequência didática 4: dança “ABC do Sertão”.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

Figura 20: Apresentação do poema da literatura negra da sequência didática 4.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

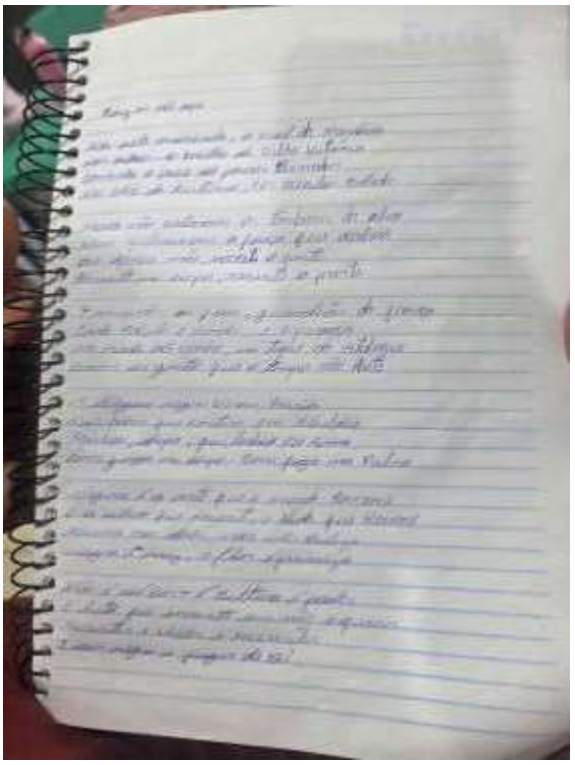


Figura 21: Poema da literatura negra produzido pelos alunos.
Fonte: Acervo da pesquisadora. (setembro/2025)

APÊNDICE L – PARECER DA PLATAFORMA BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - LAGOA NOVA CAMPUS CENTRAL - UFRN

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONTOS ORAIS DA LITERATURA NEGRA, EM UMA TURMA DE 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA COMUNIDADE QUILOMBOLA COQUEIROS

Pesquisador: THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 83310424.5.0000.5537

Instituição Proponente: Programa Mestrado Profissional em Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.640.909

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de mestrado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Trata-se de um estudo de cunho etnográfico e qualitativo versa sobre a exploração da literatura negra no contexto de uma turma de 30 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola de uma comunidade quilombola localizada no município de Ceará Mirim-RN. Propõe-se a elaboração de uma sequência didática envolvendo os estudantes a partir dos textos orais existentes na comunidade (por exemplo, histórias contadas de geração a geração, canções, cerimônias religiosas, poemas e contos), culminando com a preparação de um livro com tais textos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Contribuir para a formação cidadã do aluno de escolas públicas e de comunidades carentes social e economicamente, a fim de mostrar que a oralidade é um operador indispensável à formação de leitores de literatura.

Objetivo Secundário (específicos):

1) Apresentar a literatura como componente de conhecimento e de humanização, juntamente com os alunos da turma do 8º ano do Ensino Fundamental, do turno vespertino;

2) Trabalhar a literatura oral como fator de conhecimento e de cultura na escola, além do seu papel na construção da identidade do indivíduo;

3) Elaborar uma sequência didática que leve o texto literário para sala de aula com foco na literatura negra e, como culminância, apresentar um pequeno livro de contos da literatura negra desenvolvido pelos estudantes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos apresentados na Plataforma Brasil: Os riscos apresentados aos estudantes durante a pesquisa podem ser: físico (um aluno ferir-se ao apontar o lápis para a escrita dos textos orais) e emocional (a frustração com um trabalho inconcluso). Caso esses riscos aconteçam, a pesquisadora levará o aluno ao ambulatório da escola para tratar o ferimento ou, caso seja mais grave, levar até o posto de saúde mais próximo, além de custear medicamentos e transporte, se for necessário. E, caso ocorra um problema emocional, a pesquisadora acompanhará o aluno para o psicólogo do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) da comunidade. Para maiores de 18 anos, os riscos geralmente são mais voltados a questões físicas e emocionais. Sobre os físicos, pode acontecer fadiga vocal durante a contação das histórias, desidratação, problemas posturais por causa da posição na cadeira, enquanto conta histórias, ou stress físico e mental. Minimizar tais riscos durante a contação de histórias é essencial para garantir saúde, performance e longevidade e alongamentos, para isso, fazer exercícios vocais antes da atividade é essencial, além do uso correto da voz, ou seja, sem gritar, variando o ritmo, a intensidade e o tom, beber água para não desidratar, adotar uma postura ereta e natural, alternas as posições, ficando em pé ou sentado, fazer alongamentos , relaxamento muscular e usar roupas leves que não cause o desconforto à pessoa que contará a história. Sobre os riscos emocionais, na hora e contar as histórias da comunidade pode haver insegurança, medo de errar, esquecer a história ou ser julgado pelo público pode gerar ansiedade intensa. Para minimizar esses riscos é necessário treinar com antecedência, estar preparado para possíveis questionamentos, preparar o conteúdo adequado à narrativa e ao público-alvo e ensaiar a voz. Caso esses riscos aconteçam, a pesquisadora prestará todo apoio físico e emocional, custeando tratamento como fisioterapia, psicólogo, medicamentos e transporte. A descrição dos riscos está adequada para a pesquisa e de acordo com a resolução

normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos regidas pela resolução CNS nº 510/2016, bem como as prerrogativas da bioética, estando aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Considerando a aprovação do protocolo de pesquisa, em conformidade com a Resolução CNS nº 466/2012 e com o Manual Operacional para Comitês de Ética em Pesquisa, é de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável:

1. Elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em linguagem acessível ao participante de pesquisa de acordo com o grupo de participantes do estudo. O documento deverá ser assinado em duas vias pela pessoa convidada a participar da pesquisa ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador(a) responsável ou pela(s) pessoa(s) por ele(a) delegada(s), rubricadas em todas as páginas ou assinadas eletronicamente por certificação digital. No caso de assinatura manuscrita, as páginas de assinatura estar na mesma folha (c.f. item IV.5d da Resolução CNS nº 466/2012).

2. Caso a pesquisa seja abarcada pela Resolução CNS nº 510/2016, realizar o registro de consentimento para participação na pesquisa através de TCLE ou documento de propósito similar que contemple as informações previstas para o consentimento livre e esclarecido sobre a pesquisa (c.f. art. 15 e 17 da Resolução CNS nº 510/2016).

3. Desenvolver o projeto conforme o delineado no protocolo de pesquisa aprovado (c.f. item XI.2c da Resolução CNS nº 466/2012).

4 Apresentar a este Comitê de Ética em Pesquisa eventuais emendas ou extensões ao projeto de pesquisa aprovado com justificativa (c.f. item 2.1H da Norma Operacional CNS nº 001/2013).

5. Descontinuar o estudo somente após análise e manifestação, por parte do Sistema CEP/Conep que o aprovou, das razões dessa descontinuidade, a não ser em casos de justificada urgência em benefício dos participantes de pesquisa (c.f. item III.2u da Resolução CNS nº 466/2012).

6. Elaborar e apresentar os relatórios parciais e finais da pesquisa (c.f. item XI.2d da da

Resolução CNS nº 466/2012).

7. Manter os dados da pesquisa em arquivo físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa (c.f. item XI.2f da Resolução CNS nº 466/2012).

8. Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto (c.f. item XI.2g da Resolução CNS nº 466/2012).

9. Justificar fundamentadamente, perante a este Comitê de Ética em Pesquisa ou a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, interrupção da pesquisa ou não publicação dos seus resultados (c.f. item XI.2h da Resolução CNS nº 466/2012).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2420154.pdf	06/06/2025 16:23:47		Aceito
Outros	_CARTA_DE_RESPOSTA_AO_CEP_MODIFICADO.docx	06/06/2025 16:23:16	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_MODIFICADO.docx	06/06/2025 16:21:42	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Brochura Pesquisa	_PROJETO_DETALHADO_BROCHURA_PESQUISADOR_MODIFICADO.docx	06/06/2025 16:17:50	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	_CARTA_DE_RESPOSTA_AO_CEP.docx	05/06/2025 17:02:57	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_modificado.docx	25/03/2025 12:52:55	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - LAGOA NOVA CAMPUS CENTRAL - UFRN

Continuação do Parecer: 7.640.909

Brochura Pesquisa	_PROJETO_DETALHADO_BROCHURA_PESQUISADOR_modificado_.docx	25/03/2025 12:32:36	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	11_MODELO_11__Carta_de_Respostas_as_Pendencias_.docx	25/03/2025 12:25:59	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	10_MODELO_10_TALE_modificado_.docx	25/03/2025 12:24:58	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	09_MODELO_09__TCLE_Para_os_Pais_ou_Responsaveis_dos_Menores_de_18_Ano_modificado_.docx	25/03/2025 12:23:23	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	08_MODELO_08_TCLE_Maiores_de_18_Anos_modificado_.docx	25/03/2025 12:23:02	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	TALE_modificado_.pdf	06/12/2024 20:51:03	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	11_MODELO_11__Carta_de_Respostas_as_Pendencias.pdf	06/12/2024 20:50:14	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Brochura Pesquisa	BROCHURA.pdf	06/12/2024 20:48:09	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_modificado.pdf	06/12/2024 20:47:29	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_DETALHADO.docx	15/09/2024 13:34:21	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	TALE_correto_.docx	15/09/2024 13:33:55	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_DETALHADO.docx	15/09/2024 13:32:55	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO	Aceito

Endereço: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Av. Sen. Salgado Filho, 3000.
Bairro: Lagoa Nova **CEP:** 59.078-900
UF: RN **Município:** NATAL
Telefone: (84)99193-6266 **E-mail:** cepufrn@propesq.ufrn.br

Orçamento	ORCAMENTO_DETALHADO.docx	15/09/2024 13:32:55	CARDOSO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_BROCHURA_PESQUISADOR.docx	12/09/2024 21:51:31	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	CONFIDENCIALIDADE___.docx	12/09/2024 21:49:15	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	INSTITUCIONAL.docx	12/09/2024 21:43:45	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	FOLHA_DE_IDENTIFICACAO_correta_assinado.docx	12/09/2024 21:34:17	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_correto.docx	12/09/2024 21:33:03	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	ANUENCIA.pdf	12/09/2024 21:32:32	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	ANUENCIA_correta.docx	12/09/2024 21:32:08	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Brochura Pesquisa	BROCHURA_DA_PESQUISA.pdf	12/09/2024 21:31:41	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Brochura Pesquisa	BROCHURA.docx	12/09/2024 21:31:31	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	Autorizacao_imagem_correta.docx	12/09/2024 21:31:14	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito
Outros	DECLARACAO_DE_COMPRIMISSO.docx	12/09/2024 21:30:38	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - LAGOA NOVA CAMPUS CENTRAL - UFRN

Continuação do Parecer: 7.640.909

Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.docx	12/09/2024 21:30:10	THAISA RAPHAELA DE FREITAS REVOREDO CARDOSO	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

NATAL, 13 de Junho de 2025

Assinado por:
CARLOS ALFREDO GALINDO BLAHA
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Av. Sen. Salgado Filho, 3000.
Bairro: Lagoa Nova **CEP:** 59.078-900
UF: RN **Município:** NATAL
Telefone: (84)99193-6266 **E-mail:** cepufrn@propesq.ufrn.br

APÊNDICE M – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E REGISTRO DE IMAGENS (FOTOS E/OU VÍDEOS)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E/OU REGISTRO DE IMAGENS (FOTOS E/OU VÍDEOS)

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: Narrativas vivas: tradição oral e letramento literário no chão de uma escola quilombola, que tem como pesquisador responsável, Thaisa Raphaela de Freitas Revorêdo Cardoso. Esta pesquisa pretende ressaltar a valorização da identidade cultural desse grupo social, preservando a tradição oral, promovendo o letramento de forma significativa e contextualizada contribuindo para o desenvolvimento estudantil - enquanto leitor reflexivo - zelar pela sua identidade sociocultural. O objetivo geral é contribuir para o reconhecimento e preservação da cultura e a tradição oral negra dessa coletividade, inserindo tais práticas no desenvolvimento do letramento literário para reforçar a herança cultural e formar leitores críticos.

Gostaríamos de solicitar sua autorização para efetuar a gravação de voz e/ou o registro de fotos e/ou vídeos, concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados com os seguintes direitos:

1. Ter acesso às fotos e/ou vídeos e/ou à gravação e transcrição dos áudios;
2. Ter a garantia que as fotos e/ou vídeos e/ou áudios coletadas serão usadas exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas e eventos científicos;
3. Não ter a identificação revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas, utilizando mecanismos para este fim (tarjas, distorção da imagem, distorção da voz, entre outros).
4. Ter as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos de forma a resguardar a privacidade e minimizar constrangimentos;
5. Ter liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse das fotos e/ou vídeos.

Você não é obrigado a permitir o uso das suas fotos e/ou vídeos e/ou áudios, porém, caso aceite, será de forma gratuita mesmo que imagens sejam utilizadas em publicações de livros, revistas ou outros documentos científicos.

As fotos e/ou vídeos e/ou áudios coletados serão: para comprovar a existência das narrativas na comunidade, com a estimativa de quantidade de, no máximo, 10 minutos de gravação.

Consentimento de Autorização de Uso de Imagens (fotos e/ou vídeos)

Após ter sido esclarecido sobre as condições para a minha participação no estudo, eu, José dos Santos Barachio autorizo o uso de:

(X) Minhas imagens (fotos e/ou vídeos)

( ) Minha voz

( ) Minhas imagens (fotos e/ou vídeos) e minha voz

Barachio

Assinatura do participante da pesquisa

Thaís Rafhaela

Assinatura do pesquisador responsável

Coqueiros, setembro de 2025

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E/OU REGISTRO DE IMAGENS (FOTOS E/OU VÍDEOS)

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: Narrativas vivas: tradição oral e letramento literário no chão de uma escola quilombola, que tem como pesquisador responsável, Thaísa Raphaela de Freitas Revorêdo Cardoso. Esta pesquisa pretende ressaltar a valorização da identidade cultural desse grupo social, preservando a tradição oral, promovendo o letramento de forma significativa e contextualizada contribuindo para o desenvolvimento estudantil - enquanto leitor reflexivo - zelar pela sua identidade sociocultural. O objetivo geral é contribuir para o reconhecimento e preservação da cultura e a tradição oral negra dessa coletividade, inserindo tais práticas no desenvolvimento do letramento literário para reforçar a herança cultural e formar leitores críticos.

Gostaríamos de solicitar sua autorização para efetuar a gravação de voz e/ou o registro de fotos e/ou vídeos, concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados com os seguintes direitos:

1. Ter acesso às fotos e/ou vídeos e/ou à gravação e transcrição dos áudios;
2. Ter a garantia que as fotos e/ou vídeos e/ou áudios coletadas serão usadas exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas e eventos científicos;
3. Não ter a identificação revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas, utilizando mecanismos para este fim (tarjas, distorção da imagem, distorção da voz, entre outros).
4. Ter as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos de forma a resguardar a privacidade e minimizar constrangimentos;
5. Ter liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse das fotos e/ou vídeos.

Você não é obrigado a permitir o uso das suas fotos e/ou vídeos e/ou áudios, porém, caso aceite, será de forma gratuita mesmo que imagens sejam utilizadas em publicações de livros, revistas ou outros documentos científicos.

As fotos e/ou vídeos e/ou áudios coletados serão: para comprovar a existência das narrativas na comunidade, com a estimativa de quantidade de, no máximo, 10 minutos de gravação.

Consentimento de Autorização de Uso de Imagens (fotos e/ou vídeos)

Após ter sido esclarecido sobre as condições para a minha participação no estudo, eu, ELIVEIDE NASCIMENTO MORAIS autorizo o uso de:

(X) Minhas imagens (fotos e/ou vídeos)

(X) Minha voz

(X) Minhas imagens (fotos e/ou vídeos) e minha voz

ELIVEIDE

Assinatura do participante da pesquisa

Maísa Raphaela

Assinatura do pesquisador responsável

Coqueiros, setembro de 2025

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ E/OU REGISTRO DE IMAGENS (FOTOS E/OU VÍDEOS)

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: Narrativas vivas: tradição oral e letramento literário no chão de uma escola quilombola, que tem como pesquisador responsável, Thaisa Raphaela de Freitas Revorêdo Cardoso. Esta pesquisa pretende ressaltar a valorização da identidade cultural desse grupo social, preservando a tradição oral, promovendo o letramento de forma significativa e contextualizada contribuindo para o desenvolvimento estudantil - enquanto leitor reflexivo - zelar pela sua identidade sociocultural. O objetivo geral é contribuir para o reconhecimento e preservação da cultura e a tradição oral negra dessa coletividade, inserindo tais práticas no desenvolvimento do letramento literário para reforçar a herança cultural e formar leitores críticos.

Gostaríamos de solicitar sua autorização para efetuar a gravação de voz e/ou o registro de fotos e/ou vídeos, concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados com os seguintes direitos:

1. Ter acesso às fotos e/ou vídeos e/ou à gravação e transcrição dos áudios;
2. Ter a garantia que as fotos e/ou vídeos e/ou áudios coletadas serão usadas exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas e eventos científicos;
3. Não ter a identificação revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas, utilizando mecanismos para este fim (tarjas, distorção da imagem, distorção da voz, entre outros).
4. Ter as fotos e/ou vídeos e/ou áudios obtidos de forma a resguardar a privacidade e minimizar constrangimentos;
5. Ter liberdade para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse das fotos e/ou vídeos.

Você não é obrigado a permitir o uso das suas fotos e/ou vídeos e/ou áudios, porém, caso aceite, será de forma gratuita mesmo que imagens sejam utilizadas em publicações de livros, revistas ou outros documentos científicos.

As fotos e/ou vídeos e/ou áudios coletados serão: para comprovar a existência das narrativas na comunidade, com a estimativa de quantidade de, no máximo, 10 minutos de gravação.

Consentimento de Autorização de Uso de Imagens (fotos e/ou vídeos)

Após ter sido esclarecido sobre as condições para a minha participação no estudo, eu, Thaysa da C. Tomaris autorizo o uso de:

(X) Minhas imagens (fotos e/ou vídeos)

(X) Minha voz

(X) Minhas imagens (fotos e/ou vídeos) e minha voz

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

Coqueiros, setembro de 2025

APÊNDICE N – PRODUTO DA DISSERTAÇÃO: CADERNO DE MEMÓRIAS

CADERNO DE MEMÓRIAS:

Narrativas da Comunidade Quilombola Coqueiros

Preservando a tradição oral, fortalecendo identidades.

Organização:

Thaisa Raphaela de Freitas Revorêdo Cardoso.

Derivaldo dos Santos

CADERNO DE MEMÓRIAS:

Narrativas da Comunidade Quilombola Coqueiros

Preservando a tradição oral, fortalecendo identidades.

1ª edição – Coqueiros/RN - 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caderno de memórias [livro eletrônico] :
narrativas da Comunidade Quilombola Coqueiros :
preservando a tradição oral, fortalecendo
identidades / organização Thaisa Raphaela de
Freitas Revorêdo Cardoso. --
Ceará-Mirim, RN : Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-01-73200-8

1. Comunidades quilombolas - Brasil 2. Cultura popular 3. História oral 4. Identidade 5. Memórias 6. Patrimônio imaterial - Brasil I. Cardoso, Thaisa Raphaela de Freitas Revorêdo.

25-306974.0 CDD-B869.803

Índices para catálogo sistemático:

1. Memórias : Literatura brasileira B869.803

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

DEDICATÓRIA

Dedico este caderno de memórias, com as narrativas vivas da comunidade quilombola Coqueiros, a todos os moradores e estudantes que generosamente abriram suas portas e compartilharam suas memórias, histórias e tradições.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, carinhosamente, a todos que compartilharam suas memórias e, cordialmente, abraçaram a ideia da construção deste caderno.

Agradeço ao meu orientador, professor pós-doutor Derivaldo dos Santos, pela confiança depositada neste trabalho.

Este caderno não teria sido possível sem a participação da comunidade e, em especial, meus estudantes do 9º ano. Gostaria de registrar minha gratidão a cada um que contribuiu para que estas narrativas saíssem do papel e se tornassem realidade.

Agradeço à direção da escola e aos colegas que, de forma gentil, disponibilizaram parte de seu tempo e ofereceram valiosas contribuições para a realização deste trabalho.

Aqui, menciono com reconhecimento e carinho:

Estudantes do 9º ano:

Alana Isabely Oliveira;
Alana Luisa Farias;
Ana Cecília Belísio;
Ana Júlia Rosa;
Ana Késia Costa;
Aryane Gabrielle;
Danilo Victor França;
Daniel Maia;
Denis Rangel;
Emily Aniely Barbosa;
Évelim Maria;
Ezequiel Kleber;
Fabiano da Mota;
Flávia Silva Baracho;
Gabriel Soares do Nascimento.
Helaine da Silva;
Hugo Gabriel;
Isabelle Souza do Nascimento;
Jadson Madureira;
Janeide Benedito;

Jefferson de Oliveira;
João Vinícius Costa;
Júlia Silva de Amorim;
Kaio da Silva;
Lucas Emanoel;
Maria Clara Marques;
Maria Helena Nascimento;
Mayara Leão Andrade;
Michelle Borges da Silva;
Paulo Ricardo da Silva;
Rafael de Souza.

Moradores da comunidade Coqueiros:
Elineide Nascimento Morais;
José dos Santos Baracho;
Thiago Januário Câmara;

A cada um e cada uma, meu sincero agradecimento pela confiança, pela escuta e pela partilha das memórias que agora se eternizam nestas páginas.

PREFÁCIO

O presente caderno é o produto de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O programa tem como objetivo formar professores de Língua Portuguesa da Educação Básica, contribuindo para o aperfeiçoamento da sua formação, com o propósito de melhorar a qualidade de ensino das escolas públicas do Brasil.

O trabalho intitulado "Narrativas vivas: tradição oral e letramento literário no chão de uma escola quilombola" teve como objetivo contribuir para o reconhecimento e preservação da cultura e a tradição oral negra dessa coletividade, inserindo tais práticas no desenvolvimento do letramento literário para reforçar a herança cultural e formar leitores críticos e foi orientado pelo professor pós-doutor Derivaldo dos Santos, do Departamento de Letras da UFRN.

A proposta de intervenção foi aplicada na Escola Professor José Tito Júnior – CERU[1], em Coqueiros, no município de Ceará-Mirim, pela professora Thaisa Raphaela de Freitas Revorêdo Cardoso.

[1] A Escola Professor José Tito Júnior passará a ser chamada de Professora Neuma Ferreira Januário, em homenagem à diretora falecida em dezembro de 2024.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 10
A galinha dos ovos de ouro 11
O vaqueiro que quebrou o pescoço 12
A cobra de fogo 13
A Mula-sem-Cabeça 14
O Lobisomem da lagoa 15
O peixe dourado 17
A lenda da baleia 18
A lagoa do caixão 19
O Pesador 20
O coelho encantado 21
A imagem de Nossa Senhora do Bom Parto 22
A imagem de São Sebastião 23
O finado Valdir 24
O Chupa-Cabra 25
O cachorro do morro 26
A Caipora 27
As cobrinhas da lagoa 28
O anjinho da estrada 29
A lenda do couro de Ceará-Mirim 30
História de muitos anos "Lá vou eu" 31
Anexo A – Narrativas orais disponíveis no Spotify 32

APRESENTAÇÃO

Este caderno busca conservar a memória oral da comunidade quilombola Coqueiros, valorizando suas tradições, saberes e histórias que são passadas por gerações.

Por meio de entrevistas, sequências didáticas, rodas de conversa, música, dança e registros de acontecimentos, reunimos narrativas que mostram a identidade, a resistência e a riqueza cultural dessa comunidade.

A comunidade quilombola Coqueiros, localizada em Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte, traz na memória a resistência e a preservação cultural. Através da ancestralidade, seus moradores transmitem oralmente histórias, saberes, memórias e modos de viver que fortalecem a identidade coletiva e mantêm viva a herança desse povo.

A história de Coqueiros é marcada pela força e resistência de homens e mulheres. Os mais velhos são a base da memória viva da comunidade, transmitindo às novas gerações as narrativas contadas há tanto tempo por seus familiares.

Assim, temos a escola da comunidade, Professor José Tito Júnior – CERU, que ocupa um lugar central neste processo, caracterizada por ser um espaço de encontro, aprendizagem e preservação da identidade quilombola. Nesse âmbito escolar, os estudantes do 9º ano desempenharam um papel fundamental ao ouvir, registrar, cantar, dançar e refletir sobre as histórias.

Este caderno de memórias nasce da vontade de registrar, valorizar e compartilhar as narrativas de Coqueiros. Ele é um gesto de reconhecimento e de afeto, que busca preservar a tradição oral, fortalecer a identidade coletiva e possibilitar que as vozes da comunidade permaneçam vivas para as próximas gerações.

Dessa forma, é resultado do esforço coletivo e pretende servir como instrumento de memória, educação e valorização da cultura quilombola.

As narrativas orais reunidas neste trabalho também estão disponíveis no Spotify, possibilitando que os leitores-ouvidores conheçam as vozes, os sons e as histórias que inspiraram este caderno de memórias.

Acesse em: https://open.spotify.com/episode/2pk3p98wUv6Z78UHPHzmEv?si=QwAWhcRkON-2Z2F10E69Cw

A galinha dos ovos de ouro

Na fazenda do seu Amaro Tomé – homem de muitas posses, responsável pela construção da igreja de São José, em Coqueiros, onde colocou o sino herdado do navio de seu pai – corria entre o povo a história de uma galinha que botava ovos de ouro. Esses ovos tinham lindos pintinhos dourados e alguns moradores afirmaram ter visto esses pintinhos de ouro embaixo de uma mangueira.

Dizem que esses ovos são encantados e que, quando alguém tenta pegá-los, todo ambiente ao redor também se enfeitiça.

O vaqueiro que quebrou o pescoço

Conta-se a história de um vaqueiro que cavalgava por Coqueiros e, certo dia, ele caiu do cavalo e quebrou o pescoço. Esse homem, conhecido como finado Deoclécio, segundo relatos, desde o ocorrido, seu espírito teria passado a assombrar aqueles caminhos.

Dizem que, exatamente um ano depois, o cavalo também manteve a mesma "sorte", quebrando o pescoço durante uma vaquejada. Naquele tempo, quando as estradas ainda não conheciam o asfalto, a madrugada se enchia dos sons das pisadas do vaqueiro, o relincho do cavalo, enquanto o vento carregando seus lamentos, assustando os que ousavam atravessar o caminho.

Na estrada, permanecia a cruz do vaqueiro. Muitos afirmavam que, ao acender uma vela ali, poderiam fazer pedidos atendidos pelo espírito de Deoclécio. Contam ainda que ao perder uma galinha, por exemplo, bastava acender uma luz para a alma do vaqueiro e sempre achavam.

A cobra de fogo

O povo dizia, antigamente, que, à noite, quando fazia bastante silêncio, no meio do mato, era possível perceber um brilho nos troncos das árvores. Por causa disso, chamavam de "cobra de fogo".

Os mais antigos diziam que essa cobra protegia a floresta dos espíritos "malfazejos" e queimava a alma das pessoas que mentiam. Outros afirmavam que era a alma de algum quilombola. Conta-se que a floresta tem olhos e pega fogo.

A Mula-sem-Cabeça

O povo de Coqueiros conta que uma moça se apaixonou por um jovem padre, e ele também se apaixonou por ela. O padre renunciou à sua profissão para poder casar-se com a moça, mas o amor dos dois desencadeou a maldição da Mula-sem-Cabeça.

Por causa disso, a moça foi transformada em mula. Então, o padre criou coragem para enfrentá-la, retirou os freios da mula, e a moça voltou à sua forma humana.

O Lobisomem da lagoa

Um antigo morador da avenida principal de Coqueiros gostava de recontar a história de um homem e uma mulher que foram cortar lenha junto a uma lagoa bem distante.

Ao chegarem lá, encontraram um velho deitado à sombra de um pé de mangabeira, enquanto a mulher entrou na moita para quebrar a lenha.

Passado um tempo, o homem a chamou muitas vezes, mas ela não respondia. Foi então que, das águas silenciosas da lagoa, surgiu um vulto terrível: um homem transformado em lobisomem. Assustada, a mulher pensou: "Esse bicho vai me comer!" e tomada pelo medo, subiu apressada na mangabeira.

De lá, do alto da mangabeira, escutava o uivo do lobisomem cortando a noite: "uhh...uhh". O medo virou coragem e, erguendo as cordas, golpeou a criatura até que ele se afastasse.

Dias depois, encontraram o velho com os fiapos do vestido da mulher entre os dentes e, ao lhe tirarem a camisa, o corpo estava todo "lapeado" das cordas.

Alguns ainda afirmam que, em uma noite de lua cheia, um homem foi atacado pelo lobisomem no morro em Coqueiros.

O peixe dourado

Dizem que nas águas de uma lagoa, em Coqueiros, próxima à Serrinha, vivia um misterioso peixe-dourado, enorme e reluzente como o Sol. Ele aparecia raramente, em noites de lua cheia, quando a água estava mais calma e silenciosa.

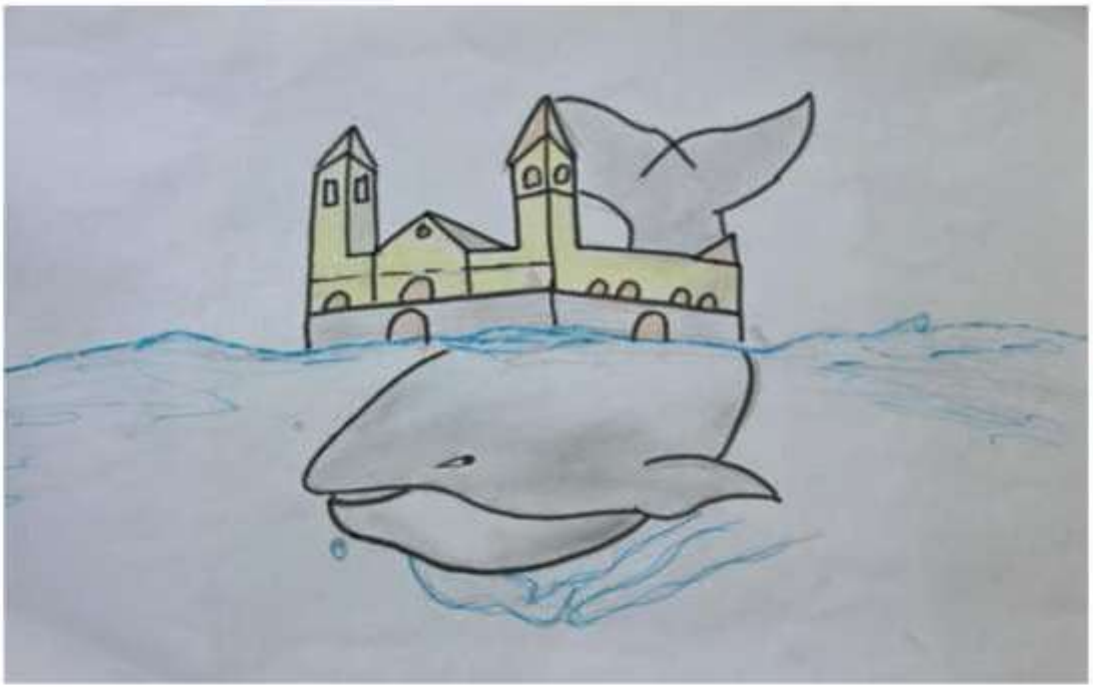
O povo contava que esse peixe surgia para as pessoas tristes ou perdidas na vida. Conta-se que quem conseguisse olhar nos olhos dele poderia fazer um pedido; mas, se não tivesse coragem, ele ia embora.

Outros que tentaram capturá-lo por ganância nunca mais foram vistos. Dizem que ele era um guardião das águas e que, naquele tempo, os pescadores evitavam certas partes do rio, por medo e respeito.

A lenda da baleia

Essa narrativa é contada na cidade de Ceará-Mirim, mas também é recontada pelos moradores de Coqueiros por causa da sua popularidade, fé e mistérios que carregam essa história. Não existe uma única versão desse relato.

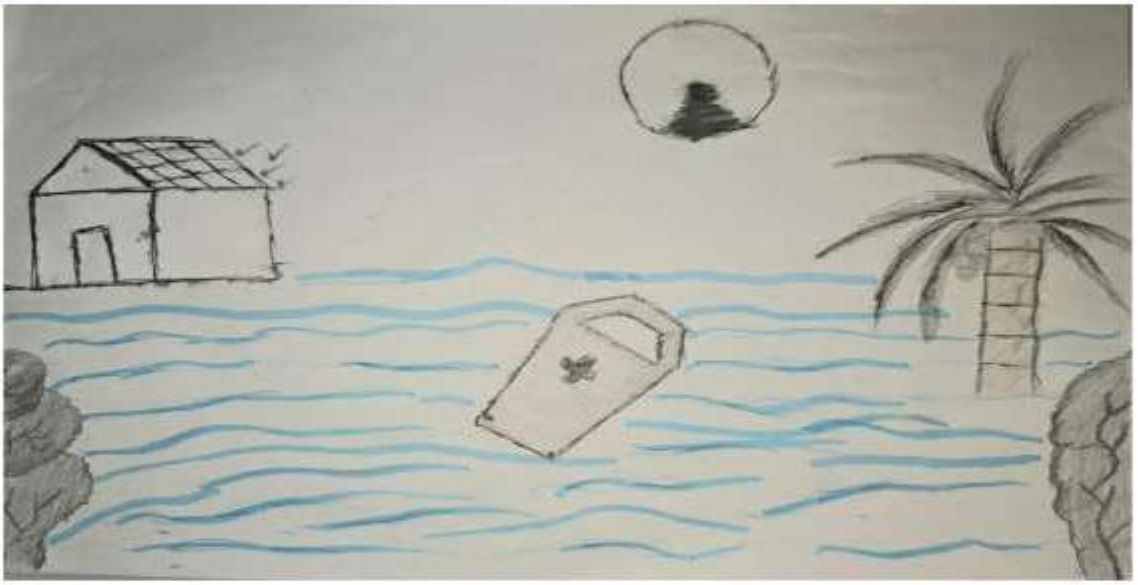
Conta-se que, sob a construção da igreja matriz de Ceará-Mirim, existia, antigamente, uma baleia que lá repousava. A igreja foi erguida sobre esse animal e, segundo relatos dos moradores de Coqueiros, durante as madrugadas silenciosas, é possível ouvir o som da baleia e sentir o chão da igreja estremecer, como se ela despertasse do seu sono profundo.



A lagoa do caixão

Em Coqueiros, existe uma lagoa conhecida como Lagoa do Caixão. Conta-se que, em seu interior, repousa um caixão repleto de ouro, situado bem no centro das águas. Quem consegue ver esse caixão acaba ficando enfeitiçado.

Diz a tradição que, mesmo quando a lagoa seca, naquele ponto, a água nunca baixa. Alguns já teriam tentado puxar a corrente do caixão, mas, ao sentirem que estavam afundando, precisavam desistir e jamais conseguiram retirá-lo.



O Pesador

Durante a noite, quando as pessoas dormem, conta-se que, se alguém ficar de "papo" para cima, o Pesador aparece. Ele usa um chapéu e dizem que quem conseguir tirá-lo, ficará rico.

Em Coqueiros, relatos afirmam que um senhor já falecido teria enriquecido justamente por conseguiu retirar o chapéu do Pesador.

O coelho encantado

Conta-se que existe um coelho encantado, que ainda vagueia pelos caminhos de Coqueiros. Muitos já tentaram persegui-lo, correndo atrás com todas as forças, mas nunca conseguiram capturá-lo.

Diz a tradição que, por ser mágico, quem conseguisse tocá-lo ficaria imediatamente enfeitiçado.

Há relatos de que esse coelho ainda existe e de que algumas pessoas já o teriam visto.

A imagem de Nossa Senhora do Bom Parto

Em Coqueiros, circulava a história de Nossa Senhor do Bom Parto, uma imagem sagrada que as pessoas a levavam consigo para abençoar o nascimento de uma criança. Pertencia a uma senhora profundamente devota que sempre era procurada pelas mulheres na hora de dar à luz.

Diz-se que, quando a mulher descansava, a imagem retornava ao seu oratório, como se velasse cada parto com ternura, amor e cuidado.

A imagem de São Sebastião

No passado, durante a epidemia de bexiga, as pessoas depositavam toda a sua fé em São Sebastião. De madrugada, carregavam a imagem do santo, envolta em fitas vermelhas, como símbolo de promessa, fé, devoção e esperança.

Conta-se que, assim, eram curadas de toda enfermidade, como se o próprio santo tocasse e curasse seus corpos.

O finado Valdir

O finado Valdir dizia que quando chegasse o ponto de morrer, todo mundo iria saber, pois o telhado de sua casa iria cair. Então, o homem foi para o mato, como sempre fazia e morreu.

Alguns dias desaparecido, o telhado de sua casa caiu e logo deduziram que ele havia morrido. Então, seis dias depois, Valdir foi encontrado morto, agarrado a um tronco de pau.

Diziam que Valdir tinha um certo "encantamento", pois embora estivesse bêbado, bastava fazer uma reza em alguém e estava feito, a pessoa se curava.

O Chupa-Cabra

Em Coqueiros, conta-se a história de um porco que cruzava as madrugadas, soltando grunhidos que rasgavam o silêncio da noite. Mas, quando as pessoas abriam as portas, nada era visto ali, apenas o eco do som perdido. Por esse mistério, passou a ser chamado de Chupa-Cabra.

O cachorro do morro

Em tempos passados, corria entre o povo a história de um cachorro misterioso que brotava de um morro, no caminho entre Capoeira Grande e Coqueiros. Diziam que ele era "envultado" pelos mistérios do Candomblé.

Chamavam-no de "Labareda", criatura que se mostrava como um imenso cachorro, semelhante a um lobo, ocultando-se na sombra da noite. De súbito, se mostrava sorrateiro, pregando susto em quem passava e logo desaparecia como um sopro levado pelo vento.

A Caipora

Em Coqueiros, também se contava a história da Caipora, contada por vários lugares, mais conhecida como travessa dos matos, que surgia no silêncio da noite para amarrar o rabo dos cavalos. Então, os animais ficavam inquietos, relinchando, pulando para tentar se livrar da Caipora. Diziam que lá no alto de Coqueiros, a travessa aparecia e muitos moradores juravam ter visto aquele ser encantado.

As cobrinhas da lagoa

Em Coqueiros, contava-se a história de uma mulher que se fingia de moça, jurando a todos a pureza que não possuía. Certo tempo, ela se entregou a um amor escondido e, grávida de gêmeos – uma menina e um menino -, temendo a descoberta, lançou-os às águas da lagoa.

Os anos se passaram e, em uma missa, o padre anunciou:

- Na missa de hoje, duas crianças com semelhanças de cobras entrarão na igreja. Não se assustem, caros fiéis, pois são os filhos rejeitados por uma mãe que fingia ser moça e que os lançou nas águas de uma lagoa. Essas crianças vieram, agora, buscar o leite que lhes foi negado.

E assim foi.

Na igreja, as duas pequenas cobras surgiram, deslizando pelo chão, subiram na mãe e mamaram em seu peito, saciando a fome e revelando a verdade escondida.

O anjinho da estrada

Dizem os mais velhos que, há muitos anos — ninguém sabe ao certo quantos —, um anjo morreu pelas bandas de Coqueiros. Desde então, o povo guarda a tradição de colocar um galhinho de mato no lugar, sempre que passa, para que a lembrança nunca se acabe.

O espaço, simples e silencioso, lembra a cova de um defunto, mas guarda um ar sagrado. E não há apenas um: mais adiante, em outra rua, em outro caminho, repousa outro anjinho, igualmente antigo.

É uma história real que, ao longo do tempo, se tornou lenda. Uma lenda que não deixa de ser real, porque vive na fé e na memória de quem a conta.

A lenda do couro de Ceará-Mirim

Há muitos anos, em Coqueiros, contava-se a história que vinha de Ceará-Mirim, nos tempos em que as matas eram cerradas e dominadas por criaturas que os olhos humanos não ousavam desvendar.

Lá, vivia um vaqueiro destemido e solitário chamado Zé Valente, conhecido por adentrar os cantos mais fechadas em brusca dos bois fujões. Diziam que até o vento se calava quando ele passava.

Em uma noite de lua nova, Zé Valente entrou sozinho na mata, em busca de um boi encantado – de pelo preto e olhos em brasas - que sempre desaparecia diante de qualquer caçador. Chamavam-no de "Boi das Almas", criatura que aparecia apenas para os corajosos ou os tolos.

Após esse episódio, nunca mais se soube de Zé Valente. Só encontraram, dias depois, um couro estendido em uma clareira tão espessa que fala nenhuma cortava o couro. Ele respirava, se mexia sozinho nas madrugadas e gemia como um bicho ferido.

Desde então, os antigos passaram a chamá-lo de "Couro". Dizem que ali é o espírito de Zé Valente, condenado a viver entre mundos por tentar capturar o que era sagrado.

Reza a tradição: quem ouvir o couro estalando nas noites de vento, deve correr sem olhar para trás, pois ele pega a pessoa, envolve como uma capa viva e suga a alma, transformando em uma parte dele.

Outros afirmam que a assombração ronda às margens do rio de Ceará-Mirim, flutuando como se tivesse vida própria. Os que ousam tocá-lo nunca mas voltam para contar.

Ainda hoje os moradores mais antigos advertem:

- Se escutar o som de couro batendo ou sentir o cheiro de boi queimando à noite, corra! O Couro de Ceará-Mirim voltou para buscar mais um!

História de muitos anos “Lá vou eu”

Em outrora, o povo fala sobre o assombro do “Lá vou eu”, presença misteriosa que somente aparecia à noite.

Em uma noite qualquer, um velho homem seguia em sua bicicleta, a caminho de casa. Em seu bagageiro carregava uma cesta com grude, bolo preto e tapioca, destino de venda ao amanhecer.

A estrada era de terra, escura, cercada pelo mato cerrado, não havia asfalto. Foi então que, no breu da noite, ouviu-se duas vezes o sussurro arrepiante “lá vou eu... lá vou eu...”

O senhor, tomado pelo medo, não pensando duas vezes, acelerou as pedaladas até chegar em casa. Mas, ao olhar para trás, percebeu que nada mais restava, apenas a cesta vazia e seca. Isso ocorreu por volta da meia-noite.

Ao amanhecer, retornou ao lugar do ocorrido. Ali encontrou os restos da comida cobertos de formiga.

ANEXOS

ANEXO A – CONTOS LOCAIS DE CÂMARA CASCUDO TRABALHADOS EM SALA DE AULA

O FIEL DOM JOSÉ

*E*ra uma vez um príncipe que encontrou numa sapataria um rapaz tão vivo e simpático, que desejou tê-lo como amigo e companheiro. O rei foi pedir ao sapateiro que desse seu filho para viver com o príncipe, e o sapateiro cedeu. O rapaz se chamava José e o Rei deu o *dom*. Todo o mundo no reinado só o conhecia, daí em diante, por Dom José.

O príncipe e Dom José eram inseparáveis nas festas, passeios e caçadas. O rei tinha uma filha muito bonita, mas invejosa e de mau gênio. Vendo aquela amizade do irmão com Dom José, enciumou-se e planejou desfazer o afeto que ligava os dois moços.

Uma manhã mandou dizer a Dom José que fosse conversar com ela no seu próprio quarto. Dom José procurou o príncipe, contou o convite e perguntou se devia ir.

– Vá, Dom José!

Dom José foi, e a princesa recebeu-o muito bem e ficou meia hora conversando assuntos tolos, negócios da cidade, modas etc. Meia hora depois Dom José saiu e foi narrar ao príncipe o que sucedera. No outro dia sucedeu o mesmo, mas a princesa prendeu o moço uma hora no seu quarto.

Apesar de sabedor de tudo, o príncipe começou a ficar desconfiado das conversas. Pela terceira vez a princesa mandou buscar Dom José e só o despediu hora e meia depois. Dom José repetiu toda a conversa ao seu amigo, mas o príncipe não acreditou e, julgando que ele tivesse tentado seduzir sua irmã, pediu ao rei para expulsá-lo do

reinado. O rei, mesmo a contragosto, mandou Dom José sair e ir morar numa ilha distante.

Ficando sozinho, o príncipe não achava graça em cousa alguma, emagrecendo, definhando, não querendo caçar nem assistir às festas. Chegou mesmo a adoecer de cama, e o remédio que houve foi o rei mandar buscar Dom José. Com a notícia da vinda do amigo, o príncipe foi melhorando, melhorando, e saiu uma bela manhã para caçar. Andou, andou pelos campos, quando viu, distante, numa relva muito verde e brilhante, uma abóbora enorme, coberta de uma névoa faiscante que quase não deixava ver. O príncipe baixou a aba do chapéu, aproximou-se da abóbora e viu que estava fechada e tinha um letreiro:

Para Dom José será
quem daqui tirará.

O príncipe quis tocar, mas a abóbora desapareceu. Voltando para casa o príncipe encontrou Dom José e fez muito agrado, conversando e planejando caçadas e brincadeiras futuras.

No outro dia, cedinho, lá foram caçar. O príncipe foi andando no caminho anterior, levando o companheiro para o lado onde vira a abóbora encantada. Sucedeu o que se esperava. Viram a campina verde e a névoa faiscante que não deixava enxergar. Foram para perto e leram o letreiro:

Para Dom José será
quem daqui tirará.

Dom José botou a mão em cima da abóbora, e esta se abriu, mostrando a mais linda princesa do mundo. Dom José tirou-a de dentro da abóbora e disse ao príncipe, que ficara assombrado com a beleza da moça:

– O que sou devo ao príncipe, meu senhor. Esta é a ocasião de começar a pagar os benefícios recebidos. Dou esta princesa pela mão ao príncipe meu senhor para sua legítima esposa!

O príncipe ficou radiante de contente, e a princesa sorriu para ele, agradada e satisfeita com a decisão de Dom José. Ficaram muito animados, conversando, contando à moça que estivera encantada. Como o sol se tornasse quente por demais, os três resolveram passar a força do calor abrigados na sombra de umas árvores muito copadas. Deitaram-se, e o príncipe e a princesa adormeceram logo. Dom José ficou acordado, vigiando.

Lá para as tantas, três rolinhas passaram voando, fizeram umas voltas em três raminhos, bem em cima da cabeça de Dom José. Começaram as três rolinhas a falar, entretidas.

Disse a primeira:

– O príncipe está muito vaidoso por ter recebido a princesa, mas não se aproveitará dela. Quando passarem o rio ela pedirá água corrente e bebendo morrerá.

E quem isto ouvir e contar
em pedra-mármore há de se virar!

A segunda continuou a profecia:

– E se a princesa não morrer da água corrente há de morrer quando beber a primeira colher de sopa no jantar desta noite.

E quem isto ouvir e contar
em pedra-mármore há de se virar!

A terceira rolinha findou:

– Mesmo que a princesa escape da água e da colher envenenada, será devorada pela serpente de duas cabeças na madrugada.

E quem isto ouvir e contar
em pedra-mármore há de se virar!

Dom José tudo ouvira e, logo que as rolinhas voaram, levantou-se, acordou os príncipes e seguiram viagem. Foram passando o rio e a princesa, quando viu as águas claras, correntes e frias do rio,

começou a ter sede e a pedir um copo para beber.

– Vão seguindo, vão seguindo, que eu vou buscar água e levo – declarou Dom José.

Os dois continuaram a jornada e Dom José, quando os alcançou, algum tempo depois, foi explicando que caíra e perdera toda água, mas estavam perto do palácio e lá havia tudo do bom e do melhor.

Chegando foram logo festejados e o rei e a rainha abençoaram a princesa, cobrindo-a de carinhos e anunciando logo o casamento. Dom José foi o padrinho e a princesa solteira, a madrinha. De noite houve o banquete, com todos os homens ricos do lugar, e Dom José pediu para não tomar parte na mesa e sim servir como criado.

Os noivos ficaram surpreendidos com aquele pedido. Mas, insistindo Dom José, cederam, e ele serviu como mordomo. Logo que puseram a sopa nos pratos e a noiva segurou a colher de ouro, enchendo-a e levando-a à boca, Dom José correu, arrebatou-a e entregou uma outra colher de prata, dizendo:

– Coma com esta e não pergunte por quê...

O noivo fez um ar de zanga mas nada disse. Acabou-se o jantar e houve baile. Dom José foi ao príncipe e pediu, por um último favor, deixasse ele dormir no mesmo quarto do casamento. O príncipe espantou-se mesmo e ainda mais a noiva, mas sendo Dom José quem dera a mulher ao marido, entenderam que merecia tudo e consentiram no que pedira.

Dom José foi buscar um alfanje, amolou-o como a uma navalha e escondeu-o debaixo da sua cama, preparada no mesmo quarto dos noivos.

Recolheram-se todos e Dom José ficou acordado, botando sentido nos rumores e nos passos. Pela madrugada, quando caiu a friagem, ouviu-se um arrastado e foi aparecendo pela janela um bicho mais horroroso da terra, uma serpente que não tinha fim, preta, grossa, com duas cabeças, capaz de engolir sem mastigar uma junta de bois de carro.

Dom José desembainhou o alfanje e assim que a serpente passou o batente da janela descendo para o chão do quarto, sacudiu um golpe tão violento que decepou as duas cabeças de uma só vez.

Um jorro de sangue esguichou e três pingos salpicaram a face da princesa que estava dormindo. Dom José limpou tudo, atirando o corpão da serpente para fora.

Esta, assim, que bateu na terra, sumiu-se. Dom José viu as três gotas de sangue na bochecha da princesa e foi tirá-las com todo cuidado. Quando estava passando, muito de leve, a ponta dos dedos, a princesa acordou e gritou que Dom José estava querendo faltar-lhe com o respeito. O príncipe ficou furioso, mas Dom José não se defendeu.

Amanheceu o dia e o príncipe foi queixar-se ao rei e Dom José foi condenado a morrer degolado imediatamente. Juntou-se a gente toda para assistir a sua morte.

Antes de subir para o tabuado onde seria cortado o pescoço, Dom José pediu para contar uma história. O rei consentiu e Dom José começou lembrando sua vida. Contou as vozes das três rolinhas e, quando disse como livrara a princesa de beber a água fresca do rio, ficou transformado em mármore até o peito. Disse como trocara a colher de ouro envenenada por uma de prata. Ficou de mármore até o pescoço. Quando esmiuçou o caso da serpente de duas cabeças, virou-se em mármore, dos pés à cabeça, como uma estátua.

O rei, a rainha, os noivos e a princesa solteira choraram demais, lastimando Dom José. Todo o povo chorou também. O príncipe mandou construir um pedestal no jardim e colocou a estátua de mármore e aí passava a maior parte do dia, chorando e recordando o fiel Dom José.

Meses depois estava o príncipe nesse lugar, quando duas rolinhas vieram voando e pousaram nos ombros da estátua, começando a falar. Disse uma:

– Agora é que o príncipe sabe quem era seu amigo e o que valia o

fiel Dom José, encantado para livrar a princesa da morte...

Respondeu a outra:

– É verdade, mas para tudo há remédio. Quando nascer o filhinho do príncipe, passe este alfanje no pescocinho do menino e molhe toda a estátua nesse sangue inocente, Dom José voltará a viver como dantes...

O príncipe ouviu essas palavras e ia se levantando quando duas amas vieram correndo do palácio, avisando que a princesa tivera um menino tão bonito como o dia. O príncipe não perdeu tempo. Correu até o quarto, beijou a mulher, segurou o filhinho nos braços e voltou para junto da estátua. Puxou a espada, cortou o pescoço da criança, molhando o mármore no sangue inocente. Assim que acabou, a estátua estremeceu e Dom José pulou do pedestal para baixo, como era dantes.

Antes de abraçar o príncipe, pegou na cabeça e no corpo do menino, juntou as partes e a criança ficou sã e salva, apenas com uma listinha vermelha no pescoço. Abraçaram-se como irmãos, chorando de alegria e Dom José entrou no quarto da princesa levando o menino nos braços, dormindo tranquilamente.

As festas foram as mais compridas e bonitas deste mundo e Dom José casou com a irmã do príncipe, vivendo até cem anos na mais perfeita felicidade.

Contado por Luísa Freire,
em Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte.

Maria de Oliveira

Era uma vez um príncipe, filho único, cheio de mimos e de agrados. Seus pais o amavam demasiado e por isso ele ficou orgulhoso e habituado a satisfazer todas as vontades sem encontrar oposição.

Quando se fez rapaz, no ponto de casar, namorou uma princesa e estava animado para o sacramento. Tinha ele um criado de sua confiança que era mestre em magia, sabendo muitos segredos do futuro. O príncipe participou o casamento. O criado disse:

– A noiva do príncipe meu senhor ainda está para nascer!

– Não diga isso, amigo!

– O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

Vai um dia o príncipe desmanchou o noivado e ficou gostando de outra princesa. O criado, quando ouviu o amo lhe dizer que ia casar, repetiu o dito:

– A noiva do príncipe meu senhor ainda não nasceu!

– Não diga isso, amigo!

– O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

Novamente o príncipe acabou o noivado. Ficou se entretendo com as caçadas. Ia quase todos os dias para o mato, levando o criado de confiança, gastando dias e dias sem voltar para o paláeio do rei seu pai.

Numa dessas caçadas o príncipe ficou descansando debaixo de um arvoredo sombrio que era uma beleza. Pertinho ficava a casa de um casal pobre mas trabalhador e honrado. O homem, sempre que o príncipe chegava para a sombra das árvores, vinha fazer oferecimentos e conversar com ele.

Numa ocasião o príncipe e o criado apearam-se e o dono da casinha

não veio, como costumava, saudar o filho do rei. Apareceu depressa dizendo que o príncipe o desculpasse porque sua mulher estava para dar à luz uma criança e ele a ajudava. O príncipe agradeceu e ficou descansando.

Para matar o tempo, o príncipe lembrou-se de perguntar ao criado:

– Amigo, diga-me, que destino terá a criança que nascer agora?

O criado fez os cálculos e disse:

– Morrerá enforcada, príncipe meu senhor!

Daí a pouco o príncipe perguntou a mesma cousa. O criado respondeu:

– Se a criança nascer nesse momento traz a sina de morrer degolada!

Logo depois, a outra pergunta do príncipe, o criado dizia que se a criança nascesse naquele momento havia de morrer afogada.

Uma meia hora depois o dono da casa voltou todo satisfeito, anunciando que sua mulher tinha descansado uma menina, bonita como os amores, gordinha e corada. E voltou para junto da sua mulher.

O príncipe perguntou:

– Que destino traz essa menina que nasceu?

O criado fez os cálculos e disse:

– Essa menina que acaba de nascer casará com o príncipe meu senhor e será dona deste reinado!

– Vamos ver se desmancho o destino!

– O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

O príncipe entrou na casinha do pobre e pediu a este que lhe desse a menina para ele criar como filha, com todo luxo e gosto. O homem e a mulher, depois de algumas negativas, aceitaram o oferecimento e o príncipe mandou embrulhar na sua capa a criancinha, entregou-a ao criado e montou a cavalo, partindo para o palácio.

No caminho, atravessando um bosque de oliveiras, parou, mandou o criado descer e ordenou que fosse matar a menina, sacudir o corpo

num barranco e trazer a ponta da língua como sinal de haver cumprido a ordem.

O criado foi para o mato, com a menina e lá chegando não teve coragem de matar uma inocente. Fez uma cama de folhas, debaixo de uma oliveira, deitou a menina e, matando a um guabiru, cortou a ponta da língua e foi mostrá-la ao príncipe que acreditou estar a criança bem morta.

Nesse mesmo dia uma antiga criada do palácio, que morava com seu marido numa casinha nos arredores, veio cumprir uma promessa de rezar um rosário e acender três velas bentas nos pés de uma santa cruz que havia ali. Entrando, a mulher ouviu choro de recém-nascido e tanto procurou que avistou a criancinha, já roxa de frio e de fome. Agarrou-a mais do que depressa, agasalhando-a e foi mostrá-la ao marido. Como não tinham filhos e suspeitaram de um mistério com gente poderosa, conduziram a menina para casa e a mulher se fez de mãe legítima, espalhando a notícia de ter dado à luz uma filhinha.

Como a menina fora achada num pé de oliveiras, chamou-se Maria de Oliveira.

A rainha, desconfiada que sua velha criada não fosse mãe verdadeira, mandou-a chamar e botou-a debaixo de confissão para saber a verdade. A mulher negou mas disse tudo como sucedera. A rainha, que soubera do crime do filho, evitado pelo criado exclamou:

– Meu Deus! O que tem de ser tem muita força!

Não permitiu que a criada voltasse com Maria de Oliveira e ficou com a menina, adotando-a como filha, dando tratamento e ensino de uma princesa.

O Rei morreu e o príncipe foi coroado. Maria de Oliveira estava uma moça feita, toda bonita e faceira, elegante e vestindo como poucas. A rainha era doida por ela mas o jovem Rei tinha um ódio de morte, embora não soubesse a história da mocinha.

Dia vai, dia vem, o Rei moço cada vez odiava mais sua irmã de criação. Nunca lhe dirigia a palavra nem lhe pedia coisa alguma. A

moça, entretanto, tudo fazia para satisfazê-lo e entrar nas suas graças.

Não podendo mais explicar a razão de sua raiva contra ela, o Rei exigiu do seu velho criado a verdade sobre a morte da menina na mata das oliveiras. Tanto ameaçou e gritou que o velho disse tudo direitinho.

– Então Maria de Oliveira é aquela menina?

– O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

O Rei resolveu matar Maria de Oliveira e como precisasse de um motivo justo, chamou-a, pela primeira vez. A moça foi correndo e rindo de alegria. O Rei, bem sério, entregou-lhe as chaves da sala do tesouro e disse que ia viajar no outro dia e quando regressasse queria ter na mão a penca de chaves, como a entregara.

Maria de Oliveira foi para seu quarto e guardou as chaves numa gaveta da cômoda. O Rei, que a seguira, viu o lugar, entrou, pé ante pé, furtou as chaves e sacudiu-as no mar. Depois seguiu sua viagem.

Maria de Oliveira foi procurar as chaves para escondê-las melhor e não achou cousa alguma. Passou a noite procurando como uma louca e nada encontrou. Correu até a rainha e contou tudo. A rainha velha ficou muito calma e replicou:

– Mais altos são os poderes de Deus que a vontade dos homens, minha filha. O que tem de ser tem muita força!

À tarde os criados compraram peixe para a ceia e quando abriram uma cavala, grande e gorda por demais, viram um objeto escuro e pesado que reconheceram ser um molho de chaves. Levaram a penca à rainha que a mandou entregar à Maria de Oliveira no oratório.

No outro dia o Rei chegou e foi logo dizendo:

– Onde estão as chaves, Maria de Oliveira?

– Estão aqui, Rei meu senhor!

O Rei mudou de cor e quase não acertou a andar, de assombrado.

Para vencer o destino que lhe fora dito, deliberou casar com outra e mandou buscar uma princesa num reinado vizinho. O Rei de lá

aceitou o pedido e embarcou a princesa. Esta vinha muito triste porque amava outra pessoa no reinado do seu Pai e não queria, de forma alguma, casar com o Rei moço.

O Rei, a rainha velha e Maria de Oliveira foram receber a princesa. Maria de Oliveira estava que era um espelho, de bonita, faiscando de joias e todo o mundo a gabava. A princesa, ao contrário, estava pálida, sem animação e tão murcha para quem vinha se casar, que Maria de Oliveira, quando a viu, disse:

– *Pássaros que cantam,*
Uvas que dançam...
Nunca vi noiva
Com tanta mudança!

A princesa ficou logo simpatizando com Maria de Oliveira e, assim que chegou ao palácio, trancou-se num quarto e contou seu segredo à moça.

– Arranje um jeito de o Rei não fazer vida comigo. Eu quero voltar para o reinado do rei meu pai. Ficarei grata por toda a vida se for possível esse trato.

Maria de Oliveira então conversou baixinho com a princesa e acertaram o contrato. A princesa disse que o Rei apagasse a luz e ela entraria no escuro. O Rei assim fez e Maria de Oliveira foi no lugar da princesa. Algumas horas depois, o Rei, satisfeito por ter enganado o destino, deixou a moça e, com uma bengala, veio até a cama de Maria de Oliveira, onde a princesa estava deitada, e deu-lhe uma surra feroz, julgando bater em Maria de Oliveira.

Durante a noite o Rei tirou do pescoço um colar de ouro e colocou em Maria de Oliveira. Depois pegou no sono e a moça escapuliu-se para seu quarto, indo a princesa para o quarto do Rei, toda machucada pelas bengaladas.

Na manhã seguinte o Rei admirou-se de a princesa estar tão abatida e pesarosa e Maria de Oliveira, que apanhara tanta pancada, andar pulando feito canário.

À noite foi a mesma cousa. Maria de Oliveira ganhou um anel com o nome do Rei e este veio dar outra sova na pobre princesa, certo de que estava surrando Maria de Oliveira.

Durante o dia a surpresa do Rei foi enorme. Maria de Oliveira viva como um azougue. A princesa molenga, arrastando os pés, amarela como flor de algodão.

Na terceira noite, Maria de Oliveira recebeu uma pulseira e a princesa outra carga de pau.

Vendo-a tão doente, calada, sucumbida, o Rei não quis saber de muita conversa. Desconfiou de ter acontecido algum sucesso estranho. De mais a mais Maria de Oliveira não veio almoçar ficando no quarto, dizendo que estava doente.

– Ah! Desta vez a bengala fez milagre e desencantou a bicha! Vamos ver essa mocinha cheia de prosa!

Tocou-se para o quarto de Maria de Oliveira. Encontrou-a muito linda, bem-vestida, com o colar no pescoço, anel no dedo e pulseira no braço.

O Rei, aproximando-se, reconheceu as joias que pensava ter dado à princesa e ficou espantado.

– Quem te deu essas joias, Maria de Oliveira?

– Foi o Rei meu senhor!

O Rei balançou a cabeça e rodou em cima dos pés, indo mandar preparar um navio para a princesa viajar, voltando ao reinado do rei seu Pai, levando muitos presentes e desculpas.

Não podendo mais lutar contra o destino, o Rei casou com Maria de Oliveira, coroando-a rainha e foram muito felizes.

Luísa Freire,
Ceará-Mirim, Rio G. do Norte.

O FILHO FEITO SEM PECADO

Uma moça deu luz a uma criança e a mandou educar longe da cidade em que morava, para que ninguém soubesse jamais de sua culpa. O menino cresceu, fez-se homem e veio visitar a cidade, justamente onde sua mãe vivia. O rapaz viu-a, enamorou-se dela e se casou. Meses depois descansando o marido no colo da mulher, reparou esta numa medalha de ouro, com a efígie de Nossa Senhora da Conceição, lembrança que pusera ao pescoço do filhinho, ao separar-se dele. Sentindo-se criminosa e não querendo prolongar aquela união sacrílega, contou sua história ao esposo que era, sem saber, seu folho. Este partiu imediatamente para longe e não mais enviou notícias.

Depois nascias um filho, batizado com o nome de Tomé e a mãe anunciou dar um grande prêmio a quem decifrasse o enigma que apresentaria. Não acertando, pagariam uma multa. A mulher educou seu filho como um príncipe, foi muito feliz e morreu rica porque ninguém conseguiu decifrar o enigma que era assim:

Meu filho Tomé Que
muito me é"
É filho do meu filho,
Irmão do meu marido.
É meu neto e meu cunhado,
Filho feito sem pecado!

Contado por Luísa Freire, em
Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte.

ANEXO B – POEMAS E CONTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade

A noite não adormece nos olhos das mulheres

Em memória de Beatriz Nascimento

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas- luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas,
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência

Amoras

Em nossos lábios pretos
brincava o tempo da boca roxa.
Os dias passavam em demora,
lentos, as horas tilintavam no fundo das panelas.
O cozimento da escassa comida tinha
a delonga de um fausto e falso repasto,
banquete de fartura sempre adiada.
Eram as amoras o nosso antepasto,
a salivar de roxo o perene jejum forçado
de uma eterna quaresma à espera
de uma Páscoa, em que a passagem
era da fome para a fome

Olhos d'água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio uma cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a

salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorríamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado..., mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele

momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

ANEXO C – LETRAS DAS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA E EMICIDA

ABC do Sertão – Luiz Gonzaga

Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender um outro ABC
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê

O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê

Até o ypsilon lá é pissilone
O eme é mê, i o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê

A, bê, cê, dê
Fê, guê, lê, mê
Nê, pê, quê, rê
Tê, vê e zê

Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender outro ABC
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê

O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê

Até o ypsilon lá é pissilone
O eme é mê, i o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê

A, bê, cê, dê
Fê, guê, lê, mê
Nê, pê, quê, rê
Tê, vê e zê

Até o ypsilon lá é pissilone
O eme é mê, i o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê
[...]

Boa Esperança – Emicida

Por mais que você corra, irmão
Pra sua guerra vão nem se lixar
Esse é o xis da questão
Já viu eles chorar pela cor do Orixá?

E os camburão o que são?
Negreiros a retraficar
Favela ainda é senzala, jão
Bomba relógio prestes a estourar

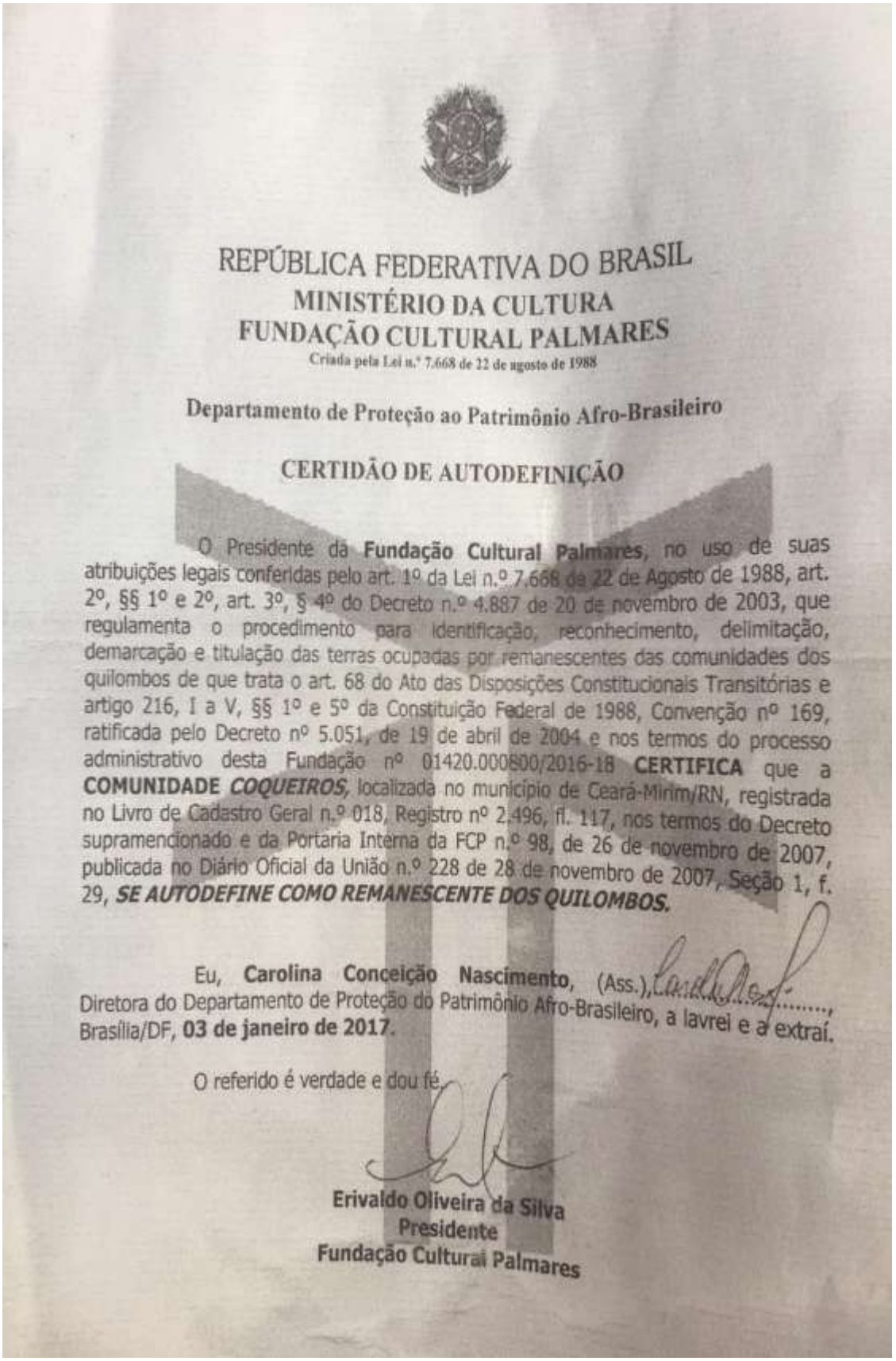
O tempero do mar foi lágrima de preto
Papo reto, como esqueletos, de outro dialeto
Só desafeto, vida de inseto, imundo
Indenização? Fama de vagabundo!

Nação sem teto, Angola, Ketu, Congo, Soweto
A cor de Eto'o, maioria nos gueto
Monstro sequestro, capta três, rapta
Violência se adapta, um dia ela volta 'pu' 'cêis

Tipo campos de concentração, prantos em vão
Quis vida digna, estigma, indignação
O trabalho liberta, ou não?
Com essa frase quase que os nazi', varre os judeu, extinção!

[...]

ANEXO D – CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO QUILOMBOLA



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação nº 01420.000800/2016-18 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADE *COQUEIROS***, localizada no município de Ceará-Mirim/RN, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 018, Registro nº 2.496, fl. 117, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, ***SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTE DOS QUILOMBOS.***

Eu, **Carolina Conceição Nascimento**, (Ass.),.....,
Diretora do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí.
Brasília/DF, **03 de janeiro de 2017**.

O referido é verdade e dou fé.

Erivaldo Oliveira da Silva
Presidente
Fundação Cultural Palmares

ANEXO E - TABELA 21 - ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO RESIDENTE, TOTAL E QUILOMBOLA, POR LOCALIZAÇÃO EM TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS

Censo Demográfico 2022

Quilombolas e Indígenas, por sexo e idade, segundo recortes territoriais específicos:

Tabela 21 - Índice de envelhecimento da população residente, total e quilombola, por localização em Territórios Quilom

Cód.	Municípios	Índice de envelhecimento	
		Total	Total
1100015	Alta Floresta D'Oeste (RO)	67.54	60.00
1100023	Ariquemes (RO)	52.89	-
1100031	Cabixi (RO)	93.89	-
1100049	Cacoal (RO)	66.31	-
1100056	Cerejeiras (RO)	69.09	50.00
1100064	Colorado do Oeste (RO)	87.16	-
1100072	Corumbiara (RO)	71.13	150.00
1100080	Costa Marques (RO)	41.73	47.01
1100098	Espigão D'Oeste (RO)	61.48	-
1100106	Guajará-Mirim (RO)	40.14	132.88
1100114	Jaru (RO)	64.02	-
1100122	Ji-Paraná (RO)	59.02	-
1100130	Machadinho D'Oeste (RO)	52.25	-
1100148	Nova Brasilândia D'Oeste (RO)	77.89	-
2401800	Brejinho (RN)	70.15	-
2401859	Caiçara do Norte (RN)	53.76	-
2401909	Caiçara do Rio do Vento (RN)	76.45	-
2402006	Caicó (RN)	101.17	-
2402105	Campo Redondo (RN)	89.83	-
2402204	Canguaretama (RN)	50.96	-
2402303	Caraúbas (RN)	101.07	-
2402402	Carnaúba dos Dantas (RN)	81.45	57.14
2402501	Carnaubais (RN)	70.25	-
2402600	Ceará-Mirim (RN)	56.63	56.96
2402709	Cerro Corá (RN)	86.06	500.00
2402808	Coronel Ezequiel (RN)	91.57	-
2402907	Coronel João Pessoa (RN)	91.51	40.35
2403004	Cruzeta (RN)	109.39	-
2403103	Currais Novos (RN)	102.83	33.72